



## **LIE-TZU – TRATADO DO VAZIO PERFEITO**

Imagem de  
Zhang Lu (1464-1538)

Lie-Tzu  
TRATADO DA VACUIDADE PERFEITA  
(O CAMINHO SEM CAMINHOS)

Tradução do Chinês para o Inglês:  
Eva Wong

Tradução do Inglês para o Português  
Amadeu António Tavares Duarte

Revisão e Edição de  
Shen Long Fang

2017



Dedicado a todos os buscadores da verdade e a todos os seres sencientes.

## **Nota de Revisão**

Esse ebook foi feito com o intuito de trazer a filosofia Taoísta de Lie-Tzu ao público brasileiro, uma obra tão bela e fundamental ao pensamento Taoísta e, ainda sim, atualmente fora de tiragem no Brasil.

A presente tradução, obtida no blog *Metafísica e Individualização*, foi realizada por Amadeu António Tavares Duarte do livro *Lieh-Tzu: A Taoist Guide to Practical Living* da autora Eva Wong. Devido à escassez de bibliografia, a revisão e edição foram feitas com base no livro *The Book of Lieh-Tzu - A Classic of Tao* do autor A. C. Graham – livro que contém a mesma obra de Lie-Tzu – o que acabou por trazer ainda mais riqueza para a presente tradução.

- Shen Long Fang

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>PREFÁCIO</b> .....	10
<b>LIVRO PRIMEIRO: AS DÁDIVAS DO CÉU</b> .....	16
Introdução .....	16
1 – Aquilo que é imanifesto dá vida a todas as coisas.....	16
2 – Todas coisas se acham ligadas e procedem da mesma fonte.....	19
3 – Céu e terra têm as suas forças e fraquezas.....	20
4 – Vida e morte .....	21
5 – Sombras, sons e fantasmas .....	22
6 – Estágios da vida .....	24
7 – A vida é árdua, a morte é repouso .....	25
8 – O valor do vazio .....	29
9 – Estão as coisas em crescimento ou em decadência?.....	30
10 – Receio de que o Céu e a Terra entrem em colapso.....	30
11 – Vida que é emprestada, riqueza que é roubada .....	31
12 – O conselho do senhor Kuo .....	32
<b>LIVRO SEGUNDO: O IMPERADOR AMARELO</b> .....	35
Introdução .....	35
13 – O Imperador Amarelo visita as regiões imortais .....	36
14 – Cavalgando o vento, flutuando com as nuvens .....	38
15 – A arte de permanecer debaixo de água e de caminhar sobre o fogo .....	40
16 – A arte do tiro ao arco .....	41
17 – Façanhas de poder .....	42
18 – A arte de domar tigres .....	45
19 – A arte de conduzir um barco.....	46
20 – A arte de nadar.....	47
21 – O homem que conseguia caminhar sobre o fogo.....	48

22 – Lie-Tzu e o feiticeiro .....	49
23 – O receio de Lie-Tzu .....	51
24 – Lao-Tzu ensina Yang-Chu.....	52
25 – Que terão as aparências de errado?.....	53
26 – Suavidade e rigidez.....	55
27 – Virtude e integridade .....	57
<b>LIVRO TERCEIRO: O REI MU DE CHOU .....</b>	<b>59</b>
Introdução.....	59
28 – O sonho do rei Mu .....	60
29 – Aprendendo as artes arcanas.....	62
30 – Sonhos .....	63
31 – A verdade acerca da felicidade e da infelicidade .....	65
32 – O que será real e o que será irreal?.....	66
33 – O homem que perdera a memória .....	68
34 – Quem é que se encontra confuso? .....	69
35 – O homem que ficou chateado por nada .....	70
<b>LIVRO QUARTO: CONFÚCIO .....</b>	<b>71</b>
Introdução.....	71
36 – A verdadeira felicidade e contentamento .....	71
37 – Ver com ouvidos e ouvir com os olhos .....	73
38 – Quem será sábio?.....	74
39 – Que coisa é a sabedoria?.....	75
40 – O homem com cara de pau .....	76
41 – A arte de viajar e de ver a paisagem.....	77
42 – A estranha doença de Lung-Shu.....	78
43 – Respondendo naturalmente.....	79
44 – Há algumas coisas que simplesmente não se pode combater .....	79
45 – Quem está a apoiar quem?.....	80
46 – Que coisa é a força?.....	81
47 – Os estranhos argumentos de Kung Sun Lung.....	82
48 – Saber quando se retirar .....	85

<b>LIVRO QUINTO: AS QUESTÕES DE TANG</b> .....	87
Introdução.....	87
49 – De onde é que vêm as coisas? .....	87
50 – O homem que tentou mover as montanhas.....	88
51 – O homem que tentou perseguir o sol.....	89
52 – O País do Norte .....	90
53 – Costumes estranhos em países estranhos.....	91
54 – As perguntas de uma criança .....	92
55 – A arte de pesca.....	93
56 – Intercâmbio de mente e coração .....	94
57 – O músico Wen aprende a tocar o alaúde .....	95
58 – Quando Erh de Han cantou.....	96
59 – Espíritos afins .....	97
60 – Artificial ou real?.....	98
61 – Aprender a arte do tiro.....	99
62 – Tsao-Fu aprende a conduzir .....	101
63 – A vingança de Lai-Tan .....	103
<b>LIVRO SEXTO: ESFORÇO E DESTINO</b> .....	106
Introdução.....	106
64 – O Esforço discute com o Destino .....	107
65 – A sorte e o mérito .....	108
66 – A amizade de Kuan-Chung e Pao-Shuia .....	110
67 – Serão a ida e a morte uma questão de esforço ou de destino?.....	114
68 – Um médico medíocre, um bom médico e um médico com engenho .....	116
69 – O natural fluir dos eventos.....	117
70 – Não podemos conhecer as pessoas diferentes de nós .....	119
71 – Sucesso e fracasso .....	120
72 – O rei que era ávido em relação à vida e receava a morte .....	121
73 – A morte não é uma perda.....	122
<b>LIVRO SÉTIMO: YANG-CHU</b> .....	124
Introdução.....	124
74 – Um nome não representa nada e os títulos são destituídos de sentido .....	124
75 – Vida e morte .....	126

76 – Na vida pode haver diferenças; na morte, tudo é o mesmo .....	128
77 – As riquezas podem prejudicá-los, mas a pobreza também .....	128
78 – Cuidar de si próprio .....	129
79 – Um louco ou um homem iluminado? .....	130
80 – Que é que prejudica mais a saúde - o prazer irrestrito ou trabalho duro obsessivo? .....	131
81 – Todos deverão morrer em qualquer altura.....	134
82 – Sacrificaria um fio de cabelo em benefício do mundo? .....	134
83 – Governar um país é como cuidar de um rebanho de ovelhas .....	136
84 – As coisas não são tão permanentes quanto pensamos que sejam .....	136
85 – Longevidade, fama, posição social e riqueza .....	137

## **LIVRO OITAVO: EXPLICANDO COINCIDÊNCIAS.....** 140

Introdução .....	140
86 – Ação e reação.....	140
87 – Por que as pessoas seguem o caminho do Tao? .....	141
88 – Lie-Tzu aprende a arte do tiro ao arco.....	141
89 – Escolher a pessoa certa para o trabalho .....	142
90 – Poderemos competir com a natureza? .....	142
91 – As palavras de alguém podem contribuir para o nosso bem ou desgraça .....	143
92 – Estar no lugar certo no momento certo.....	143
93 – Se eu posso pisar em alguém, alguém pode pisar em mim .....	145
94 – Para resolvermos um problema, precisamos remover a causa, e não o sintoma .....	145
95 – Confiança e fé.....	146
96 – A melhor maneira de manter um segredo é não falar.....	147
97 – Aqueles que têm êxito não são animados pelo sucesso; aqueles que sabem não exibem os conhecimentos que têm .....	148
98 – Fortuna e azar .....	149
99 – Uma questão de sorte.....	150
100 – Ver para além das aparências .....	151
101 – Governar a vida e governar um país.....	152
102 – Posição, riqueza e capacidade podem trazer-nos problemas.....	153
103 – Aplicando um mesmo princípio a todas as situações .....	153
104 – Retribuição por acidente.....	154
105 – Confundindo designação e realidade .....	155



106 – Morrer por alguém que os valoriza é natural.....	156
107 – Confuso com tantas alternativas .....	156
108 – Yang-Pu e o cão.....	158
109 – Conhecimento e ação.....	158
110 – Capturar e liberar - um ato de compaixão ou de crueldade? .....	159
111 – Quem foi criada para quem a comer?.....	160
112 – Está tudo na nossa mente.....	160
113 – Aqueles que se envolvem ficam confusos; aqueles que observam têm clareza .....	162

## INTRODUÇÃO

As palavras do taoísta Lie-Tzu, nascido por volta de 400 a.c., dois séculos após Confúcio e Lao-Tzu, foram registadas (e talvez mesmo alteradas e incrementadas) por altura das dinastias Han e Chin (200- 400 d.c.). Ele viveu no período primaveril e outonal da dinastia ocidental de Chou (770-476). A maioria dos historiadores concorda agora que ele tenha vivido por volta de 400 a.c., cerca de duzentos anos após Lao-Tzu e Chuang-Tzu. Teve a posição de cidadão do reino feudal de Cheng, e à semelhança de muita gente do seu tempo que se via cansada das lutas e intrigas políticas, ele jamais ocupou um cargo governamental. Tinha a reputação de ter estudado sob a alçada de Wen-Tzu, que foi um estudante de Lao-Tzu, e de vários outros personagens obscuros e lendários tal como Hu-Tzu e o velho Shang, o Imortal.

Aquilo que nos chega através dos textos que prevalecem, que foi escrito ao longo de um período de seiscentos anos, não se assemelha às palavras de um mestre que se encontrava acima dos outros, mas à voz de alguém que se ri de si mesmo e de todos os esforços por permanecer atento, sábio e íntegro. Contudo, durante os cem anos mais ou menos em que foi compilado, o Lie-Tzu não recebeu o tipo de atenção que fora dado ao Lao-Tzu e ao Chuang-Tzu. Além disso, por Lie-Tzu conter mais histórias do que debate filosófico formal, teve seu trabalho considerado como um trabalho menor.

Quando o Taoísmo alcançou o topo do seu desenvolvimento na dinastia Tang (entre o século sete e dez), porém, Lie-Tzu, Lao-Tzu e Chuang-Tzu tiveram seus trabalhos reconhecidos como os três clássicos do Taoísmo. A partir de então o lugar que teve nos clássicos Taoístas foi firmemente estabelecido.

O trabalho de Lie-Tzu constitui uma coleção de histórias e de reflexões de carácter filosófico. Embora as histórias tenham sido estabelecidas no período primaveril e outonal e nos primeiros anos dos Estados em Guerra, os seus ensinamentos refletem o tipo de Taoísmo que prevaleceu nos anos posteriores dos Estados em Guerra, as dinastias Chin, Han, e mesmo Wei, ou seja, até cerca de 420 d.c. Durante esses anos, a China encontrava-se num estado de caos político e social. Já antes por volta de 600 a.c. na dinastia Chou Ocidental, os governantes dos estados feudais disputavam o poder, primeiro por vias encobertas e diplomáticas durante o período primaveril e outonal, e mais tarde em guerra aberta durante o período dos Estados em Guerra. O forte prevalecia enquanto o fraco

perecia. Foi a era dos “estadistas mercenários”, conselheiros políticos e militares que ofereciam as suas aptidões a quem pagasse mais.

A política era coisa suja, os membros da família espiavam uns os outros e os assassinatos eram coisa comum. A traição e a intriga achavam-se disseminadas por entre os funcionários do governo, e uma pessoa podia facilmente perder a vida no jogo perigoso da política. A virtude e a lealdade não garantiam segurança. Sob tais circunstâncias, o que as pessoas poderiam fazer? Muitos optavam por entrar no jogo da política e assumir os riscos, mas outros, como Lie-Tzu, preferiam permanecer afastados.

Já tinham existido eremitas mesmo antes dos Estados em Guerra, só que eram indivíduos que tinham as suas razões para abandonarem a sociedade. Apenas quando Lie-Tzu se tornou um eremita, foi apresentado como uma forma de vida alternativa. Aqueles que se retraíam do mundo político e social podem ter sido capazes de sobreviver e ainda assim de preservar a sua integridade pessoal.

Como se as coisas não fossem suficientemente más, os Estados em Guerra terminaram no governo tirânico da dinastia Chin (221-207 a.c.). Numa tentativa de esmagar a oposição, o imperador Chin mandou executar os académicos e queimar livros. Os primeiros anos da dinastia Han Ocidental (206-8 a.c.) providenciaram uma breve pausa no reino de terror, mas após uns cem anos de paz, surgiram de novo intrigas na corte, e eventualmente Wang Meng, um poderoso ministro, afastou o fraco imperador, dissolveu o Han Ocidental e fundou a sua própria dinastia (9-42 d.c.).

Durante a dinastia Han Ocidental o Confucionismo foi favorecido pelos imperadores, que tinham esperado uma filosofia que promovesse a propriedade, a virtude, e uma responsabilidade que criassem uma estrutura social estável. Que um ministro pudesse depor um monarca provocou não só um golpe à continuidade política da dinastia Han como também pôs em questão a efetividade do Confucionismo no estabelecimento da estrutura social. Desiludidos com o Confucionismo, muitos intelectuais abandonaram-no em favor do Taoísmo, que na altura advogava o não envolvimento na política e se focava no cultivo da pessoa.

Embora a dinastia Han tenha sido reavivada após Wang Meng ter sido derrotado e morto, a paz teve vida curta. Em menos de quarenta anos, apareceram de novo intrigas na corte, dessa vez mais viciosas do que nunca, e os eunucos tornaram-se intervenientes importantes na política da corte. Facções nas elevadas posições do governo digladiavam-se umas às outras por controle de imperadores jovens e fracos, e assassinatos e traições uma vez mais se tornaram no modo de tratar os rivais.

Numa tentativa de eliminar os eunucos, um dos generais, Yuan-Shao, recrutou o auxílio de um chefe de clã bárbaro, mas o plano foi descoberto e o próprio Yuan-Shao foi morto. Quando só exércitos bárbaros chegaram à capital, eliminaram os eunucos, saquearam e pegaram fogo à zona interior, e recusaram-se a ir embora. Desse caos surgiu Ts'ao-ts'ao, um ministro ambicioso que depois os bárbaros, se tornou regente, e tomou o controle do imperador. Seguiu-se então cerca de cinquenta anos de guerra-civil em que os reinos de Wei, Shu e Wu se lutaram pelo controle da região.

Durante esse período a vida era, quando muito, precária. Nos Estados em Guerra podia-se sobreviver permanecendo longe da política. Nos últimos anos das dinastias Han e Wei, permanecer afastado não era opção. O clã Ssu-Ma passou a considerar aqueles que permaneciam afastados como opositores, e estes deveriam ser eliminados. Foi um período em que ser virtuoso e leal não os podia salvar, armar esquemas e ser inescrupuloso lhes podia custar a vida e evidenciar vontade de se afastar da situação os podia conduzir à morte. Sob tais circunstâncias, que poderiam fazer? Se a vossa vida estivesse em perigo a cada instante, de que serviria fazer planos para o amanhã? Por que não reconhecer a brevidade da vida, que não têm controle sobre o destino, e que renome, fortuna, e reputação social não valiam o sacrifício de um só dos vossos cabelos? Foram estas condições sociais e política que deram início à filosofia discutida no capítulo Yang-Shu do Lie-Tzu.

Talvez as vidas de um grupo de pessoas conhecidas como os Sete Sábios do Bosque do Bambu melhor ilustram esta perspectiva da vida. Esses sete sábios encontravam-se amiúde na floresta de bambus e passavam o seu tempo a cantar, a tocar música, e improvisar poesia, e a beber. A sua poesia e cantigas versavam sobre a natureza transitória da vida e da vaidade (vazio) que constituíam a fama e a fortuna. Para eles, as convenções sociais e as regras da propriedade eram piores do que a prisão política. Essas regras sociais sufocavam a liberdade de pensamento, de ação, e do sentir. A vida de Lui Ning, um desses sete sábios, representou em si mesma uma rebelião contra todas as convenções sociais do seu tempo. Ele permaneceu afastado da política e evitou a vida social. Andava despenteado, de pés descalços, e passava o tempo a beber e a escrever poesia. Num dos seus poemas escreveu: “Se eu morrer à beira do caminho, abram simplesmente uma cova e enterrem-me nela.” Numa outra de suas cantigas, gracejou que era melhor e mais seguro passar a vida num torpor alcoólico do que estar ao corrente do que se passava no mundo. Embora o caminho alternativo que o Lie-Tzu defende não atinja

tais extremos, possui a mesma coragem de se rir das pessoas vazias que perseguem objetivos triviais na vida.

Que propósito terá a vida? Para alguns, o objetivo do viver reside em tornar-se um cidadão útil e servir a sociedade e a nação, obter renome e contribuir para as artes e as ciências. Contudo quando os tempos são de opressão e as pressões sociais e políticas ameaçam ditar as ideias e as ações das pessoas, o homem sensato percebe que muitas coisas na vida excedem a seu controle e, assim, não se dispõe a trocar a liberdade e a paz de espírito por uma vida de ansiedade que acompanha a fortuna e o renome. Foi essa perspectiva de vida que incitou o grandioso poeta chinês Tu Fu a clamar: Não importa o quão famoso sejas, um dia destes deves morrer,” e o filósofo Yang-Chu a dizer: “Na vida podemos ser todos diferentes, mas na morte somos todos iguais.” Esta voz ecoa por todo o Lie-Tzu, e adverte-nos de que nome, título, e reputação social não valem o sacrifício da saúde física e do bem-estar mental.

Muita gente pensa que todos os Taoístas tenham sido eremitas, retirando-se das questões mundanas. Isso não corresponde à verdade dos fatos. Na história da China, nem todos os Taoístas eram reclusos. Alguns achavam-se ativos nas instituições políticas, trabalhavam de perto com o governo e recebiam apoio imperial. Durante a dinastia Yuan (1271-1368 d.c.) sob a liderança de Ch’iu Ch’ang-Ch’un, a Escola Taoísta da Completa Perfeição, ou Quanzhen, apoiou o imperador e serviu a região na qualidade de conselheiros espirituais.

Também havia taoístas que não se satisfaziam com o status-quo mas que acreditavam que poderiam ser feitas alterações por meio de reformas na política existente e no sistema social. O grande sábio taoísta e erudito da dinastia Sung, Chen Hi-Yi, era uma pessoa assim. Ele não serviu oficialmente como conselheiro, mas as propostas que elaborou com vista à reforma política e social foram adotadas pelo imperador. Sua proposta mais famosa que fez o imperador Sung preservar Hua-shan como um santuário Taoísta.

Existiram também taoístas que não aceitavam o estado político e social vigente, acreditando que reforma poderia ser efetiva. Assim, procuraram mudar tal situação por meio da rebelião e da revolução. Chan-Tao-Liang – o homem que ganhou reputação de ter tornado o Taoísmo de uma filosofia, que antes era somente uma religião – constituiu um exemplo disso. Um exemplo mais recente foi a revolta Boxer na virada do século 20, que envolveu os Taoístas Maoshan (uma seita que advogava práticas mágicas).

Por fim, existiam Taoístas que nem apoiavam o status-quo nem acreditavam que a reforma e a revolução pudessem representar opções viáveis. Não queriam, fazer parte de nenhum grupo, quer fosse a favor ou contra ao sistema estabelecido. Esses eram os eremitas ou reclusos, e o seu modo de vida é apresentado por Lie-Tzu.

Até mesmo os eremitas têm diferentes razões para uma vida de ausência de envolvimento, e eram aqueles que se tornavam eremitas em protesto contra um governo estabelecido, como Po-Yi e Shu-Chi, que prefeririam morrer de fome nas regiões selvagens do que servir um senhor inimigo. Havia quem decidisse tornar-se eremita devido ao cansaço e à desilusão que sentiam em relação ao mundo, como Lao-Tzu, e Lu Tung-Pin. Haviam aqueles que, semelhantemente a Lie-Tzu, se tornavam eremitas não por questões de desapontamento ou de protesto contra o sistema, mas por uma inclinação natural a se tornarem reclusos.

Lie-Tzu era um eremita natural. A partir da escassa informação que nos chega acerca dele, ficamos a saber que, ao contrário de Lao-Tzu, ele jamais ocupou uma função. Ao contrário de Lu Tung-Pin, ele jamais aspirou a ter um cargo ou a obter êxito na política. Tinha por disposição natural viver uma vida simples e tranquila, afastado dos assuntos turvos do mundo.

Os textos taoístas contêm uma filosofia destinada a ser vivida. Quando lemos livros sobre Taoísmo, esperamos que os ensinamentos nos despertem e nos iluminem, e nos guiem nas nossas vidas. O Tratado do Vazio Perfeito é um livro que constitui uma tentativa de deixar que Lie-Tzu nos fale como se estivesse aqui presente. Tem a esperança de comunicar a intenção do texto ao permitir que o texto fale por si próprio. Esse método de apresentar um texto é chamado de “expor” o texto, e não é de forma nenhuma novo. Faz parte da disciplina da hermenêutica, uma técnica que tem sido utilizada primordialmente na interpretação do sentido dos textos religiosos.

As ideias principais da hermenêutica são as seguintes:

- Um texto possui muitos níveis de significado. O sentido que a semântica do texto carrega constitui o sentido superficial.
- Um nível mais profundo de sentido é expressado na forma como as palavras são expressadas, e não só no que é pronunciado no texto.
- Níveis ainda mais profundos de sentido acham-se contidos na “intenção” de um texto, que constitui a sua “voz”.

- Os níveis ainda mais profundos do significado podem ser captados pela escuta.
- Textos religiosos e espirituais tendem a conter vários níveis de significado. O objetivo da hermenêutica consiste em “expor” o texto de forma que os níveis do sentido possam ser revelados.

A sabedoria é atemporal e transcende a linguagem. Ao mesmo tempo, a linguagem pode ser utilizada para expor o sentido de um texto. Se pudéssemos ver-nos livres das restrições linguísticas, eliminar o processo da tradução de uma língua para outra, e ir diretamente dos ensinamentos do Lie-Tzu para dar expressão à sua voz na língua ocidental, haveria de requerer que nos posicionássemos no estado de espírito em que o Lie-Tzu deva ter vivido, ou pelo menos pudéssemos ter afinidade pelo Lie-Tzu. Para isso precisamos tornar-nos unicamente num canal do Lie-Tzu, e deixar que ele flua naturalmente após nos termos imerso por completo nos seus ensinamentos. Quando mais vazio mantivermos a mente, mais clara será a voz do texto. Assim, expor um texto e revelar o seu sentido requer espírito tranquilo, bem ao contrário de um estado de espírito analítico exigido pelo trabalho de tradução.

Qual será, pois, a voz de Lie-Tzu? Para mim é uma voz amiga, informal, e não a voz de um sábio onisciente ou mestre. É a voz de alguém que dá conselho não porque seja um perito, mas por ter cometido erros e aprendido com eles. Procede de uma pessoa que nos permite dar atenção. Ele fala, pausa e ouve, após respondermos, volta a falar.

Não obtenho a mesma sensação da leitura do Lao-Tzu o qual fala como um sábio apresentando suas ideias de uma maneira organizada. Além disso, ao terminamos a leitura, não nos resta nenhum ponto de interrogação. Cabe a nós inteiramente compreendê-lo.

Chuang-Tzu transmite uma sensação diferente. O Chuang-Tzu é um excêntrico que ri de si mesmo e não se interessa por se fazer compreender. Chuang-Tzu vagueia por um mundo diferente do nosso, completamente afastado dos assuntos do cotidiano. Ele vive num mundo em que as coisas vêm e vão em instantes fugazes, e em que o solo da realidade se encontra em constante mudança. Vez por outra conseguimos catar um vislumbre, mas teria sido impossível permanecer a seu lado e conversar com ele.

Lie-Tzu é diferente. Lie-Tzu vive no nosso mundo e fala de experiências que conseguimos compreender. Fala sobre a vida e a morte, a fortuna e o infortúnio, o ganho e a perda, coisas por que nos interessamos, e problemas que queremos resolver na nossa própria vida. Ele fala da corrida alucinada pela fortuna e pelo renome e os infortúnios da

busca do reconhecimento social. Desdenha das pressões sociais e das ocupações sem sentido dos ricos e famosos. Fala sobre a amizade, a comunicação humana, os sonhos, a realidade, e aprendizagem. Fala de coisas que não nos atrevemos a falar, mas quando lhe damos ouvidos, podemos sorrir, rir, ou acenar com a cabeça em concordância. O despertar da ignorância não é rude, mas suave. É como se alguém suavemente nos abanasse e acordasse de um sono profundo. Assim, enquanto Lao-Tzu nos fala e o Chuang-Tzu fala dele próprio, o Lie-Tzu conversa conosco.

Lie-Tzu explora questionamentos que nós colocamos regularmente: Que será a vida e a morte? Porque correrão as coisas sem problemas para alguns e não para outros? Como podemos lidar com a ansiedade e a frustração no nosso cotidiano? De que maneira podemos aprender mais efetivamente? Que é a verdadeira a felicidade na vida? Porque existem tantos problemas no mundo? Qual o verdadeiro valor dos bens materiais e os ganhos sociais? Assim, Lie-Tzu nos guia em direção as respostas destes questionamentos. E somente quando tivermos encontrado as nossas respostas para essas questões que fará sentido pensarmos na natureza do yin e do yang, em como essas energias interagem no universo e nos nossos corpos, como a energia circula no corpo e a que se assemelha a união com o Tao. Por outras palavras, o Lie-Tzu ajuda-nos a erguer as fundações necessárias para os elevados níveis do treino Taoísta.

Lao-Tzu e Chang-Tzu falam-nos do estado de iluminação. Descrevem a que se assemelha unir-se ao Tao e ficar repleto do sopro indiferenciado da origem. Não nos é dito como esses sábios atingiram a iluminação nem do caminho que tiveram que seguir. Por outro lado, Lie-Tzu mostra-nos as lutas que uma pessoa que tenta alcançar o esclarecimento enfrenta. Vemos Lie-Tzu às apalpadelas nas tentativas que empreendeu; vemos Lie-Tzu rir-se de si próprio. Vemos o tipo de treino a que teve que sujeitar-se e os obstáculos que teve que suplantar. É-nos mostrado a que se assemelha o caminho da iluminação ao invés do seu alcance.

Enquanto Lao-Tzu e Chuang-Tzu não mais se importam com o mundo já que o transcenderam, Lie-Tzu precisa lidar com problemas bem concretos, o mesmo tipo de problemas com que teríamos de lidar caso pretendêssemos embarcar num caminho espiritual. Ele tem que competir com pressões sociais, problemas financeiros, a política do seu tempo, a dúvida-própria e egocentrismo. Nem Lao-Tzu nem Chuang-Tzu nos narram os problemas que tiveram que enfrentar pelo caminho até atingirem a iluminação. Quando os defrontamos, eles já são esclarecidos, e falam do estado pós-iluminação. Por outro lado, Lie-Tzu fala do processo para a alcançar. O conhecimento do estado final do



treino espiritual é certamente importante, mas o conhecimento dos passos necessários ao processo é inestimável. Além disso, pelo fato de podermos relacionar-nos com os problemas que Lie-Tzu encontrou, descobrimos que o seu esclarecimento é muito mais efetivo e fiável.

Lao-Tzu descreve o estado de realidade que o sábio experimenta; Chuang-Tzu descreve o estado de espírito em que o sábio vive. Quantos sábios taoístas estarão na disposição de revelar experiências inerentes às suas vidas pessoais a título de exemplo para os outros? Lie-Tzu não receia dizer-nos que passou imenso tempo a aprender sob a instrução do Velho Imortal Shang. Nem teme admitir que foi tolo ao pensar que tinha dominado a arte do tiro ao arco quando não o conseguiu. Mesmo quando se tornou num mestre autêntico, admitiu que desfrutava da atenção e da lisonja. A sua esposa não tinha medo de o repreender, nem ele ficava frustrado com os ataques de fúria dela. Todas estas coisas nos revelam que ele era uma pessoa acessível e humilde. Quantos sábios, após terem ficado iluminados, conseguiram voltar para os seus lares, ajudar nos afazeres de casa e da cozinha, sem querer a atenção de discípulos ou admiradores?

Muita gente não admite as histórias de Lie-Tzu seriamente e as narra como contos de fadas. Mas é precisamente por algumas histórias se acharem tão afastadas da realidade do nosso quotidiano que conseguem dar-nos conta de coisas que de outro modo acharíamos difíceis de aceitar. Se Lao-Tzu é poesia e Chuang-Tzu é prosa, então Lie-Tzu constitui uma série de histórias em quadrinhos. Exagerando os aspectos ridículos das ações humanas, ele retrata a condição humana com bom humor e zomba dos tabus sociais. Quando rimos do humor retratado nas histórias de quadrinhos, em essência estamos a rir de nós próprios. Desse modo, enquanto Lao-Tzu constitui a voz da sabedoria sincera e o Chuang-Tzu representa a voz da sabedoria tresloucada, Lie-Tzu constitui a voz da sabedoria bem-humorada.

A filosofia de Lao-Tzu é iminente, e procede de cima; podemos admirá-la e esperar conseguir segui-la, mas é de difícil alcance. A filosofia de Chuang-Tzu procede de um mundo bastante diferente do nosso; podemos tentar captá-lo, mas revela-se demasiado esquivo de captar. A filosofia do Lie-Tzu vem da posição em que nos encontramos. Falamos ao nosso nível e fala de experiências relacionadas conosco e que conseguimos compreender. Finalmente, Lie-Tzu representa a voz que podemos ouvir seja onde for que estejamos ou o estado de espírito em que nos encontrarmos. Alguns textos falam apenas nas salas de aula; outros apresentam-se melhor em um retiro de montanha. Certos textos falam-nos quando nos sentimos sentimentais e outros quando nos sentimos calmos e em

paz. Seja qual for o que estado de espírito em que nos encontrarmos, Lie-Tzu sempre tem algo a dizer. Podemos ouvi-lo falar nas ruas cheias nos horários de pico; podemos ouvi-lo quando trabalhamos sossegadamente nos nossos jardins, ou enquanto damos um passeio à tarde, ou mesmo em meio a uma festa repleta de gente. Sentimos reverência por Lao-Tzu, perplexidade perante Chuang-Tzu, mas nunca temor por Lie-Tzu.

- Eva Wong

## PREFÁCIO

### **Parte 1 – As dádivas do Céu: Acerca da natureza do Tao e da origem das coisas:**

Todas as coisas têm origem no Tao, o vapor primordial indiferenciado que concede vida a todas as coisas. A criação tem quatro estágios: a Unidade Primordial, em que todas as coisas eram indiferentes umas das outras; o Emergente Primordial, quando o Vapor Primordial assumiu forma e tudo abrangeu no seu abraço; o Começo Primordial, quando as energias yin e yang interagiram a fim de produzirem as formas e os contornos das coisas; e a Substância Primordial, em que as formas assumiram qualidades e características definitivas.

A humanidade constitui um produto da interação das energias yin e yang, e, à semelhança de todas as coisas vivas, percorremos um ciclo de nascimento, crescimento, e de morte. Desse modo, nascimento e morte constituem ocorrências naturais e não deveriam ser combatidas.

Por devermos a nossa existência ao Tao, não somos senhores dos nossos corpos, nem tampouco temos controle sobre o nosso destino. Todas as coisas veem e vão naturalmente. O que tiver que vir virá sem que o ajudemos, e o que tiver que ir irá independentemente do quanto arduamente tentemos impedi-lo. Este é o caminho do Tao. Somente aqueles que entenderem isso poderão ser livres da ansiedade do nascimento, do crescimento, e da morte.

(N.T.: Toda esta última a noção de destino aqui apontada assenta numa enorme distorção, e a impossibilidade de dirigirmos o rumo das nossas vidas é próprio das abordagens indulgentes para com o “poder superior” implícito às noções ancestrais da fatalidade, pelo que se apela à compreensão do leitor para os múltiplos fatores que terão contribuído para tal, como limitação de crença da época e mesmo vagas as sucessivas de interpretação e de tradução baseadas na inclinação natural do tradutor)

## **Parte 2 - O Imperador Amarelo: Acerca da natureza do ceder ou da não resistência**

Na segunda parte o Lie-Tzu fala sobre a arte de ceder. O rígido ramo de uma árvore quebrará diante de uma forte ventania, enquanto um ramo brando e flexível sobrevive à tempestade. O conhecimento da reação à força com o ceder e de como absorver a força com a suavidade constitui a chave da sobrevivência.

No tempo de Lie-Tzu, as nações pequenas podiam somente sobreviver ao deixarem de opor resistência à força, e uma pessoa só conseguiria permanecer viva se não entrasse em conflito com as potências mais fortes. Conforme Lao-Tzu ensinou: “De todas as coisas, nada é mais brando do que a água, e, no entanto, ela consegue desgastar as rochas.” É igualmente isso que o Lie-Tzu recomenda. Mesmo a água que pode fluir através das fendas das rochas, ramos e troncos de árvores, ainda sim, pode ser separada por rochedos.

O ceder também constitui o segredo da transcendência dos limites do corpo e da mente. Apenas aqueles que não combatem os elementos podem fundir-se neles; ao fazê-lo, podem permanecer debaixo d’água sem se afogarem e caminhar sobre fogo sem se queimar.

Por fim, o ceder para o fluxo natural da vida e da morte e do ganho e da perda preparar-nos-á para o que acontecer. Não nos excitaremos com o ganho nem entristeceremos com a perda. Desimpedidos pelo medo, pela ansiedade, ou pelo entusiasmo, teremos liberdade para proclamar o que nos acometer, para pensar o que nos vier naturalmente à ideia, e para fazer o que naturalmente nos brotar do coração.

## **Parte 3 – O rei Mu de Chou: Acerca da natureza da realidade**

Aqui, Lie-Tzu questiona as perspectivas convencionais da realidade e pergunta: “O que será o real?” Com isso faz eco ao Chuang-Tzu, quando este dizia: “Estarei a sonhar que sou uma borboleta, ou serei uma borboleta que sonha que é um homem?”

Para Lie-Tzu, a realidade não é permanente conforme pensamos que seja. As fronteiras entre o real e o irreal, o despertar e o sonhar, são difusas. Por conseguinte, porquê dar tanta importância às coisas permanentes tais como fama e fortuna? Porquê forçar-nos a nós próprios a limites desnecessários e padecer de ansiedade e de infelicidade em nome da virtude e da honra? Para além disso, a adoção de uma abordagem alegre e

despreocupada para com o que é real poderá ajudar-nos a ter menos apego e a envolver-nos menos. Em resultado, tal como o homem que sente saudades e que ainda sim por nada se aborrece, poderemos compreender que a forma como nos sentimos depende daquilo em que acreditamos.

#### **Parte 4 – Confúcio: Acerca da natureza da iluminação**

De acordo com Lie-Tzu, a diferença entre a pessoa esclarecida e o não esclarecido tem lugar na relação existente entre mente e corpo, entre o próprio e os demais. O sábio Kang-Sen-Tzu conseguia ver e perceber sem olhos e ouvidos por ter a mente em sintonia com tudo o que o rodeava. Por vezes as pessoas esclarecidas ocultam a proficiência de que gozam, como o Conde de Kung-Yi. Por vezes, à semelhança de Nan-Kuo-Tzu, e de Kung-Sun-Lung, portam-se de modo contrário, ao apresentarem estranhos argumentos e ao falarem por paradoxos para despertar os outros da ignorância. Mas em todos os casos, o sábio nem critica nem ridiculariza os outros. E acima de tudo, para a pessoa iluminada, o esclarecimento espiritual constitui uma experiência comum e vulgar alcançável por qualquer um.

#### **Parte 5 – Os questionamentos de Tang: Acerca da natureza da atitude**

Nesta seção, Lie-Tzu fala-nos acerca das atitudes e do quão elas nos afetam. Há atitudes que nos destroem, como o orgulho, a competitividade, e a vingança. Há também atitudes que nos libertam da ansiedade e do estresse, como o desapego, a tranquilidade, e a paz interior.

O fato de uma dada coisa poder ser chocante ou não depende da atitude com que a abordamos. A compreensão e a comunicação dependem igualmente da atitude. Se escutarmos com uma mente serena e não deixarmos que as nossas ideias nos distraiam, entenderemos o outro, mesmo antes de pronuncie qualquer palavra. As pessoas que insistem deliberadamente em esclarecer a semântica destruirão tal atitude e limitarão a comunicação ao discurso e à palavra, e nenhuma compreensão espontânea ou intuitiva será possível.

A aprendizagem também requer uma atitude certa. Quer estejamos a cultivar a arte ou a ciência ou a dominar uma habilidade física ou a destreza mental, precisamos dissolver a barreira existente entre nós e o que é cultivado. A prática requer a capacidade de traduzir a intenção pela ação, o que por sua vez requer que o corpo tenha espontaneidade e capacidade de resposta e a mente permaneça imóvel e clara. Por conseguinte, em toda a matéria de aprendizagem, o treino de mente e de corpo são igualmente importantes. Se a mente estiver imóvel mas o corpo não tiver capacidade de reação, nenhuma intenção conseguirá ser comunicada ao corpo. Se o corpo tiver capacidade de reação e a mente se encontrar confusa, resultarão apenas as ações confusas.

Por fim, o ensino requer igualmente uma certa atitude. O verdadeiro professor é aquele que reconhece as suas limitações. Quantos professores ou peritos hoje poderão assemelhar-se a Confúcio, que era capaz de admitir às crianças não saber as respostas para as suas perguntas?

## **Parte 6 - Esforço e Destino: Acerca da natureza dos acontecimentos**

De acordo com Lie-Tzu, sorte e o infortúnio, a vida e a morte, sucedem por si próprias sem qualquer direção ou controle da nossa parte ou da parte de um ser supremo. Posto isso, porque preocupar-se com coisas em relação às quais não podemos fazer muito? Por que razão procurar predizer o que pode suceder e antecipá-lo com a ansiedade?

Lie-Tzu não sugere que devamos ser mórbidos e abraçar o destino. Ele sente que devíamos ser gentis conosco próprios se não quisermos matar-nos procurando fazer com que as coisas sucedam ou impedindo a sua ocorrência. Muitas vezes, sentimo-nos seguros quando pensamos ter considerado uma situação de todas as perspectivas ou sentimos que todas as contingências tenham sido previstas. Porém, tal sentido de segurança é falso, ninguém pode garantir o que ocorrerá e o que deixará de ocorrer.

O imperador de Chin ergueu uma enorme muralha e silenciou a oposição numa tentativa de fazer com que o Império perdurasse, mas a sua dinastia caiu após a sua morte. Podemos procurar tomar precauções e assegurar-nos das coisas em prole dos nossos filhos e sucessores, mas nada garante que as coisas saiam da forma que pretendemos.

Por fim, Lie-Tzu adverte-nos de que, como não exercemos controle sobre as circunstâncias externas, a única coisa que podemos fazer é controlar o modo como

reagimos. Por conseguinte, quando menos apegados formos para com os acontecimentos que nos rodeiam, menos conduzidos emocionalmente por eles seremos. Para Lie-Tzu a aceitação do destino não significa submissão à fatalidade. Trata-se de reconhecer que muitas são as coisas que se encontram além do nosso controle e que não somos impulsionadores dos acontecimentos. O mundo não gira ao nosso redor. À semelhança de tudo o mais, somos apenas uma parte do desenrolar dos acontecimentos.

## **Parte 7 – Yang-Chu: Acerca da liberdade pessoal**

A mensagem da sétima parte é muito simples e direta. A vida é curta e transitória; fama e renome são vazios, e as regras sociais e as convenções sufocam a liberdade pessoal.

O capítulo subordinado ao Yang-Chu é muitas vezes considerado uma anomalia em Lie-Tzu. Contudo, se examinarmos os ensinamentos de Yang-Chu de perto, perceberemos que estendem as ideias taoístas da não-ação (wu-wei) e da simplicidade à questão da liberdade pessoal. Para Lie-Tzu, regras, regulamentos, normas e conquistas sociais tais como fama, respeito, renome e reputação são todos obstáculos à liberdade de pensamento, de ação, de expressão, e do sentir. A abordagem que faz da vida é muito inequívoca e simples – vive a tua vida e não deixes que os outros mandem em ti. Vive de acordo com os teus princípios e não de acordo com os princípios de terceiros.

Contudo, a filosofia de Yang-Chu não representa uma forma irresponsável de hedonismo em que muita gente a torna. O conselho que Yang-Chu nos dá é de fazermos apenas o suficiente para levarmos uma vida de satisfação. Devemos saber quando parar, ou perderemos tudo.

Por fim, Yang-Chu tem algumas ideias perspicazes sobre tornar o mundo melhor, ou a “salvação do mundo”. Yang-Chu pensa que se as pessoas não fossem tão ansiosas por representar o herói ou o salvador e deixassem as coisas em paz, o mundo seria muito melhor. Certas pessoas podem pensar que este tipo de não envolvimento seja egoísta e indiferente. Contudo, muitas foram as atrocidades que foram cometidas em nome do “tornar as coisas melhores”. Se nos interrogarmos sobre quem tornarás as coisas melhores para quem, e por quais padrões, começaremos a entender o ponto de vista de Yang-Chu. Culturas nativas foram destruídas por algumas pessoas que pensaram que as coisas seriam melhores se os indígenas se tornassem “civilizados”. Foram cometidos genocídios pelo

fato de alguém ter pensado que o mundo seria um lugar melhor se certos grupos étnicos fossem exterminados. Quando consideramos o imenso número de coisas que foram perpetradas em nome do tornar o mundo um lugar melhor, a asserção que Yang-Chu faz de não sacrificar um cabelo em benefício do mundo provavelmente não seria a atitude egoísta e indiferente que é interpretada.

### **Parte 8 – Explicando coincidências: Acerca da relação existente entre as coisas**

Quer entendamos os acontecimentos como causa e efeito, uma resposta a uma situação, recompensa ou retribuição (punição), uma mera coincidência, ou um acidente, depende da forma como interpretamos os relacionamentos entre as coisas e os acontecimentos.

Existem acontecimentos que não podem ser explicados, de forma que os atribuímos à sorte, a um posicionamento no lugar certo à hora certa. Enquanto muita gente não considera a sorte como um fator sério, Lie-Tzu pensa ao contrário. Se estivermos dispostos a admitir que a sorte desempenha um papel nas nossas vidas, seremos menos pretensiosos em relação ao êxito e menos deprimiremos em relação ao infortúnio. De modo similar, se aceitarmos que alguns acontecimentos ou fenômenos simplesmente não podem ser explicados, o mais provável é que os deixemos em paz e não tentemos forçar ou impedir que ocorram.



# LIVRO PRIMEIRO

## AS DÁDIVAS DO CÉU

### Introdução

Os antigos diziam que o gigante Pan-Ku criou o mundo ao separar o céu e a terra com um enorme machado. As montanhas e os mares encaixaram nos seus devidos lugares; relva e arvoredos brotaram do solo, e os animais começaram a vaguear pela terra. Mas não existiam seres humanos. Então, a deusa Nu pegou numa terra amarelada, misturou-a com água das nascentes e formou uma pequena figura. Assim que a colocou no solo, esta pequena coisa saltou, correu e fez ruídos estranhos com a boca. O seu nome é “humanidade.”

Os antigos chineses viam a vida como uma dádiva dos céus e reconheciam sermos feitos da mesma matéria das montanhas, da terra, das plantas e dos animais. Lie-Tzu, que compreendeu isso, disse: “O vosso corpo não é pertença vossa; a forma que o compõe foi-vos emprestada pelo céu e pela terra. A vossa vida não vos pertence; chegou a existir pela interação das energias de céu e terra. A vossa mente e espírito não vos cabe controlar; elas seguem os modos naturais da terra e do céu. Os vossos filhos e netos não são posse vossa; eles não passam de flocos da vossa pele, por a procriação vos ter sido garantida pela terra e pelo céu.”

Como a vida constitui um fenómeno natural, o melhor é deixar que assim seja. Não há necessidade de gastar tempo nem esforço a tentar moldá-la ou a restringi-la com regras e regulamentos. Ao contrário, devíamos utilizar o nosso tempo no nosso próprio cultivo, de modo a podermos vaguear e saber para onde nos dirigimos, contentar-nos e saber o que nos impede, e comer e saber a forma como obtemos nutrição. A isso se chama “esquecer-se de si,” e alcançar esse estado de espírito é atingir o Tao.

### 1 – Aquilo que é imanifesto dá vida a todas as coisas

O nosso mestre Lie-Tzu era pessoa humilde e sincera que vivia numa pequena porção de terra cultivada, no Estado de Ching havia quarenta anos e ninguém sabia apreciá-lo por aquilo que ele era. Os seus pensamentos e ações dizem-nos que ele era invulgarmente comum; era despretensioso e jamais exibia os conhecimentos que possuía.

Ele levava uma vida simples e tranquila e não competia com os demais por reconhecimento. Por isso, tanto o Príncipe como os ministros e os demais oficiais do governo o tinham apenas na conta de mais um dos seus súditos.

Sem os encargos e problemas associados à fama e à fortuna, Lie-Tzu-Podia levar uma vida de lazer e ser livre para fazer o que quisesse e para ir onde quisesse. Para ele, ser um cidadão desconhecido era melhor do que ser uma pessoa detentora de poder e de responsabilidade. Numa altura em que os políticos faziam jogos de intriga, Lie-Tzu achava melhor permanecer em silêncio e ser sincero consigo próprio. Claro está que há coisas a que mesmo um sábio não pode escapar. Mas ao não se achar vinculado aos costumes e às convenções sociais, Lie-Tzu era capaz de lidar com a adversidade muito melhor que qualquer outra pessoa.

Mas, numa altura em que no Estado grassou a fome e ele deliberara emigrar para Wei, por pensar que para além do mais isso lhe daria a oportunidade de viajar para uma terra desconhecida e de alargar os horizontes do conhecimento que possuía, os seus discípulos perguntaram-lhe: "Agora que partis, sem que possamos prever data certa para o vosso regresso, ousamos finalmente interpelar-vos, mestre, em busca de instrução. Não terá o vosso mestre Hu-Tzu proferido nada que possais repartir conosco?" Eles tanto insistiram que por fim ele lá disse: "Pensem nisto. Um homem experimentado jamais profere uma palavra, mas podemos constatar que tudo tem o seu lugar no universo. A natureza tem muito a ensinar-nos. Tudo quanto precisais é abrir os olhos e olhar. As mudanças que veem na natureza seguem um curso; as quatro estações comportam-se de uma forma ordenada. Na verdade, todas as questões humanas seguem os mesmos princípios dos trabalhos do céu e da terra. Que mais poderei dizer?"

Mas como os estudantes não se deram por satisfeitos e o continuaram a importuná-lo com perguntas, e um deles perguntou: "Senhor, apesar de sentires não teres nada a dizer, poderás pelo menos dizer-nos o que o vosso mestre Hu-Tzu vos ensinou?"

Lie-Tzu sorriu e disse: "Supõe que Hu-Tzu era homem de conversar? De qualquer forma procurarei repetir aquilo que ele transmitiu a Pohun Maoren, um discípulo meu. Eu encontrava-me por perto e consegui apurar o seguinte:

“Há muitas coisas no universo que não compreendemos. Por exemplo, certas plantas e animais requerem auxílio dos outros para crescerem e sobreviverem, ao passo que outras não. Nós, humanos, dependemos das plantas e dos animais para sobrevivermos. Também precisamos que parte da nossa comunidade cultive a terra e crie gado para sustentarem o resto de nós. Por outro lado, os gatos conseguem crescer nas

condições mais hostis sem grande apoio para sobreviver. Em geral, aqueles que não dependem do ambiente externo para sobreviverem acharão a sobrevivência mais fácil do que aqueles que dependem. Quando o ambiente de apoio se extingue eles não perecem.’

‘Contudo, não devemos desprezar aqueles que dependem dos outros para a sobrevivência e devemos deixá-los crescer à sua própria maneira, pois o seu modo de vida tem o seu lugar na manutenção do equilíbrio do universo. Se tentarmos alterar o seu modo de vida, perturbaremos o equilíbrio das coisas, e a ordem do universo sairá perturbada.’

‘Todas as coisas têm o seu lugar no universo, quer sejam ativas ou passivas, quer se movam ou não. Satisfazem a função que têm no mundo simplesmente pelo fato de existirem da forma que existem. Tudo desempenha a sua parte no processo da criação, da nutrição, da transformação e da destruição. A criação de uma coisa constitui a destruição de outra. Sempre que alguma coisa cresce e se desenvolve, alguma outra entra em decadência. A cada instante há nascimento e morte, vinda e ida. Quando algo desaparece, alguma outra coisa emerge. Isso constitui a lei do equilíbrio natural de todas as coisas. Se houvesse apenas crescimento isento de decadência, então o mundo ficaria sobrepovoado com pessoas, animais ou vegetação. Se houvesse apenas decadência sem crescimento, então a vida deveria desaparecer. Para que o mundo possa ter continuidade tem de existir equilíbrio entre todo o crescimento e decadência. Dessa forma a vida tem continuidade no universo. Tal processo jamais se detém.’

‘Portanto, existe um Princípio Criativo que, em si mesmo, é Imanifesto, e um Princípio de Mudança que, em si mesmo, permanece inalterável. O Imanifesto é capaz de originar toda a vida e o Inalterável capaz de conduzir toda a mudança. Toda a produção de mudança está sujeita à continuidade. Do mesmo modo aquilo que se desenvolve está igualmente sujeito à evolução. Assim resulta um fluxo permanente de mudança e de evolução que, sob a forma de Lei, jamais cessa de operar. Assim aconteceu com os princípios contrários Yin e Yang, da mesma forma que com as quatro estações. Yin e Yang formam os princípios negativo e positivo da Natureza, predominando de forma alternada sob o aspecto da noite e do dia. Mas acerca do Imanifesto, podemos conjecturar apenas que permanece só em si mesmo. A realidade do Supremo Imanifesto não pode ser comprovada. Podemos unicamente supor que seja misteriosamente uno, isento de princípio e fim. O Imanifesto vai e vem e o seu alcance é ilimitado. Dele só podemos supor que seja único e que os seus caminhos sejam inexauríveis.’

‘Se conseguirem apreender o significado da ausência de esforço, então não haverá nada que não possam empreender. Podem tornar-se rígidos ou flexíveis, altos ou baixos, polivalentes ou ambivalentes.’

‘Se obtiverem conhecimento de como não empreender nada (para além do circunscrito pela totalidade implícita...) poderão ter acesso a qualquer conhecimento e obter qualquer coisa.’

‘Todavia, se não souberem manter-se serenos, em meio a todo este mundo tumultuoso, serão arrastados para toda a sorte de problemas desnecessários. Perderão o Caminho (Tao) de vista, e, alcançá-lo de novo deverá já tornar-se demasiado tarde, porquanto pela sua perda também se deverão perder.’

‘A vida é tão só a junção das energias do céu e da terra, e a sua fonte é infinita e imanifesta; não possui começo nem fim. Como poderemos alguma vez chegar a alcançar o Caminho do céu ou da terra?’

‘Sem pompa nem ostentação, os indivíduos esclarecidos preservam o seu modo de vida ordinário até ao fim, dotados de simplicidade e contentamento, anônimos e sem sofrerem afetação alguma por parte das suas convenções.’

‘No livro do Imperador Amarelo está escrito que o Espírito do Vale jamais perece, razão porque pode ser chamado de ‘Misterioso Princípio Feminino’. A questão apresentada por tal princípio deve ser tida em conta de representar a Raiz do Universo que subsiste por toda a eternidade e utiliza o seu poder sem qualquer esforço. Por ser oco, é capaz de suportar, abraçar e nutrir o espírito.’

‘É por isso que aquilo que, por ser vazio e representa o Princípio Feminino engendra as diferentes coisas é, em si mesmo, imutável, do mesmo modo que aquilo, a partir do que todas as coisas evoluem, permanece intocado por toda a evolução. Sendo autogerado e tendo evoluído de si próprio, contém todos os elementos da aparência, da substância, da força, da sabedoria, dispersão e repouso. Contudo errado seria que o tratássemos por qualquer dessas qualidades.’”

## **2 – Todas coisas se acham ligadas e procedem da mesma fonte**

O mestre Lie-Tzu sentiu que os seus discípulos não compreendiam bem o que ele queria dizer, e prosseguiu: “Ele dizia que os inspirados de outrora empregavam o Yin e o Yang ao se referirem à natureza das coisas (Princípios do Céu e da Terra, Masculino e Feminino) e descreviam as mudanças verificadas entre Céu e Terra como a interação

dessas energias. Uma vez, porém, que aquilo que é incorpóreo brota do incorpóreo, a partir do que, então terão sido originados o Céu e a Terra? Foi a partir do Nada do domínio da indiferenciação, em que não existe nem nascimento nem morte, tendo passado a existir por si próprio. Por jamais perecer, dura para sempre. Acha-se na terra e no céu mas nem céu nem terra o reconhecem. É todas as coisas, mas ainda assim nenhuma o reconhece.

“Por isso diziam existir um Grande Princípio de Unidade, de Começo Primordial, e de Substância Primordial. Nesse Grande Princípio de Origem reside o começo de toda a substância. No Grande Começo reside o Princípio da forma material.”

“No Sublime Princípio da Unidade reside o começo das qualidades indiferenciadas. Não comporta sujeito nem objeto, forma nem contornos. Numa altura em que a substância, a forma e as qualidades essenciais ainda se encontravam no estado indistinto de associação, existia o Caos que incorporava todas as coisas numa mistura ainda indissociável. Os elementos mais refinados e depurados que tendem a elevar-se constituíram os Céus, enquanto os mais grosseiros e pesados, que tendem a permanecer em baixo constituíram a Terra. A substância, uma vez proporcionada de forma harmoniosa, tornou-se o Homem.”

“Todas as coisas se originaram e se desenvolveram do elemento espiritual de Céu e Terra – sendo inseparáveis. Acham-se ligadas à origem indiferenciada. Apesar de todas as diferenças aparentes, todas as coisas se encontram ligadas umas às outras e à sua origem, o Tao.”

### **3 – Céu e terra têm as suas forças e fraquezas**

“O mestre dizia: Embora devamos a nossa existência ao Céu e à Terra, os poderes dos sábios e a utilidade da miríade de coisas existentes na criação em nenhum sentido são onnipotentes nem autónomas, por Céu e Terra não poderem fazer tudo. Do mesmo modo, embora os sábios possam contar-nos acerca do passado e mostrar-nos o futuro, eles não conhecem todas as coisas.”

“A função do Céu reside em produzir vida e regê-la, mas não conseguem suportá-la nem a manter; a função da Terra está em dar forma aos corpos materiais e sustentá-los, mas não lhes confere vida nem lhes providencia abrigo. É função dos sábios instruir os demais e influenciá-los para o bem. É função de todas as coisas criadas conformar-se à sua própria natureza, e não ir contra ela. Assim sendo, coisas há em que a Terra se torna excelente, ainda que se achem fora do alcance do Céu.”

“Daí podermos concluir que aquilo que gera vida não é capaz de a suportar; aquilo que confere um corpo e sustenta a forma é incapaz de instruir ou de influenciar para o bem; aquele que tal coisa opera não pode ir contra o seu instinto natural. Aquilo que permanece no seu âmbito adequado não se atreve a aventurar-se para fora do seu domínio, e pode ser resumido como virtude e justiça. Por isso a atuação de Céu e Terra tanto pode assumir um como o outro tipo de manifestação: As qualidades de duro ou brando, leve ou pesado, macias ou ásperas. Tudo isso se conforma à sua natureza apropriada e não se coíbe de se demarcar do que lhes está consignado.”

“Por um lado, existe a vida, do mesmo modo que aquilo que a produz; existe a forma e existe também aquilo que a cria; existe o som e existe igualmente aquilo que o cria; existe a cor, e aquilo que a provoca; existe o paladar, bem como aquilo que o motiva.”

“Tudo o que é dotado de vida se acha sujeito à morte; porém, aquilo que em si mesmo lhe deu vida jamais perecerá. A matéria é a origem de toda a forma, porém, aquilo que cria a forma não possui existência material. O Princípio sonoro reside no sentido da audição, porém, aquilo que se torna causa desse efeito, não pode ser escutado com o ouvido. A fonte da cor reside na visão, todavia, aquilo que a produz jamais se manifesta aos olhos. A origem do paladar reside no sabor; contudo, aquilo que faculta o sabor jamais poderá ser percebido através do sentido do paladar. Todos esses fenômenos constituem função do Princípio de Inação, ou ausência de esforço (Wu Wei; o Todo Inalterável).”

“Se compreenderem o significado da ausência de esforço, então não existirá nada que não consigais ser, por mote próprio da vontade: claro ou obscuro, duro ou brando, curto ou comprido, redondo ou quadrado, morto ou vivo, quente ou frio, que flutua ou afunda, agudo ou baixo, presente ou ausente, branco ou preto, doce ou amargo, fragrante ou fétido - isso é ser destituído de saber e, no entanto, conhecedor de todas as coisas; destituído de poder, contudo detentor de toda a força. Isso é Tao.”

#### **4 – Vida e morte**

De partida para Wei, Lie-Tzu parou à beira da estrada a fim de fazer uma refeição. Os seus discípulos deram com um velho crânio e afastaram a vegetação para melhor o expor ao mestre. Lie-Tzu viu o crânio de um ser humano que tinha mais de cem anos. Ele pegou nele, sacudiu a terra que o envolvia e contemplou-o por um instante. Por fim,

pousando o crânio no solo, suspirando, voltando-se para Bo-feng, seu discípulo, Lie-Tzu disse:

“Somente eu e esse crânio compreendemos a vida e a morte, absolutamente. Serás tu desafortunado por estares morto e seremos nós felizes por estar vivos? Talvez sejas tu o sortudo e nós os infelizes! Se nos considerarmos como seres que percorrem o ciclo da evolução, então nesse caso eu devo estar vivo e ele morto. Porém, contemplado do ponto de vista do Absoluto - desde que não existe princípio nenhum de vida assente em si mesma - segue-se naturalmente que não pode existir coisa tal como morte.”

“Muita gente sua, labuta e sente-se satisfeita por ter obtido muitas coisas. Todavia, no final não somos tão diferentes quanto isso deste pedaço de osso polido. Daqui a cem anos, todos aqueles que conhecemos não passarão de uma pilha de ossos. Que haverá que teremos a ganhar na vida e a perder com a morte?”

“Os antigos sabiam que a vida não pode prolongar-se para todo o sempre, e que a morte não representa o término de todas as coisas. Por isso não se entusiasmavam com o evento da vida nem se deprimiam com a ocorrência da morte. Nascimento e morte fazem parte do ciclo natural das coisas.”

“Este conhecimento é mais exato do que todos os vossos métodos para prolongar a vida, e fonte de felicidade mais promissora que qualquer outra. Somente aqueles que conseguem ver por entre as ilusões da vida e da morte se poderão renovar com o céu e a terra e envelhecer com o sol, com a lua, e as estrelas.”

## **5 – Sombras, sons e fantasmas**

“A ação em uma coisa produz efeito noutras. Num universo em que todas as coisas se acham interligadas, isso é apenas natural. Assim, uma forma e a sua sombra, um som e o eco que produz, sempre permanecem ligados. Quando há ação, dá-se um efeito. Quando se produz um efeito, gera-se uma resposta em termos de ação.”

“Vem descrito no livro do Imperador Amarelo o seguinte: “Quando a forma se move não produz forma, mas sim sombra; quando o som se propaga, não emite som, mas apenas eco. A imobilidade não gera imobilidade, mas movimento.”

Embora as coisas sejam diferentes na aparência, todas brotam da mesma origem e regressarão à mesma fonte. Certas coisas poderão perdurar mais do que outras, mas todas as coisas eventualmente retornarão àquilo que eram antes que chegarem a existir. As pessoas empregam termos como “início” e “fim” para descreverem o começo e o

término das coisas. Contudo, “início” não passa da reunião resultante de um aglomerado da energia, e o “fim” consiste simplesmente na dissolução ou dispersão dessa energia. Aquilo que se reuniu pode facilmente dissolver-se caso as condições tornem isso favorável. Aquilo que sofreu dissolução pode voltar a reunir-se caso as circunstâncias sejam apropriadas. Isso é o que nós mortais entendemos por princípio e fim. Por isso, quem poderá dizer que existe um começo ou um fim?

Se bem que para nós esta condensação da forma no estado de aglomeração constitua um começo - do mesmo modo que a sua dispersão um fim - do ponto de vista da dispersão é o vazio e o sereno que constituem o começo e a condensação na forma que formam verdadeiramente um fim. Por isso existe uma alternância contínua em que os constituintes são o momento e o fim, e a verdade subjacente é a de que não existe nenhum começo nem fim, absolutamente.

A vida e a morte seguem o seu curso natural, e o ideal é deixemos que as coisas ocorram e se dispersem do mesmo modo. O problema para muitos é que quando é hora de partir, ainda se agarram à vida, e quando é tempo de alguma coisa vir ao mundo, impedem-na. Isso atenta contra a ordem natural das coisas. É por isso que os antigos diziam que o que tiver que suceder sucederá, e que o que tiver que ceder, cederá. As pessoas esforçam-se por fazer com que as coisas aconteçam ou com que deixem de acontecer, por não compreenderem a ordem natural das coisas. Acreditam que podem controlar o resultado das coisas, e no final, após imenso esforço, descobrem que o trabalho árduo produz o efeito oposto.

O curso da evolução termina onde começou, sem existência de nenhum princípio; onde teve início, é aí exatamente que acaba - no Imanifesto. Eis um modo paradoxal de declarar que não existe nenhum começo nem fim.

Tudo aquilo que possui vida retorna à condição “destituída de vida”; aquilo que possui forma, de novo regressa à ausência de forma. Isso que chamo “isento de forma” não constitui o estado Informe original. Aquilo que aqui é cognominado “destituído de vida”, possuiu anteriormente vida e, subsequentemente passou à extinção da morte, enquanto o Inanimado original não conhece - desde o princípio - nem vida nem extinção. Uma vez mais se faz aqui presente uma distinção entre o imutável princípio criador de vida (Tao - ele próprio destituído de vida), e todas as coisas viventes que se acham num fluxo constante entre a vida e a morte. Aquilo que possui vida, deve – pelas próprias leis da sua existência – ter um fim. Tal fim não deverá ser evitável, do mesmo modo que toda



a criatura vivente não poderia ter evitado de nascer. Por isso, aquele que procura perpetuar a sua vida ou impedir o próprio fim, permanece enganado quanto ao seu destino.

O elemento espiritual existente no homem faz parte do princípio do Céu, assim como o corpo é moldado pela Terra. O que pertence ao Céu é etéreo e esparso; o que pertence à Terra é denso e aglomerável. Quando o espírito abandona o corpo, cada um desses elementos retoma a sua natureza real. Aquilo que é puro e leve erguer-se-á e subirá aos céus, e aquilo que é denso e pesado afundar-se-á e será absorvido pela terra. É por isso que os espíritos desencarnados são chamados fantasmas - o que denuncia aquilo que retorna à sua verdadeira morada - a região do Supremo Vazio (Céu e terra). A nossa vida neste mundo constitui uma jornada ao longo do ciclo a que chamamos de “Vida”.

À semelhança de convidados, demoramo-nos algum tempo neste reino antes de partirmos para outro. Mas quem poderá dizer quanto tempo este viajante permanecerá no reino seguinte antes de embarcar numa outra visita ao reino dos vivos?

O Imperador Amarelo disse: “Se o meu espírito retorna pelos portais por onde veio, e os meus ossos voltam para a fonte da sua proveniência, onde poderá o ‘eu’ continuar a existir?”

## **6 – Estágios da vida**

Entre o nascimento e o seu fim, o homem atravessa quatro grandes estágios na vida: a infância, a adolescência, a maturidade e morte. Na infância a força vital acha-se concentrada, a vontade coesa e a harmonia generalizada do corpo em perfeito estado e de acordo com a natural ordem das coisas. Os objetos externos não produzem nenhuma impressão de injúria nem afetam a criança e quanto à sua natureza moral, nem a virtude nem a ética lhe poderão restringir à vontade. Despida e livre de convenções, ela segue a senda natural do seu coração.

Na adolescência, as paixões carnis tornam-se exuberantes e violentas e o coração deixa-se assaltar por desejos e preocupações volitivas. O homem expõe-se ao ataque dos objetos dos sentidos e dessa forma as circunstâncias externas dirigem-lhe o surgimento e o desaparecimento das emoções. A vontade e a intenção são restringidas pelas convenções sociais. A competição, o conflito e a intriga passam a constituir a norma nas interações com as pessoas. A aprovação ou reprovação dos outros ganha importância, e a sincera e honesta expressão do pensamento e do sentimento perdem-se.

Na idade avançada, o poder dos desejos e inquietações perde a intensidade e a sua moldura corporal busca o repouso. Em comparação com os anos da juventude, sentimos mais em paz e à vontade conosco próprios. As convenções sociais e as influências externas têm menos impacto em nós e desinteressamo-nos pelos heróis e pela competição. Esse estágio, apesar de não ser equivalente à plenitude da infância, em que a pessoa está em harmonia com a ordem natural das coisas, é mais sincera consigo próprio do que o da adolescência.

Ao morrer, penetra no repouso, e retorna ao Absoluto. Por isso, na velhice, esta altura nada sabemos, nada fazemos, e nada sentimos. A nossa energia volta a unir-se à sua fonte.

Confúcio também falou sobre os estágios da vida. Ele dividia a vida em três períodos, e dizia: “Na juventude, o nosso sangue e energia permanecem instáveis. Por isso, nesse período precisamos domar o desejo sexual. Na maturidade, o nosso sangue e energia são fortes e agressivos. Por isso, nesse estágio da vida precisamos domar a nossa natureza competitiva. Na velhice, o nosso sangue e energia acham-se enfraquecidos. Por isso, precisamos dissolver o apego que sentimos pelas coisas.”

Tanto os Taoístas como os Confucionistas deixaram valiosas informações acerca da natureza humana e das mudanças que se dão durante o nosso tempo de vida. Para os Confucionistas o que era importante era compreender o que precisa ser feito em cada período da vida de forma a podermos ser úteis à sociedade, viver de forma honrada, e interagir harmoniosamente com os demais. Para os Taoístas, o que era importante era compreender que a infância, a juventude, a maturidade e a morte constituem estágios da vida que precisamos atravessar. Compreendendo isso, poderemos aceitar as mudanças por que passamos e encará-las como uma sequência natural dos acontecimentos num ciclo de nascimento e morte.

## **7 – A vida é árdua, a morte é repouso**

Certa vez, ao viajar com seus discípulos pelo monte Tai, Confúcio vislumbrou um velho que perambulava pela pradaria. Seguia envolto numa pele de veado, presa à cintura por uma corda, a cantar à medida que tocava um alaúde. Confúcio dirigindo-lhe a palavra, indagou-o: “Meu amigo, que é que o torna tão satisfeito?” O velho respondeu-lhe: “Tenho muitas razões por que me alegrar. De toda as infinidades de coisas que o Céu a humanidade é a mais nobre. E como me calhou, por sorte, nascer-me humano; essa é a

primeira razão para a satisfação que sinto. Além disso existe a distinção entre homem e mulher - sendo certo que o homem é mais respeitado e goza de mais privilégios do que a mulher. Assim, preferível ser homem, e, devido a que eu seja homem, eis aí a segunda razão para me sentir satisfeito. Depois, algumas pessoas nascem e jamais contemplam o sol e a lua, nem jamais chegam a abandonar as fraldas. Mas eu já vagueio por aqui há uns noventa anos; essa é a terceira razão para a minha satisfação. Finalmente, não me importo em saber se sou rico ou pobre, e sei que nascimento e a morte constituem o destino final de todos os seres humanos e a ordem natural das coisas. Enquanto muitos se preocupam por serem pobres e temem a morte, eu não me deixo incomodar por essas coisas. Por isso, o que poderia tornar infeliz?”

Após ter escutado isso, Confúcio ficou impressionado. “Que excelente exemplo de descoberta de autocontentamento, o teu,” e virando-se para os discípulos, disse: “Eis aqui um homem que sabe como enfrentar a vida!”

Numa outra ocasião, quando Confúcio estava a caminho do reino de Wei, encontrou-se com um eremita que tinha pelo menos cem anos. No calor da Primavera, esse homem usava um casaco de pele e juntava grãos que os agricultores tinham deixado para trás nos campos. Enquanto trabalhava, o homem cantarolava.

Confúcio observou-o durante algum tempo, e a seguir comentou com os seus discípulos: “Este velho é um homem e tanto, e bem que deve valer a pena conversar com ele. Quem gostaria de ir ao seu encontro e descobrir o que ele terá a dizer?”

Tzu-Kung ofereceu-se como voluntário e caminhou para junto do aterro dos campos. Esperou que o velho se aproximasse, e quando se encontravam à distância da conversa, Tzu-Kung disse-lhe: “Senhor, estais velho e cansado, e ainda assim ainda precisais de labutar para ganhar o sustento? Estendo-vos toda a minha simpatia!” O velho ignorou a observação de Tzu-Kung e prosseguiu ao longo do campo, a apanhar grãos e a cantarolar.

Tzu-Kung percebeu que algo devia estar errado, de modo que foi ao encontro do velho e desculpou-se. Então, o velho homem olhou para Tzu-Kung e disse: “Porque razão serei tão patético que devas sentir pena de mim?” Tzu-Kung ainda se aventurou a dizer: “Bom, senhor, pensei que não trabalhásseis tão duro quando éreis jovem, e durante a vossa vida de adulto não tendeis querido alcançar renome. E em resultado, não tendeis tido esposa nem filhos que olhassem por vós, agora que vos encontrais envelhecido e que a morte se aproxima. Cantais e ris, e nem sequer percebeis ter perdido os melhores anos da vossa vida.”

O velho sorriu e respondeu a Tzu-Kung: “Eu rio e canto por me sentir feliz. Pense nisso. Se tivesse passado os meus anos de juventude a esforçar o corpo e a mente, e se tivesse despendido todas as minhas energias a competir com os outros durante os meus anos de vida adulta, não teria chegado aos cem e não seria tão saudável quanto sou. Em relação ao fato de não ter família, tanto melhor. Dessa forma, não precisarei preocupar-me com o seu sustento quando morrer. Poderás dizer-me por que razão não deveria eu estar satisfeito?”

Tzu-Kung respondeu de imediato: “Querer viver e temer a morte fazem parte da natureza humana, no entanto, tu pareces sentir-te feliz por teres de morrer, coisa que não consigo entender.”

O velho disse-lhe em resposta: “A morte e a vida constituem ciclos da ida e do regresso. Quando abandonamos um mundo, talvez nasçamos num outro mundo. Qual será melhor, a vida ou a morte? Difícil deverá ser dizê-lo. Agora, então por que razão deveremos tornar a vida árdua para nós próprios neste mundo quando nem sequer sabemos se estaríamos melhor vivos ou mortos?”

Após Tzu-Kung ter escutado essas palavras, sentiu-se amplamente confuso, e foi confiar o que sentia a Confúcio. Mas Confúcio apenas assentiu. “Tal como eu pensava. Valeu a pena descobrir o que este velho tinha a dizer. Pelas observações que fez, parece que terá encontrado as respostas que procurava na vida, mas não descobriu tudo.” Foi por essa altura que Tzu-Kung se cansou dos estudos e pensou que tudo quanto fizera teria sido fútil. Voltou junto de Confúcio e disse-lhe que queria descansar.”

Confúcio disse-lhe: “Enquanto viveres, a vida não te dará descanso.”

“Então, não haverá sítio onde possa descobrir um descanso do meu trabalho?”

Confúcio exibiu um misterioso sorriso e disse: “Existe, na verdade existem muitos lugares onde poderás encontrar repouso. Olha bem para as sepulturas, as tumbas, os valos profundos, e os cumes elevados. Grandiosa é a morte, na qual o cavalheiro encontra seu descanso.”

Tzu-Kung então exclamou: “Ah, agora entendo porque aqueles de nós, vivos, não conhecem o significado do repouso. O repouso é unicamente para os mortos. A morte deve, na verdade, ser verdadeiramente sublime! É a morte que traz repouso aos nobres de coração e resignação aos homens vulgares! A pessoa satisfeita encontra repouso na morte, e para o ganancioso, a morte coloca um término na sua longa lista de desejos.”

Confúcio a seguir disse ao seu estudante: “Parece que por fim percebeste o que significa “Os homens conhecem as alegrias da vida, mas não possuem noção das suas

amarguras. Sofrem com o peso da decrepitude, mas ignoram a paz na qual se encerra; conhecem a angústia da morte, mas nada conhece do descanso que lhe sucede. A vida é trabalho árduo e a morte é repouso. A maioria pensa que a vida seja algo feliz sem perceber que por vezes a vida é mais difícil do que a morte. A vida não nos dá descanso. Labutar, na planificação ansiosa do futuro, escravizar-se a acolchoar a armação do corpo - tais são as ocupações que nos preenchem a vida. Do mesmo modo, a maioria das pessoas acredita que a idade avançada nos traga a solidão e o desespero, só que não percebem que por vezes na velhice conseguem recuperar a vida despreocupada e feliz da sua mocidade. Acreditam unicamente que a morte seja algo terrível, sem perceber que a morte constitui um repouso da nossa árdua labuta.”

O sábio Yen-Tzu, que também compreendera o sentido da morte, disse: “Como era excelente a perspectiva da morte que os antigos tinham! Por ser capaz de trazer descanso aos generosos e aos que cultivaram mente e espírito, aos honrados e aos virtuosos, para quem representava uma experiência de libertação, um descanso tão esperado de uma vida de labores. A morte ajudava aqueles sem escrúpulos a pôr um termo à infelicidade do desejo. A morte é a ação da eficácia da Virtude! Ou seja, a morte faz abolir todas as distinções artificiais e temporárias do mal e do bem, que só neste mundo de relatividade encontram suporte! Os antigos falavam dos falecidos como aqueles que estavam de regresso. Porém, se os falecidos são os que regressaram, então os vivos acham-se em meio a uma viagem. Por outro lado, se aqueles que viajam fracassam na descoberta do “lar” quando a sua viagem termina, separam-se da sua morada. No entanto, muita gente vagueia sem retornar à sua morada, e ainda assim, ninguém percebe tal erro. Que homem abandonará a sua aldeia e se separará dos seus parentes e amigos, alienará o seu património e vagabundará pelos quatro cantos da Terra sem regressar mais ao lar? Por certo que o mundo o terá na conta de libertino e de insensato. Por outro lado, tomemos o exemplo daquele que se atém à respeitabilidade bem como aos assuntos da sua vida, e sente apreço pela sagacidade e pela estima e desse modo cria reputação e se faz valer entre os amigos, sem se deixar deter? Uma vez mais, de que tipo de pessoa se tratará? Certamente, o mundo deverá olhá-lo como um cavalheiro possuidor de um grande saber, e um bom conselheiro.

Ambos, constituem exemplos de indivíduos que perderam a orientação; conquanto o mundo seja indulgente com um ao invés do outro, só o homem sensato (sábio) sabe a quem terá perdido a sua natureza original, e quem a possui. Associa-se

àqueles que encaram a vida e a morte meramente como caminhar e dormir, e afasta-se de quantos se deixam permear pelo esquecimento do retorno.”

## **8 – O valor do vazio**

Alguém perguntou a Lie-Tzu: “Porque valorizas o vazio?”

Lie-Tzu respondeu: “Eu não aprecio o vazio; na verdade nada há que suplante o calmo e o vazio a fim de permanecer incógnito. A maioria das pessoas adora ser enaltecida e quando vê as suas realizações reconhecidas sente-se bem. Todavia, creio que estaríamos melhor se fôssemos livres de apegos e não nos deixássemos aprisionar pelo reconhecimento, pela aprovação e pela desaprovação. A longo prazo, teríamos poucas coisas com que nos preocupar. É por isso que valorizo o vazio.”

Lie-Tzu fez uma pausa e, em seguida, prosseguiu: “Se vos fosse dado crédito por fazer alguma coisa, devíeis compreender que não se deveria por completo à vossa própria iniciativa. Os acontecimentos dão-se quando as condições são apropriadas, e a vossa ação apenas contribuirá para uma de várias das condições. Estamos acostumados a pensar que quando algo sucede nossas ações, esse algo é então uma realização nossa; não compreendemos que não existe realmente nada a realizar. Por isso, em vez de aceitarmos um crédito que não pertence a ninguém, porque não aquietar-nos e pensar nas ilusões do céu e da terra?”

“Percebendo o vazio implícito às coisas pode ajudar-nos a cultivar a tranquilidade e a paz mental. Se não souberem como manter-se serenos neste mundo louco, sereis conduzidos a todo o tipo de apuros desnecessários. Perderão a noção do Caminho, e quando o perceberem, será demasiado tarde, por ao perderem o Caminho, ter-vos-eis igualmente perdido.”

(N.T.: Chuang-Tzu contou certa vez uma história acerca de duas pessoas as quais haviam perdido uma ovelha. Uma delas ficou bastante deprimida e mergulhou na depressão e na bebida, no sexo e no jogo a fim de procurar esquecer a sua desgraça. A outra decidiu que essa seria uma excelente oportunidade de estudar os clássicos e serenamente observar as subtilezas da natureza. Ambos os homens passaram pela experiência de desgraça, mas um deitou-se a perder pelo apego em demasia que sentiu na experiência da perda, ao passo que o outro descobriu-se a ele mesmo, por ter sido capaz de abrir mão do ganho e da perda.)

## **9 – Estão as coisas em crescimento ou em decadência?**

Yu Hsing disse: “A impermanência jamais se detém. Mas quem será capaz de perceber os processos ocultos do Céu e da Terra? Desse modo, as coisas que são diminuídas aqui, aumentam além; aquilo que se torna inteiro e completo numa determinada situação, sofre perda numa outra. Diminuição e acúmulo, desenvolvimento e declínio são fatores intrínsecos à vida e à morte, e alternam-se numa sucessão ininterrupta de uma transição imperceptível. Esse é o equilíbrio das coisas. Para que o mundo continue a existir, deve haver um constante equilíbrio entre o crescimento e a decadência.”

“A nossa alma progride de forma ininterrupta, enquanto o corpo muda de aspecto e aparência, tornando-se decadente a cada dia que passa. Todavia, não nos é possível perceber nem o desenvolvimento nem a decadência. Desde que nascemos e até que morremos, tornámo-nos diferentes a cada dia que passa - tanto pelo aspecto como pela conduta e pelo saber. As unhas, a pele, os cabelos, tudo sofre um crescimento e um decréscimo contínuo. Tanto na infância como no crescimento decorrente, a mudança não sofre interrupção. Apesar de imperceptível no seu processo, sempre nos damos conta dele depois de concretizado.”

## **10 – Receio de que o Céu e a Terra entrem em colapso**

Certo homem do Estado de Ch'i, sentia tanto receio com o possível colapso e o despedaçar do Céu e da Terra, que seu corpo não teria onde descansar, que se esqueceu de comer e dormir. Um outro, movido por um sentimento de compaixão pelo primeiro, foi ao encontro dele a fim de o esclarecer:

“O Céu não passa de um acúmulo do etéreo; não há lugar onde esse etéreo não se faça presente. No etéreo decorrem ininterruptamente processos de contração e distensão, inspiração e expiração. Por isso, por que temer qualquer colapso?”

Mas o homem perguntou: “Será isso verdade? Então, se o Céu é composto pelo etéreo, o sol, a lua e as estrelas não poderão cair sobre nós?” O seu interlocutor respondeu: “Sol, lua e estrelas são, do mesmo modo, apenas claridades no interior desta massa etérea. A única diferença está em que cada um apresenta uma luz diferente. Mas mesmo supondo que pudessem despedaçar-se, certamente que o seu impacto não nos poderia causar dano.”

“Mas”, perguntou o primeiro, “e se a Terra vier a despedaçar-se?”

“A Terra”, replicou o segundo, “não passa de um aglomerado de matéria que preenche todos os quatro cantos do espaço; não existe lugar onde não se faça presente. Todo o dia nós pisamos e repisamos o chão; porque razão, então, deveremos amedrontar-nos que possa ceder?”

A partir de então o homem ficou aliviado dos seus temores e pode rejubilar. O seu instrutor sentiu uma enorme alegria e contentamento.

Porém, quando o eremita Chang-Lu-Tzu tomou conhecimento desse diálogo, riu-se de ambos e disse: “Arco-íris, nuvens, nevoeiro, vento e chuva, as mudanças das quatro estações - tudo isso não passa de uma forma perfeita de acúmulo do éter que compõe os céus. Montanhas e rochedos, rios e mares, metal e rocha, fogo e madeira - tudo isso não passa de formas de perfeita aglomeração da matéria que constitui a Terra. Conhecendo tais fatos, quem poderá afirmar que jamais possa sofrer destruição? Decerto que o Céu é vasto e a Terra imensa, mas não são permanentes. Contudo são a coisa mais significativa de tudo o que existe. É bem certo, porém, que, conquanto a sua natureza seja insondável e de difícil compreensão, ainda assim é difícil estimar e prever quando deixarão de ser o que são. Aquele que possui menor temor de que o Céu se desmorone ou a Terra se despedace está certamente bastante longe da verdade. Por outro lado, aquele que acredita que não possa ocorrer tal dano, também não alcançou a solução do dilema. Desde que Céu e Terra estão condenados a perecer, chegará o tempo em que perecerão. Caso isso aconteça de estarmos aqui nesse momento, por que não haveria de nos transtornarmos?”

Quando o mestre Lie-Tzu escutou o debate, sorriu e disse: “Aquele que sustenta que o Céu e a Terra estão destinados à destruição, e aquele que sustenta o contrário, estão, ambos, errados. Se se acham ou não destinados à destruição, isso é algo que jamais saberemos, apesar de, em ambas as posições valer o mesmo. Os vivos nada sabem da morte; os mortos desconhecem o que estar vivo seja; o que passou e o que virá nada sabem um do outro. De que adianta preocupar-nos com a destruição do mundo?”

## **11 – Vida que é emprestada, riqueza que é roubada**

O rei Shun perguntou ao seu ministro: “Poderei possuir a senda do Céu e da Terra e torná-la de acordo com os meus desejos?”

O ministro respondeu: “Nem mesmo o teu corpo te pertence; como poderás pensar em fazer curvar a senda do Céu e da Terra à tua vontade?”

“Se o corpo que tenho não me pertence, então a quem pertencerá?”



“O teu corpo não te pertence; a sua forma foi-te emprestada pelo Céu e pela Terra. A vida que levas não te pertence; chegou a existir pela interação das energias do Céu (Yang) e da Terra (Yin). A tua mente e o teu espírito não te pertencem para que os controles; eles seguem o caminho natural do Céu e da Terra. Os teus filhos e netos não te pertencem para que os possuas; assemelham-te apenas porque a procriação fora garantida pelo Céu e pela Terra.”

“Uma pessoa que compreenda esta verdade será alguém que não se verá atado por ideias do que a mente ou o corpo sejam. Esquecendo o corpo, é capaz de viajar para qualquer parte no mundo sem saber para onde se dirige. Esquecendo a sua mente, ele poderá ser bem-sucedido em tudo quanto faça por não pensar naquilo que faz. Segue os caminhos do Céu, indo onde precisa ir, e fica sem saber o que o tenha levado a ficar, e alimenta-se sem saber como.”

“A vida não passa do agregar das energias do Céu (Yang) e da Terra (Yin), e a fonte dessas energias não tem começo nem fim (Wuji). Como poderá alguém alguma vez possuir a senda do Céu e da Terra?”

## **12 – O conselho do senhor Kuo**

Um tal senhor Kuo, do Estado de Chi, era muito rico, enquanto que Hsiang, do Estado de Sung levava uma vida paupérrima. Certa vez este deslocou-se ao Estado do outro a fim de o interrogar acerca do segredo da sua prosperidade. E o senhor Kuo respondeu-lhe: “Eu sou bom em apropriar-me. Desde que me tornei bom em apropriar-me, logo no primeiro ano em que comecei a apropriar-me, fui capaz de amealhar o quanto bastasse. No segundo, arrecadei com fartura. No terceiro, prosperei mais ainda. No devido curso acabei por me tornar proprietário de todas estas vilas e distritos, e sendo capaz de ajudar quem estivesse em necessidade.”

Entusiasmado, o senhor Hsiang tinha interpretado de modo literal o significado do termo apropriar-se, mas não lograra obter o conhecimento quanto ao modo correto de o fazer. Desse modo, começou a trepar a muros e cercas e a assaltar casas a fim de se apropriar de tudo aquilo a que pudesse deitar mão. Mas, antes que muito tempo tivesse decorrido, tal ação acabou por lhe trazer complicações e ele viu-se privado até mesmo daquele pouco que antes possuía. Pensando que o tal senhor Kuo o tinha basicamente enganado, saiu novamente à sua procura para o censurar. Mas aquele perguntou-lhe: “Diga-me, de que modo atua ao furtar?”

Hsiang contou como tinha seguido o exemplo de Kuo de roubar e isso tinha terminado no desastre.

Ao tomar conhecimento do sucedido, aquele exclamou: “Oh, sorte desgraçada! Isso aconteceu-lhe devido a que me tenha trabalhado mal. Jamais me questionou-me a respeito do que eu tenha me apropriado, a ponto de tornar-me rico. Ouviu-me mencionar a palavra ‘apropriar’, tirou as suas próprias conclusões, e acabou por o fazer à sua maneira. Deixe-me dizer-lhe de que forma atuei.”

“Todos sabem que o Céu produz as estações e a Terra os seus frutos. Pois bem, aquilo de que me aproprio são as riquezas do Céu e da Terra, a cada qual na devida estação: os benefícios das nuvens e da chuva, os produtos dos terrenos montanhosos e dos prados. Desse modo faço crescer as minhas sementes e amadurecer os meus cereais, erguer paredes e construir casas. Dos terrenos secos aproprio-me dos animais de penas e pelo, dos rios e lagos aproprio-me dos peixes e as tartarugas. Não há nada que eu não me aproprie. Sei que a terra muito tem a dar, de modo que me apropriei de alguma parte da terra para construir abrigos para mim e para o meu gado. Sei que os bosques têm imensas riquezas, de modo que vez por outra aproprio-me de um veado para alimentar-me.”

“Porque, as sementes e as colheitas, o barro e a madeira, os pássaros e os quadrúpedes, os peixes e as tartarugas, todos pertencem à natureza. Como poderei declará-los posses minhas? No entanto, aproximando-me deste modo da natureza, não incorro em pena nenhuma, por ninguém possuir essas coisas. Já ouro, jade e pedras preciosas, estoques de cereais, vestimentas de seda, isso são coisas que pertencem às pessoas ao invés de dádivas da natureza. Quem poderá queixar-se de não se meter em sarilhos pôr os furtar?”

Perplexo, o senhor Hsiang, pensando que o senhor Kuo o enganava, foi interrogar, foi conversar como o mestre Tung-Kuo, o letrado, que por sua vez lhe respondeu: “Não será o senhor já um ladrão com relação ao seu próprio corpo? Você não se apropria da harmonia de Yin e Yang a fim de preservar e sustentar a aparência? Quanto mais não o fará com relação às posses externas! Na verdade, a Terra e o Céu não podem ser dissociadas de todas as coisas. Clamor pela sua posse pressagia confusão. As apropriações do senhor Kuo são cometidos com espírito de justiça e harmonia, forma essa que não lhe acarreta retribuição alguma. Já os seus, foram cometidos num espírito de egoísmo e por isso acarretam-lhe punição. Todos aqueles que se apossam da propriedade alheia, seja pública ou privada, são ladrões. Do mesmo modo, aqueles que se abstêm de se apropriar

- seja do que é público ou privado- são igualmente ladrões. Para o homem que entende o poder do Céu e da Terra, o que é apropriar-se? O que não é apropriar-se?”

(N.T.: Esta anedota tem por objeto causar-nos uma impressão de irrealidade com relação às distinções mundanas. Lie-Tzu não se interessa demasiado pelos aspectos social da questão, e não advoga o comunismo nem tampouco se revolta contra o senso comum de que o roubo seja um crime punível. Com ele tudo é entendido como capaz de conduzir a uma perspectiva metafísica)

## **LIVRO SEGUNDO**

### **O IMPERADOR AMARELO**

#### **Introdução**

Se a vida correr de acordo com os nossos desejos, sentimo-nos satisfeitos. Assim que a coisa não correr de feição, sentimo-nos aborrecidos. É por isso que apenas aqueles que não são afetados pelas circunstâncias externas sempre permanecerão calmos. Eles seguem a senda natural e não se deixam controlar pelas reações para com os acontecimentos que se dão ao seu redor.

O Imperador Amarelo visitou uma terra mítica que não possuía nem líder nem governo. As pessoas viviam de acordo com a natureza e não se entusiasmavam com o nascimento nem se deixavam ansiar com a morte. Todos possuíam incríveis capacidades e eram capazes de permanecer debaixo de água sem se afogarem ou de caminhar sobre o fogo sem se queimarem. Tendo alcançado o ponto em que conseguiam esquecer-se por completo deles próprios, viam-se livres das limitações do corpo e da mente e conseguiam cavalgar o vento e flutuar juntamente com as nuvens.

A transcendência da mente e do corpo produz capacidades que teriam parecido estranhas às pessoas vulgares. Na verdade, alguém que conseguisse caminhar sobre o fogo ou permanecer debaixo de água poderia ter sido considerado mago, e muitos dariam ou fariam qualquer coisa para adquirir esses poderes. Eles não sabem que tais aptidões representam o produto do abandono do corpo e da mente e de uma fusão com as leis da natureza.

Esse abandono tem início com a visão através da ilusão das formas externas e das convenções sociais. Aqueles que não se deixam atar pelas questões mundanas do mundo não serão afetados pela pressão social, pelas emoções, nem pelo desejo. Conhecem a senda do Céu e não se limitam com ideias de certo nem de errado, beleza e fealdade.

Por fim, transcender mente e corpo requer disciplina e paciência, e quando isso é alcançado, somente o iluminado saberá que ele ou ela tenham alcançado a iluminação. Sem publicidade nem fanfarra, os seres iluminados prosseguem as suas vidas como gente vulgar e vivem o resto dos seus dias na simplicidade e no contentamento, desconhecidos para o mundo e não influenciados pelas suas convenções.

### 13 – O Imperador Amarelo visita as regiões imortais

Após ter reinado por quinze anos, o Imperador Amarelo, regozijava-se por seus súditos o olharem como seu soberano. Retirando-se dos deveres do governo, tornou-se zeloso do seu bem-estar, prezava a beleza e a música e cultivava elevado apreço por aromas e paladares. Apesar disso foi tornando-se melancólico e a sua fisionomia foi adquirindo uma tez amarelada, os sentidos adquiriram traços de confusão e foi-se tornando vago, e as suas emoções estavam à flor da pele.

Nos quinze anos seguintes deixou-se afligir com a desordem reinante no Império, exauriu todos os recursos do seu saber e tratou de concentrar toda a inteligência e esforço de que foi capaz a procurar governar o povo. A despeito de tudo isso, porém, o rosto manteve-se macilento e pálido e os sentidos conservaram o estado de torpor e confusão, o espírito vago, e as emoções voláteis.

(N.T.: A prática da virtude iluminada não conseguirá implantar o governo justo, mas tão só desorganizar as faculdades espirituais)

Então, o Imperador Amarelo suspirou num gemido e exclamou: “Errei na condução por falta de moderação. A infelicidade de que padeço provém da concentração de atenção que dedico a mim próprio e aos problemas do Império, devido a demasiada intervenção. Não é admirar que tenha perdido a saúde e a paz interior.”

A partir de então ele abandonou todos os planos e o seu palácio ancestral, despediu os criados, abandonou os artifícios, cortou com todas as iguarias da cozinha e retirou-se para uma dependência privada, anexa ao edifício da Corte, a fim de ter tempo para pensar, e cultivar o espírito. Aí observou o jejum do coração e procurou controlar o organismo.

(N.T.: Jejum do coração significa libertar-se da ganga composta pelos desejos terrenos, segundo o que, na óptica do comentador, o corpo será naturalmente capaz de se controlar de modo natural. Tal jejum não significa a abstenção de alimentos nem outras formas de mortificação corporal.)

Durante um período de três meses, ele absteve-se de toda a intervenção pessoal nos assuntos do governo. A certa altura adormeceu e sonhou que tinha viajado para o reino de Hua-Hsu, situado a incontáveis dezenas de milhar de milhas de distância do Estado de Ch’i, para lá do alcance de qualquer veículo, navio ou ida a pé. Somente o espírito podia viajar para tão longe.

(N.T.: Os chineses acreditam que durante o sono, ou em um certo grau de iluminação espiritual, o espírito ou alma poderia abandonar o corpo em viagem astral – conscientemente ou não)

Esse reino era destituído de chefe ou governante, por ninguém ser mais sábio do que os demais, e lá a natureza seguia o seu curso. A população não nutria desejos nem ânsias e seguia apenas o seu instinto natural. Não sentia alegria pela vida nem aborrecimento com a morte; desse modo jamais morria de forma prematura. Não sentia simpatia nem indiferença pelos demais e desse modo estavam isentos tanto de sentimentos de amor como de ódio. Não conheciam aversão por nenhuma atuação nem indignação ou qualquer pretensão; desse modo desconheciam todo o proveito e perda. Todos estavam ao abrigo de sentimentos de amor e simpatia, ciúme e temor. A água não tinha o poder de os afogar e tampouco o fogo os queimava; acidentes e ferimentos que pudessem sofrer não lhes afetavam ou lhes causavam dor. Pois não podiam causar ardência nem comichão. Andavam mesmo à vontade no ar como se pisassem chão firme, e sentiam-se de tal forma cômodos como se descansassem no leito. Nem o nevoeiro nem as nuvens lhes obstruíam a visão, tampouco o silvo dos trovões conseguia aturdir-lhes os ouvidos. A visão da beleza física não lhes acelerava o bater do coração e as montanhas e os vales não lhes impediam os passos. Eles moviam-se como deuses.

Quando por fim despertou do seu sonho convocou os seus três ministros e contou-lhes o que vira: “Tenho vindo a levar uma vida de ócio, há já três meses a observar o jejum do coração, a subjugar o corpo e à procura por um ou outro caminho ou um método verdadeiramente eficaz de me animar e de regular a vida dos outros. Todavia, não consegui encontrar tal segredo. Contudo, não me tornei esclarecido por pensar conscientemente nas coisas.”

(N.T.: É errado seguir métodos a fim de nutrir a própria vida ou reger a vida dos outros. Nenhuma tentativa para empreender tal coisa por parte da luz da inteligência poderá ser bem-sucedida)

“Cansado, adormeci e sonhei o que acabei de relatar. Agora, sei que o Caminho da Perfeição (Tao) não pode ser obtido pela via do pensar consciente. Disso estou bem certo, mas guardo essa certeza comigo, incapaz de a transmitir a vós, porque se o Tao não pode ser descoberta pela ação dos sentidos, também não pode ser transmitido por meio deles.”

Nos vinte e oito anos subsequentes o Imperador Amarelo conseguiu fazer com que o Império prevalecesse na ordem e assemelhando quase ao mítico reino de Hua-Hsu-

Shi. Quando o imperador se alçou às alturas, o povo chorou a sua perda por dois séculos sem interrupção.

(N.T.: Nas ilhas das ilhas do leste existem seres imortais que vivem nas gotas de orvalho e nas pinhas. Não se alimentam de grãos, mas do vento e do éter, e as suas mentes permanecem tão claras e imóveis quanto um lago de montanha. Possuem bochechas rosadas e todos se assemelham a crianças saudáveis. Mostram-se abertos, amistosos, e não têm inibições. Todos procedem às próprias tarefas e revelam-se auxiliares para com os outros. Não sentem medo, nem raiva, nem tensão, nem insatisfação. Ninguém é superior nem inferior a quem quer que seja. Tudo é generoso e todos desfrutam da providência do Céu e da Terra. O sol e a lua emitem uma luz suave, as estações jamais são ásperas, o solo é rico, e os habitantes amáveis. Esta é a terra que o Imperador Amarelo visitou em sonhos)

#### **14 – Cavalgando o vento, flutuando com as nuvens**

Lie-Tzu tinha Lao-Shan por seu mestre e Po-Kao-Tzu como seu amigo. Quando ele não tinha mais nada a aprender com nenhum dos dois, regressou à sua morada cavalgando os ventos e flutuando nas nuvens.

Tendo tomado conhecimento disso, Yin-Sheng tornou-se seu discípulo e permaneceu junto dele durante algum tempo sem regressar a casa. Durante esse período em vão suplicou para ser iniciado nas artes secretas do seu mestre. Dez vezes apresentou o pedido e por dez vezes ficou sem obter qualquer resposta. Como em resultado, Yin-Sheng, se mostrou impaciente e pediu autorização para partir, mas nem assim Lie-Tzu lhe respondeu. Finalmente dispôs-se a partir. Passados alguns meses, no entanto, sentiu-se insatisfeito com a impulsividade que o impelira a partir e resolveu retornar e procurar tornar-se novamente seu seguidor.

Ao se reencontrarem, Lie-Tzu disse-lhe: “Qual será a razão para todas essas idas e voltas?”

Yin-Sheng respondeu-lhe: “Há algum tempo atrás pedi-lhe que me dispensasse alguma instrução, senhor, mas vós não me respondestes. Isso deixou-me irritado convosco, mas agora que me livrei desse sentimento de impaciência e dessa negligência resolvi regressar.”

Lie-Tzu retrucou: “Eu costumava ter-te na conta de um indivíduo capaz e talentoso, e tu agora permites-te descer tão baixo? Senta-te que vou transmitir-te o que

aprendi com o meu mestre. Três anos após ter começado a servi-lo e a gozar a amizade de Po-Kao, a minha mente não se aventurava a avaliar o bem do mal, e a minha boca não ousava discorrer sobre o lucro ou a perda. Só então, pela primeira vez, o meu mestre lançou o olhar na minha direção. Isso foi tudo.”

(N.T.: Abrigar noções de ganho e perda, apesar de na realidade não se fazer uso da sua enunciação, é como ocultar ressentimentos ou dar guarida a secretos desejos; daí que um mero olhar de relance lhe tenha sido concedido)

“Ao fim desses cinco anos iniciais tinha ocorrido uma mudança: a minha mente refletia sobre livremente o certo e o errado e a minha boca pronunciava livremente termos como ganho e perda. Então, pela primeira vez, o meu mestre aliviou o semblante e sorriu-me.”

(N.T.: Certo e errado, ganho e perda são princípios fixos predominantes na esfera dos sentidos. Permitir que a mente reflita seja no que for, ou a boca pronuncie o que lhe apraz, sem abrigar qualquer ressentimento no íntimo, de modo que o “interno” e o “externo” se tornem um só, ainda não se compara a exceder os limites do “eu”, abstendo-se de toda a manifestação. No entanto, este primeiro passo agradou ao mestre e provocou-lhe um sorriso)

“Ao fim de sete anos ocorreu uma outra mudança: Já permitia que a minha mente divagasse à vontade, mas agora sem se ocupar com pensamentos de certo e de errado, e as palavras acudiam a mim sem qualquer intenção de agradar nem de ofender. Permitia-me proferir o que quer que fosse; porém, já não falava em proveito nem perda. Então por fim o meu mestre permitiu que me sentasse a seu lado na esteira.”

(N.T.: A questão reside em saber como levar a mente a um estado de serenidade isento de pensamento ou atividade mental. De que modo preservar a boca fechada limitando-nos à simples inalação e exalação. Se deixarmos de exercer controle pessoal votando-nos desse modo à perfeição, certo e errado deixarão de existir; se os lábios seguirem o caminho natural, deixarão de conhecer proveito ou perda. Em concordância de vistas, mestre e amigo sentam-se lado a lado junto um ao outro, no mesmo lugar, tal como não poderia deixar de ser)

“Ao fim de nove anos a minha mente dava livre curso à reflexão e ao livre discurso, porém, não abrigava qualquer noção de certo nem de errado, ganho ou perda, quer no tocante a mim próprio quer aos demais. Não sabia se o meu mestre era meu instrutor nem se o outro era meu amigo; foi então que tomei consciência de não existir barreira algum entre o ‘interno’ e o ‘externo’, por se terem misturado numa unidade. Após



esse período não havia distinção alguma entre o olho e o ouvido, o ouvido e o nariz, o nariz e a boca; todos eles eram idênticos. A minha mente tornou-se gélida, o meu corpo aparentava dissolução, a carne e os ossos numa mistura. Não tinha qualquer noção dos pés nem do solo que pisava. Deixava-me levar pela corrente como palha seca ou folhas mortas. Na realidade não sabia se o vento me levava ou se era eu que cavalgava o vento.”

“E tu, agora, que ainda não passaste uma estação completa junto do teu mestre, já te deixas conduzir pela impaciência, uma e outra vez. Com que razão, quando a atmosfera e a terra mal suportam um só dos átomos do teu corpo e o peso dos teus membros? De que modo assim poderás esperar mover-te no vazio ou cavalgar o vento?”

Ao escutar isto Yin-Sheng ficou profundamente embaraçado e incapaz de tomar fôlego, não mais ousou proferir palavras nesse sentido.

## **15 – A arte de permanecer debaixo de água e de caminhar sobre o fogo**

Lie-Tzu questionou o sábio Wen-Tzu: “Por que razão conseguirá o iluminado permanecer debaixo de água sem se afogar, caminhar sobre o fogo sem se queimar, e flutuar no ar sem cair?”

Wen-Tzu disse: “Ele não sabe por meio da destreza nem da coragem, mas pela congregação da energia e focalização do espírito.”

“Pensamos que algo que possua forma, cor e som consista numa coisa. Mas que diferenciá-la de outra? A forma que tem, a cor e o som que emite. E em que consistirão as formas, as cores e os sons? São simples aspectos externos de coisas. Se conseguirmos ver por entre essas qualidades externas das coisas, então perceberemos que todas possuem a mesma estrutura subjacente, por procederem todas da mesma origem. Assim que transcenderem as diferenças externas, qualquer coisa poderá misturar-se com qualquer outra coisa. Ao se tornar um com a água, não vos afogareis; ao vos tornardes um com o fogo, não vos queimareis.”

“Para o iluminado, o mundo não apresenta limites. Ele oculta-se no domínio que não contém começo nem fim, e vagueia vagarosamente onde a miríade de coisas surgem e se desvanecem. Ele purifica a sua natureza original, cultiva a sua energia e mantém a sua virtude. Unido às leis da natureza, funde-se com a ordem natural das coisas. Desse modo o seu espírito sai ileso, e o que é externo não consegue penetrá-lo nem prejudicá-lo.”

“Quando um bêbado cai de uma carroça, ele não se magoa com gravidade. Por que será? Os ossos e a carne do homem embriagado são idênticos aos de toda a gente, mas enquanto o indivíduo com consciência pode matar-se numa queda, o bêbado pode escapar sem um arranhão. Isso deve-se ao fato de o embriagado não ter consciência do medo da morte.”

“Para ele não existe diferença entre permanecer na carroça ou cair dela. Por outro lado, o indivíduo consciente encrespa-se de medo ao cair devido a que se veja afetado pelo que se dá ao seu redor. Se conseguirdes abrandar o sentido de vós e dos outros por intermédio do álcool, pensai no que na verdade esquecendo de vós mesmo, podereis conseguir. O iluminado funde-se com tudo o que o rodeia. Por isso, nada em torno dele poderá afetá-lo.”

## **16 – A arte do tiro ao arco**

Lie-Tzu estava ansioso por mostrar a perícia que tinha atingido na arte do tiro ao arco a um amigo. Ele puxou do arco e colocou uma taça de água no antebraço esquerdo dele. A seguir introduziu uma flecha e após ter retesado o arco, libertou-a. Antes da primeira flecha atingir o alvo, já ele tinha soltado uma segunda e uma terceira. Quando viu que todas as três tinham atingido o centro do alvo, Lie-Tzu sentiu-se amplamente satisfeito consigo próprio. Tão firme era a sua mão e focada a sua concentração que a água da taça nem se quer ousou a derramar.

O seu amigo, contudo, não se deixou impressionar. Ele disse a Lie-Tzu: “Aquilo que me mostraste não passa da destreza do olho e da mão, e não o estado de espírito de um verdadeiro arqueiro. Vamos até ao monte e ficar à beira de um penhasco. Se conseguires disparar com precisão sob tais condições, então ter-me-ás conseguido convencer da tua mestria de arqueiro.”

Os dois subiram até os montes, e assim que chegaram ao todo de um penhasco, o amigo de Lie-Tzu caminhou até à beira do precipício que descia um milhar de pés até baixo. Ao permanecer de pé com as costas para a encosta, e com metade do pé sobre a borda, ele convidou Lie-Tzu a juntar-se a ele.

Lie-Tzu, claramente, tremia já quando viu o amigo caminhar até à beira do precipício. Agora, só de pensar que permanecer ali com as costas voltadas para o precipício, caiu de cara e foi invadido por suores frios.

Então, o seu amigo disse: “O mestre arqueiro consegue disparar o arco seja em que condição for. Quer consiga ver num céu claro ou em face de um abismo e da morte, nada consegue perturbar-lhe a quietude de sua mente. Olha para ti. Encontras-te de tal modo assustado que nem de pé consegues manter-te ou mesmo olhar direito. Como poderás sequer começar a demonstrar a arte do tiro ao arco?”

## **17 – Façanhas de poder**

Na região de Chin, o Sr. Fan Shi teve um filho chamado Tzu-Hua que, não obstante não ter um cargo oficial de posição, possuía um poder que se equiparava ao dos ministros. Obteve um grande sucesso alcançando fama como expoente da magia negra. O reino inteiro prestava-lhe vassalagem. O Príncipe de Chin concedia-lhe alto favor, e muito embora não lhe confiasse qualquer cargo elevou-o ao nível de Conselheiro de Estado. A quem quer que Tzu-Hua lançasse o olhar interesseiro era promovido; enquanto aqueles de quem ele falava desfavoravelmente ou desprezava eram em seguida destituídos. As pessoas amontoavam-se no seu corredor com um fervor tal como se estivessem na Corte. Tzu-Hua costumava encorajar os seus seguidores a criar polémicas e disputas entre si, de forma que os espertos sempre tiranizavam os detentores de um espírito obtuso, e os fortes espezinhavam os fracos. Embora isto resultasse invariavelmente em ferimentos, mesmo diante de si, ele não tinha muito por hábito deixar-se aborrecer com isso. Dia e noite, este tipo de conduta servia como diversão, acabando por se tornar praticamente um costume no Estado.

Um dia, Ho-Shêng e Tzu-Po, dois dos principais partidários de Tzu-Hua, partiram em missão, e depois de terem atravessado uma extensão de território selvagem, pela noite resolveram recolher-se à choupana de um velho camponês chamado Shang-Ch’iu K’ai. Durante a noite, os dois viajantes conversaram entre si sobre a reputação e a influência de Tzu-Hua, sobre o poder que ele detinha sobre a vida e a morte, e como ele poderia salvar ou arruinar, enriquecer ou empobrecer, qualquer homem que quisesse. Contudo, Shang-Ch’iu K’ai achando-se no estado de indignação e à beira de morrer de inanição, rastejou até à janela e escondendo-se sob o parapeito desta escutou a conversa deles. Posteriormente, Shang-Ch’iu K’ai, mostrando-se de acordo com eles, tomou algumas provisões, pegou na sua cesta e partiu para a mansão de Tzu-Hua.

Os partidários de Tzu-Hua, eram todos de sangue nobre e constituíam um grupo de pessoas profundamente mundanas que usava vestes de seda pura e se passeavam em

carruagens suntuosas puxadas por excelentes cavalos pelas redondezas, cheios de pompa e de nariz empertigado e a lançar olhares altivos. Vendo que aquele Shang-Ch'iu K'ai era um homem velho e fraco, com a face emaciada e roupas sem qualquer costura cuidada, eles menosprezaram-no. Cedo se tornou um alvo habitual para os seus insultos e ridicularização, sendo empurrado, levando palmadas nas costas e o faziam de tolo. Porém, Shang-Ch'iu K'ai nunca mostrou o menor aborrecimento, e por fim, os partidários, tendo deste modo esgotado os seus ânimos com ele cansaram-se da diversão. Assim, por via de um gracejo, eles levaram o velho com eles para o topo de um precipício, e fizeram passar a palavra ao redor de que aquele que fosse mais ousado e se lançasse dali abaixo seria recompensado com cem onças de prata. Isso suscitou uma resposta calorosa, e Shang Ch'iu K'ai, em perfeita boa-fé, quis logo ser o primeiro a saltar para o precipício. Ele planou até ao chão, lá em baixo, como que levado pelas asas de um pássaro, e nem um osso ou músculo sequer do seu corpo sofreu qualquer ferimento.

Os partidários de Tzu-Hua, encarando o sucedido como um ato afortunado da sorte, não se mostraram surpreendidos e muito menos maravilhados.

Conduziram Shang-Ch'iu K'ai a um rio onde as águas eram profundas e rápidas e disseram-lhe: “Algures por entre essas águas acha-se uma preciosa pérola. Aquele que for suficientemente bravo para mergulhar nelas e encontrá-la ficará com ela.” Não muito depois, Shang-Ch'iu K'ai voltou à superfície com uma pérola brilhante na mão.

Depois disso, Shang-Ch'iu K'ai começou a angariar o respeito de toda a companhia de partidários de Tzu-Hua, e deixaram de se meter com ele. Até mesmo Tzu-Hua ouviu falar das habilidades dele e começou a dar-lhe uma remuneração em ouro e tecido como os demais recebiam. Uma noite acenderam uma enorme fogueira perto do armazém em que os tecidos eram guardados. Tzu-Hua chegou à cena junto com os partidários, e ao ver que estava prestes a perder uma enorme fortuna, o mestre disse aos seus correligionários: “Se forem capazes de retirar as minhas sedas do edifício em chamas, recompensar-vos-ei,” disse, “e podereis de bom grado ficar com aquilo que conseguireis obter de todas estas matérias-primas bordadas como recompensa, seja muito ou pouco.”

Sem revelar a menor comoção, Shang-Ch'iu K'ai atirou-se diretamente e atravessou o fogo, para voltar a sair de novo com as sedas e os brocados intocados e o corpo livre de queimaduras.

Após tal façanha, Shang-Ch'iu K'ai não só passou a ser respeitado como foi admirado. Tzu-Hua e os partidários perceberam então que ele havia realizado o Tao, e todos começaram a apresentar desculpas, dizendo: “Nós não sabíamos, mestre, que havia

realizado o Tao, e estávamos somente a pregar-lhe uma partida. Insultamo-lo e ofendemo-lo no total desconhecimento de ser um inspirado. Você acabou de expor a nossa estupidez, surdez e cegueira. Permitirá que nos aventuremos a perguntar qual é o seu grande segredo ou método?”

Outros se juntaram igualmente ao redor de Shang-Ch'iu K'ai a congratulá-lo, e a rogar-lhe que lhes revelasse os segredos de conseguir voar pelos ares, permanecer sob a água, e de caminhar sobre o fogo.

“Eu não tenho qualquer segredo nem método,” respondeu Shang-Ch'iu K'ai. “Não tenho mesmo a menor ideia sobre a causa real de agir assim. Não obstante a minha ignorância, subsiste em tudo isto uma questão que tentarei explicar-lhe. Pouco tempo atrás, senhor, dois discípulos seus vieram dispostos a passar a noite na minha cabana. Eu ouvi como exaltavam os poderes do Sr. Tzu-Hua – como ele era capaz de dispor à vontade da vida e morte, e como ele era capaz de tornar o homem rico em pobre, e o homem pobre em rico. Eu acreditei nisso com toda a sinceridade, e como não me achava muito distanciado deles cheguei-me ainda para mais perto. Tendo escutado, aceitei sem quaisquer reservas todas as declarações feitas por seus discípulos como verdadeiras, e só receei não vir a ter oportunidade de as pôr à prova de modo triunfante. Desconhecia até que ponto o meu corpo se achava em segurança, nem tampouco se o perigo espreitava em algum lugar e da impossibilidade da tarefa. Esqueci de onde meu corpo veio, esqueci quais coisas me beneficiavam e quais coisas me prejudicavam, a minha mente residia simplesmente no Tao, e desse modo os objetos materiais não ofereceram a menor resistência. Isso é tudo.”

Mas, tendo descoberto que os seus discípulos estavam a enganar-me, o meu espírito vê-se alçado a um estado de dúvida e de perplexidade, enquanto os meus sentidos exteriores como as sensações de visão e do ouvido deixam-me relutante em face da natureza do desafio com que me deparo. Quando reflito como escapei, há pouco, de forma providencial, de me submergir no fogo e morrer queimado, o coração dentro de mim vê-se petrificado pelo horror, e as minhas pernas tremem de medo. Eu jamais terei novamente a coragem para me chegar perto da água ou do fogo.”

Daí em adiante, quando os seguidores do filho de Fan Shi se deparavam com um mendigo na estrada, ao invés de zombarem dele, eles haveriam de descer da montada e saudá-lo com um cumprimento humilde.

Tendo Tsai Wo escutado esta história, foi conta-la a Confúcio. “Parecer-te-á isso demasiado estranho?” respondeu-lhe este. “Ignoras que quem quer que tenha uma

confiança absoluta possa estender a sua influência às coisas inanimadas e a espíritos desencarnados; ele é capaz de mover céu e terra, e de voar até aos seis pontos cardeais sem encontrar qualquer impedimento.”

“Os poderes dele não se limitam a entrar em lugares perigosos nem a atravessar a água e o fogo. Se Shang-Ch'iu K'ai, que depôs a sua fé em falsidades, não encontrava nenhum obstáculo nos assuntos externos, quanto mais certo isso não será quando formos sinceros! Pense nisso.”

“Enquanto o caso de Shang-Ch'iu K'ai era um caso sincero, o mestre dele Tzu-Hua não passava de um impostor.”

## **18 – A arte de domar tigres**

O guardião do parque zoológico do Rei Hsüan, chamava-se Liang Yang, e pertencia à dinastia de Chou, era assistente do rei e era bastante hábil no trato com os pássaros selvagens e as feras. Quando lhes dava de comer nas jaulas existentes no parque, todos os animais se mostraram dóceis e afáveis, embora incluíssem entre si tigres, lobos e águias. Os animais mostravam-se tão mansos que ele podia deixá-los passear pelo pátio. Machos e fêmeas propagavam-se livremente diante dele, e o seu número multiplicava-se.

A dificuldade de adquirir animais selvagens para criação em cativeiro é amplamente conhecida por parte dos naturalistas. As diferentes espécies, contudo, reproduziam-se em cativeiro e coabitavam de forma livre, sem jamais se agredirem entre si.

O Rei, com medo que o segredo deste homem pudesse morrer com ele, enviou de seus servos, Mao Ch'iu-Yiian, tornasse-se aprendiz de Liang Yang.

Quando Mao Ch'iu-Yiian chegou diante de Liang Yang, o guardião disse-lhe: “Eu não passo de um humilde criado e realmente não tenho nada a transmitir quanto à arte de domar estes animais. Receio que sua majestade pense que eu esteja a esconder algum conhecimento.”

“No entanto, preste atenção. Com relação ao método que uso na alimentação dos tigres, tudo o que eu tenho a dizer é o seguinte: Os animais possuem uma natureza singular. Eles não se enfurecem nem se acalmam sem uma razão aparente. O segredo da domesticação dos animais selvagens está em compreender a sua natureza. Conformar-se ao seu temperamento agrada-lhes; contrariá-los irrita-os. Tal é a disposição natural de

todas as criaturas vivas. Se não lhes despertarmos a ferocidade, eles andarão calmos; todavia, se fizermos algo que vá contra a sua natureza, eles enfurecer-se-ão. Nem o seu contentamento nem o seu enfurecimento se manifestam sem uma causa; ambas procedem naturalmente do exagero. A irritação manifesta-se de forma direta; a satisfação de forma indireta, devido à reação natural gerada pela superação da oposição.”

“Desse modo, ao alimentar os tigres evito dar-lhes presas ainda com vida ou carcaças inteiras, para que com o ato de retalhar as carcaças, não se lhes excite a sede de matança. Em seguida, dou de comer aos tigres antes que se sentam esfomeados, controlando desse modo o tempo exato em que devo dar-lhe de comer, e a importância de o fazer de modo regular, obtendo assim a plena compreensão das causas da sua raiva, e assim controlando-a. Assim, quando tiverem sido alimentados os animais sentir-se-ão satisfeitos. O tigre é de uma espécie diferente da do homem, mas, de modo semelhante, reage bem para com aqueles que lhe dispensa um bom tratamento e lhe entende os instintos; mas em caso contrário tende a atacar.”

“Sendo assim, cuido de não lhes provocar qualquer oposição que lhes possa provocar fúria nem lhes espremito qualquer contentamento que lhes cause prazer, porque esse sentimento de satisfação a seu tempo deve ceder lugar à fúria, da mesma maneira que a fúria, invariavelmente, deve ser sucedida pela satisfação; qualquer justa medida provar-se-á meramente impossível de conseguir. E nenhum destes estados alcançam o devido objetivo. Consequentemente, é meu propósito não me revelar antagônico nem complacente, nem lisonjear nem contrariar de modo que os animais me considerem como mais um, idêntico a eles. Mantendo o justo equilíbrio não me atrevo a agir de outro modo, por isso levo os animais a sentir que sou um deles. Desse modo chegamos a ver que eles se passeiam pelo parque sem lamentar a perda do habitat natural, nas florestas altas e nos vastos pântanos, e descansam nas jaulas sem ansiar pelas montanhas desertas nem pelas selvas impenetráveis. Tal são os princípios que conduziram aos resultados que presenciamos.”

## **19 – A arte de conduzir um barco**

Uma vez um discípulo perguntou a Confúcio: “Certa vez, quando estava a cruzar um rio, notei que o barqueiro conduzia o barco com tal graciosidade que lhe perguntei se a perícia que demonstrava poderia ser objeto de aprendizagem. Ele respondeu-me que qualquer um poderia aprender aquilo, mas que se soubesse nadar, então a acharia

especialmente fácil. Em seguida perguntei-lhe se uma pessoa que saiba nadar debaixo d'água, mas que não tenha visto um barco antes também acharia fácil manobrar o barco. O homem não me respondeu a essa pergunta. Poderás dizer-me porquê?"

Confúcio respondeu: "Torna-se fácil para um nadador conduzir um barco já que este compreende a natureza da água. Para ele é natural mover-se através da água. De fato, os movimentos que o nadador empreende na água são tão naturais que ele se esquece de que se encontra na água. O mergulhador que jamais tenha visto um barco também não deveria ter problema em aprender a habilidade da náutica. Para ele, as profundezas do oceano assemelham-se à terra seca. Está tão acostumado a andar debaixo de água que para ele um barco à sua superfície nada representa. Por não temer o que possa acontecer ao barco, e se sentir tão descontraído no barco quanto em terra seca. Por isso, aprenderá rapidamente."

Quando Confúcio viu que o seu estudante ainda se encontrava perplexo, prosseguiu: "Se jogares a contas de peças sem valor, jogá-lo-ás habilmente. Se o que estiver em jogo for a fivela cara do teu cinto, começarás a sentir-te desajeitado. Se jogares a dinheiro, sentir-te-ás inepto. Portanto, não é que tenhas perdido a perícia, mas por te sentires nervoso pelo que sucede externamente que perdes a compostura interna. Perde a calma e fracassarás em tudo o que fizeres."

## **20 – A arte de nadar**

Confúcio e os seus aprendizes encontravam-se junto a uma cascata. A água corria sobre a borda e caía abaixo de uma altura de sessenta metros, onde o rio prosseguia veloz por um desfiladeiro de trinta léguas de extensão. Nem mesmo os peixes, as tartarugas, nem os jacarés, se atreveriam a aproximar-se dessas águas traiçoeiras.

De súbito assistiram a um indivíduo a saltar do cume da queda de água para as águas espumantes do rio. Confúcio pensou que aquele homem devesse estar a tentar cometer suicídio, de modo que disse aos aprendizes para se dirigirem para a margem do rio e para se prepararem para o salvar. Mas quando acorreram apressados para a borda do rio, viram que alguém vinha a nadar vagarosamente para a margem. Para sua surpresa, o homem ergueu-se nos baixios, sacudiu a águas dos seus longos cabelos, e começou a cantar.

Confúcio não conseguia acreditar naquilo que via, razão por que se acercou do estranho homem e lhe disse: "Quando vi que se lançou do topo da queda de água, pensei



que se queria matar. Mas assim que o vi a nadar nessas águas traiçoeiras enquanto se deleitava, pensei que fosse um fantasma. No entanto, ao me aproximar, posso constatar que é um homem.” Com é que consegue nadar por entre águas tão perigosas?”

O homem de cabeleira longa respondeu-lhe: “Não tenho nenhum método particular de natação, exceto que, quando me encontro na água, não luto com ela. Deixo-me flutuar nela e afundar-me nela em vez de tentar forçar um caminho através dela. Poderás dizer que tenha iniciado a minha aprendizagem com o que me foi dado à nascença, que a tenha continuado o que me era natural fazer, e a tenha completado ao confiar no que deveria tornar-me.”

Confúcio disse: “Diz-me o que queres dizer com isso.”

O homem respondeu: “Significa seguir o curso natural das coisas. Se tivesse nascido nas montanhas, ter-me-ia sido natural sentir-me confortável no alto dos montes. Isso significa começar com o que me foi dado ao nascer. Se tivesse nascido no mar, teria sido natural sentir-me confortável ao brincar nas águas do mar. Isso seria prosseguir com o que seria natural fazer. Quando faço qualquer coisa, jamais me ocorre pensar no modo como a faço. Isso é confiar no que está destinado a ser.”

## **21 – O homem que conseguia caminhar sobre o fogo**

Um caçador, seguido de uma vasta facção de seguidores, perambulava pelos maciços centrais à procura de veados. Quando não conseguiam encontrar animais na área, chegavam fogo à erva alta na esperança de que os animais fugissem dos abrigos. De súbito contemplaram um vulto emergir das pedras. Quando o caçador e os amigos viram o vulto passar por entre as labaredas e o fumo pensaram ter visto um fantasma.

Todavia, assim que o fogo esmoreceu, voltaram a ver o vulto, que desta vez caminhava vagarosamente como se nada se tivesse passado. O caçador ficou curioso, de modo que se encaminhou na direção do vulto, para o ver de perto. Assim que percebeu que o vulto tinha aspecto e forma humana, ficou ainda mais fascinado. Assim, dirigiu-se ao homem e perguntou-lhe: “Porque é que vives nos rochedos e passas por entre as labaredas?”

O homem respondeu-lhe: “O que será ‘rochedos’? O que será ‘labaredas’? Não sei de que falas.”

Tal façanha foi motivada pela inconsciência que permitiu desempenhasse aquele feito.

Quando o Marquês de Wei veio posteriormente a ter conhecimento disso, perguntou a Tzu-Hsia, um estudante de Confúcio: “Já terás ouvido falar de gente que consegue caminhar por entre o fogo? Que homem extraordinário não deve ser!”

Tzu-Hsia respondeu: “O meu mestre Confúcio certa vez disse que se nos encontrássemos em harmonia com os elementos que nos rodeiam, não nos veríamos prejudicados por eles. Um fulano assim seria capaz de se ‘fundir’ com as rochas e de caminhar sobre o fogo.”

“Serás tu capaz de tal façanha?”

Tzu-Hsia então respondeu: “Não consigo, por ainda me ver incapaz de esvaziar a mente e de descartar o conhecimento que obtive. Sei somente o suficiente para falar acerca disso.”

“Conseguirá o teu mestre uma façanha dessas?”, questionou o Marquês

“O meu mestre é capaz de tanto, mas não o querará.”

Assim que o marquês escutou aquilo, ficou encantado e não fez mais perguntas.

## **22 – Lie-Tzu e o feiticeiro**

Havia um certo feiticeiro que era capaz de prever o futuro. Um olhar para as características faciais de alguém era tudo quanto precisava para ser capaz de predizer se a pessoa viria a viver ou a morrer, se viria a ter sorte ou azar. Era mesmo capaz de dizer a idade do indivíduo, o dia do nascimento e o dia em que faleceria.

Toda a gente o evitava, com receio que lhes indicasse coisas que preferiam não saber. Apenas Lie-Tzu se deixou impressionar com as capacidades do feiticeiro e o acolhia na sua companhia. Tão impressionado se encontrava com o seu poder que foi até junto do seu mestre, Hu-Tzu e disse: “No passado cheguei a pensar que dominavas os mistérios do Céu e da Terra, mas agora encontrei alguém que possui poder mais vasto.”

Hu-Tzu respondeu: “Apenas tocaste ao de leve nos ensinamentos que dispenso. Ainda nem sequer comecei a mostrar-te a natureza subjacente das coisas, e acreditas ter compreendido os mistérios do universo. Se interagires com gente dotada de conhecimento superficial, tornar-te-ás plenamente previsível. Traz-me esse feiticeiro e vejamos o que sucede.”

No dia seguinte, Lie-Tzu levou o feiticeiro a visitar Hu-Tzu, e ficou respeitosamente a aguardar no exterior. Quando o feiticeiro saiu, disse a Lie-Tzu: “Tenho más notícias para te dar. O teu mestre está às portas da morte. Restam-lhe, quando muito,

uns dez dias de vida. Tem o rosto branco como cinzas e encontra-se de tal modo imóvel que mais parece um cadáver.”

Aflito e num pranto, Lie-Tzu correu junto ao mestre e relatou-lhe o que o feiticeiro lhe tinha revelado.

Hu-Tzu respondeu-lhe: “Mostrei-lhe apenas o domínio que o Yin exerce sobre o Yang, apresentava um corpo enrijecido e uma respiração inativa. Foi isso que o levou a concluir que me encontrava às portas da morte. Pede-lhe que venha visitar-me uma segunda vez.”

No dia seguinte, lá conseguiu Lie-Tzu levar o feiticeiro numa nova visita a Hu-Tzu. Desta vez, ao sair, o feiticeiro disse-lhe: “Parabéns! O teu mestre está a melhorar. Ele teve sorte em me ter conhecido. Agora posso ver sinais de vida nele.”

Assim que Lie-Tzu contou o sucedido Hu-Tzu sorriu: “Foi por lhe mostrar o domínio do Yang sobre o Yin. O sopro primordial tinha acabado de despertar em mim. Não posso nomeá-lo ou descrevê-lo. Foi como erguer-me nos meus calcanhares e encher todo o meu corpo. Foi por isso que ele percebeu que eu regressava à vida. Vê se o trazes de novo.”

Quando o feiticeiro viu Hu-Tzu de novo, disse a Lie-Tzu: “O teu mestre está sempre a mudar. Não consigo ver nada nele. Terei que regressar quando se encontrar mais estável.”

Mais tarde Hu-Tzu disse a Lie-Tzu: “Tinha acabado de lhe mostrar a cópula do Yin e do Yang. Provavelmente ele terá contemplado o processo da criação e da dissolução e o fluxo da mudança as coisas.”

“Ribeiros, riso, quedas de água, nascentes, lagos, rápidos, redemoinhos e vórtices são tudo diferentes manifestações da água, mas eventualmente tudo corre para as profundezas. Existem nove dessas profundezas, e só lhe mostrei três. Diz-lhe para cá vir de novo.”

Desta vez, mal tinha o feiticeiro posto pé na habitação de Hu-Tzu quando saiu a correr desenfreado. “Detém-no,” disse Hu-Tzu. Lie-Tzu correu atrás do feiticeiro, no entanto não foi rápido o suficiente para o alcançar, assim logo perdeu-lhe o rasto.

Lie-Tzu voltou para o mestre e disse-lhe: “Ele correu tão rápido que não o consegui apanhar.”

Logo Hu-Tzu lhe disse: “Aquilo que acabei de lhe mostrar foi o aspecto que tinha antes de vir ao mundo. Não tinha corpo nem forma, ouvido nem olfato. Andava à deriva

por entre as coisas em que entrava e saía sem ser notado nem examinado. Ele jamais havia visto algo semelhante.”

A partir dessa altura Lie-Tzu ficou com a noção de que o que tinha aprendido era frívolo e que se encontrava na verdade longe de compreender os caminhos do Céu e da Terra. Assim, regressou a casa e dela não saiu durante três anos. Cozinhou para a mulher e fez as obrigações de casa, cuidou dos porcos e foi amável com todos quanto passavam. Distanciou-se dos assuntos mundanos e libertou-se do emaranhado de mentiras e de verdades. Não mais se parecia com um pedaço de jade esculpido, mas sim com um bloco tosco de madeira. Em meio a esse mundo turvo permaneceu verdadeiro para consigo próprio, e na simplicidade e tranquilidade passou o resto da sua vida.

### **23 – O receio de Lie-Tzu**

Encontrava-se Lie-Tzu a caminho do condado de Ch'i quando subitamente decidiu voltar atrás. No regresso encontrou-se com um dos seus mestres anteriores, Po-Hum, que lhe perguntou: “Tu ias a caminho de Ch'i; porque voltaste para trás?”

Lie-Tzu respondeu: “Por estar com receio.”

“Que tens a temer?”

“Eu entrei em dez estalagens para comer, e em cinco serviram-me antes de servirem os demais.”

“Que problema tem isso?”

Lie-Tzu respondeu: “Ocorreu-me que o ego me estivesse a levar a melhor e que me impunha um tipo qualquer de respeito ou que levava as pessoas a pensar que eu seja um homem importante. Isso terá levado os estalajadeiros a dar-me a preferência no tratamento. Se continuar ver-me-ei em sarilhos.”

Lie-Tzu prosseguiu: “Os estalajadeiros não ganham muito e decerto que não têm lá grande voto em questões de política. Se as pessoas que pouco têm a ganhar me têm na conta de pessoa tão importante, então deverei estar mesmo em apuros quando os generais e os ministros vierem consultar-me e pedir conselho. É por isso que tenho receio.”

Po-Hum respondeu-lhe: “Excelente observação! Mas deixa que te diga uma coisa. Mesmo que fiques e deixes de ir a Ch'i, os outros não te largarão facilmente.” Lie-Tzu nunca chegou a ir a Ch'i. Em vez disso decidiu instalar-se num sítio sossegado.

Passado não muito tempo, Po-Hum veio visitá-lo. Ao ver o calçado de inúmeras visitas à entrada de casa de Lie-Tzu, Po-Hum não entrou e partiu sem proferir palavra.

Quando o sucedido chegou aos ouvidos de Lie-Tzu que o seu antigo mestre tinha sido visto no exterior, ele correu descalço no seu encalço e lá conseguiu apanhá-lo a tempo de lhe dizer: “Mestre, uma vez que vieste, porque não entras e me instruis?”

Po-Hum disse: “Eu nada tenho a dizer. Eu disse-te que as pessoas não te largariam facilmente, e agora isso foi comprovado. As pessoas acorrem a ti, não porque sejas capaz de permitir que te respeitem, mas por não os poderes impedir de fazer isso. Tu exibiste a tua virtude e as tuas conquistas e com isso atraíste as pessoas que procuram aprender contigo, mas nem tu nem essa gente beneficia disso. Eles bajulam-te, e tu dizes-lhes aquilo que eles querem ouvir. Amparais-vos uns aos outros, e no final ninguém sai esclarecido.”

## **24 – Lao-Tzu ensina Yang-Chu**

Yang-Chu era discípulo de Lao-Tzu. Assim que ouviu dizer que Lao-Tzu se encontrava de viagem para a terra ocidental de Ch’i, foi encontrar-se com o seu mestre na estrada mesmo à saída da cidade de Liang.

Lao-Tzu olhou para Yang-Chu e em seguida ergueu os olhos para o céu e suspirou, dizendo: “Certa vez pensei que fosses capaz de aprender. Agora tenho a certeza de que és incorrigível.”

Quando Yang-Chu ouviu aquilo ficou em silêncio. Acompanhou Lao-Tzu até à estalagem e prestou assistência ao mestre. Estendeu-lhe um pente, uma toalha e uma bacia com água e aguardou pacientemente enquanto o mestre se lavava. Quando viu que Lao-Tzu se tinha finalmente sentado, tirou as sandálias, rastejou sobre as mãos e os joelhos até junto do mestre, e disse respeitosamente: “Mestre, há pouco disseste que eu era incorrigível. Ao ver que te dirigias apressado para a cidade, não me atrevi a atrasar-te com pedidos de explicação. Agora, porém, que pareces dispor de um certo tempo, gostaria de descobrir que foi que fiz de errado.”

Lao-Tzu disse-lhe: “És altivo e arrogante. Não sentes respeito por coisa nenhuma. Não é de admirar que ninguém procure a tua companhia.”

Yang-Chu humildemente pediu que o instruisse, e então Lao-Tzu respondeu-lhe: “Uma pessoa de virtude não se considera virtuosa, e quem quer que tenha alcançado o esclarecimento não apresenta aparências de perfeição. Somente assim poderás transcender o mundo e ainda assim fazer parte dele.”

Yang-Chu acatou o conselho do mestre de imediato.

Quando chegou pela primeira vez à sua estalagem, o estalajadeiro, que sempre o cumprimentava com deferência, veio ao seu encontro. A mulher do estalajadeiro receava não o servir de modo apropriado. Os outros fregueses sentavam-se a uma distância respeitável e não se atreviam a proferir palavra. Por altura em que Yang-Chu deixou novamente a estalagem para prosseguir viagem, ele já gracejava com o estalajadeiro e mostrava-se tão amigável com a clientela que ela começou a disputar um lugar à mesa dele.

## **25 – Que terão as aparências de errado?**

Enquanto viajava para o condado de Sung, Yang-Chu foi hospedar-se numa estalagem. O estalajadeiro tinha duas mulheres, uma bonita e a outra feia. Quando Yang-Chu viu que o estalajadeiro amava mais a mulher feia do que a bonita ficou surpreendido e perguntou-lhe: “A maior parte das pessoas amaria uma mulher bonita e ignoraria uma feia. Porque fazes tu o contrário?”

O estalajadeiro respondeu: “A bonita pensa que é bonita, mas não lhe distingo tal beleza. A feia tem-se na conta de feia, porém, não lhe noto fealdade alguma.”

Yang-Chu regressou para junto dos discípulos e disse: “Lembrem-se bem disto. Se forem sinceros convosco próprios e fizerem as coisas de boa-fé, toda a gente em vós perceberá a virtude. Assim, não importa onde vão, serão respeitados.”

“Quando olhamos as coisas muitas vezes presumimos que, quando duas coisas têm um mesmo aspecto exterior devem ser iguais por dentro. Contudo, o sábio sabe que as aparências não nos dão conta do que vai no íntimo. Qualquer coisa poderá parecer humana e ainda assim não apresentar a mesma inteligência que um ser humano; algo poderá não possuir o aspecto humano e ainda assim ter a inteligência de um ser humano.”

“Além disso, temos a temos a tendência para nos deixarmos atrair por coisas que nos assemelham, e a distanciar-nos daquelas que não se parecem conosco. Quando vemos alguma coisa alta que caminha sobre duas pernas, que possui cabelo e mãos com dedos, chamámo-lhe humano e de imediato os mostramos amigáveis para com ela. Quando vemos algo que caminha sobre quatro patas, que voa ou rasteja, sentimos de imediato como se alguma coisa de fosse diferente de nós e tornámo-nos cautelosos.”

“No entanto, o sábio sabe que certos animais são tão inteligentes e zelosos quanto aos seres humanos, e que alguns seres humanos são tão selvagens quanto animais. Como se poderá julgar pelas aparências?”

“Os benfeitores da humanidade, a deusa Nu que nos criou, o sábio Sheng. Aquele que nos inculcou o conhecimento da agricultura e muitos dos mestres da humanidade da antiguidade – não surgiram sob a forma humana. Alguns possuem corpo de serpente, outros têm cabeça de touro, e outros ainda possuem asas e cascos. Por outro lado, os tiranos que escravizam as pessoas e que matam inocentes, possuem aparência humana. Desse modo, como se poderá julgar qualquer coisa pelo aspecto que apresenta?”

“Quando o Imperador Amarelo defendia a sua nação dos invasores, possuía um exército de tigres e de ursos, de lobos e de leopardos. Águias e falcões carregavam-lhe os estandartes. No entanto dizia-se que o Imperador Amarelo conseguia chamar para o seu lado animais com flautas e sininhos. Por conseguinte, em que é que tanto diferem os animais de nós, se são capazes até de responder ao nosso chamado?”

“Pensamos não ser capazes de comunicar com os animais por não se assemelharem a nós e produzirem ruídos diferentes. Todavia, os sábios da antiguidade sabiam ser ao contrário, por serem capazes de falar com os animais e de os compreender.”

“Na realidade os animais parecem-se muito com os humanos. Sabem cuidar deles próprios, acasalam, tratam e protegem as crias, evitam o perigo e buscam o calor e o abrigo, para além de possuírem inteligência, tal como o homem. Sempre que viajam, os mais fortes protegem os mais fracos. Alguns procuram água, outros abrem caminho, e outros ainda ficam a vigiar o perigo. Não será isso o que os seres humanos fazem?”

“No passado, animais e seres humanos viviam em paz, juntos. Os seres humanos não prejudicavam os animais, nem estes temiam as pessoas. No tempo dos imperadores, os animais começaram a rezear as pessoas, por se terem tornado objeto de caça. Agora raramente vemos os animais no seu habitat natural, por terem aprendido a esconder-se de nós.”

“Num povoado distante que fica lá para leste, há quem ainda consiga falar com os animais domésticos e os entenda. Todavia, só os sábios da antiguidade conheciam a língua dos animais e conseguia chamá-los e dar-lhes instruções. Na verdade, tais sábios conseguiam falar com os espíritos, e desse o os seus ensinamentos prolongavam-se à miríade de coisas existentes na criação, tanto humanos como não humanos.”

Na versão de Lionel Giles, filósofo da segunda metade do século de XIX:

“Pode existir semelhança no entendimento sem existir semelhança na forma de exteriorização. Pode igualmente existir similitude no modo de exprimir sem, contudo,

haver qualquer semelhança na compreensão. O sábio abraça a semelhança da compreensão e não dá qualquer importância à similitude do modo.”

“Toda a gente, em geral, se deixa atrair pela semelhança dos modos enquanto permanece indiferente à similitude do entendimento. Aqueles que se assemelham pela forma, estimam e tornam-se seu consorte. Aqueles que se diferem pela forma, têm a tendência para temer e manter à distância.”

“A criatura que possui um esqueleto com sete pés de comprimento, e a forma das mãos ligeiramente diferente da dos pés, cabelo na cabeça e um feixe de dentes nas mandíbulas, é tida na conta de ser um homem. Mas isso não quer dizer que um homem não possua o cérebro dum bruto. Ainda que possa ser o caso, outros serão capazes de distingui-lo como um par da mesma espécie em virtude da sua forma externa.”

“As criaturas que possuem asas nas costas ou chifres na cabeça, dentes afiados ou garras extensivas, e que voam por cima ou correm sobre quatro patas, são chamadas aves ou bestas. Todavia, não quer isso dizer que uma ave ou uma besta não possua a mente como a de um homem. No entanto, mesmo nesse caso jamais é tido como da mesma espécie devido à diferença na forma.”

“Pao Hsi Nu Kua, Shen Nung e Hsia Hou tinham corpo de serpente, face humana, cabeças de boi e focinho de tigre. Por isso a sua forma era tudo menos humana, não obstante a sua virtude ser das mais santificadas. Chieh da dinastia Hsia, Chou da Yin, Huan do Estado de Lu e Um do estado de Chu, eram todos, no que toca ao aspecto externo, aparência física e posse dos sentidos, semelhantes a qualquer outro; todavia possuíam a mente de um bruto. Seja como for, na busca da compreensão perfeita, o homem não deve considerar unicamente a forma externa, a qual não o leva nem sequer perto da compreensão.”

## **26 – Suavidade e rigidez**

No mundo há um caminho pelo qual sempre venceremos, a esse caminho se conhece como Tao, e há também um outro pelo qual nunca conquistaremos nada. O primeiro é chamado de suavidade e o último de força. Os dois são fáceis de reconhecer mas os homens ordinários não os reconhecem. Daí vem um ditado antigo: “Os fortes superam os mais fracos, no entanto, os que renunciam do uso da força superam os mais fortes.” Se por rotina tentarem superar a força com a força, um dia acabarão por encontrar quem seja mais forte que vós, e serão derrotados. Se souberem submeter-se, então, jamais



se verão em perigo. Se forem competitivos sempre chegarão a uma altura em que se verão derrotados. Se não forem competitivos não precisarão preocupar-se por vencer ou perder.

A força deveria sempre ser complementada pela brandura. Se resistirem demasiado acabarão por quebrar. Desse modo, aquele que é forte sabe quando empregar a força ou fazer uso da concessão; a sorte e o desastre dependerão de saberem como e quando fazerem concessões.

Lao-Tzu certa vez disse:

Tenro e flexível é o homem quando nasce,

Duro e rígido quando morre,

Tenras e flexíveis são as plantas

Quando começam,

Duras e rígidas quando terminam.

Rígido e duro o que sucumbe à morte,

Tenro e flexível o que é repleto de vida.

Quem julga ser forte só pelas armas

Não vencerá.

Árvores que parecem passantes

Sempre se aproximam do fim.

Pelo que vale isto:

O que parece grande e forte

Já está a caminho da decadência.

Mas o que é pequeno e flexível,

Isto cresce.

- Tao Te Ching, Capítulo 76

Tradução de Huberto Rohden  
editora Martin Claret

Yu Hsiung certa vez disse:

Ao visar ser rígido, resguarde-se na suavidade.

Ao visar ser forte, mantenha-se fraco.

O que começa suave, acumula-se e torna-se rígido.

O que começa fraco, acumula-se e torna-se forte.

Observe isso e entenderás de onde vem todas as benções e desgraças.

Os fortes superam os mais fracos, mas ao encontrarem quem cuja a força assemelha-se, nenhuma vantagem terão.

Os que renunciam do uso da força superam os mais fortes, sua força há de ser imensurável.

## **27 – Virtude e integridade**

Houve certa vez o rei K'ang de Sung estava unicamente interessado em contratar quem fosse forte e bravo, por acreditar que a força constituísse a melhor maneira de se proteger. Certo dia um filósofo itinerante, Hui-Ang, foi visitá-lo. O rei nesse dia encontrava-se de mau-humor e mostrava-se carrancudo, ao andar para a frente e para trás. Ao ver o filósofo disse: “Só estou interessado em ouvir falar de força e coragem. Se me vieres falar sobre virtude e moral, então perderás o teu tempo.”

O filósofo disse: “Se eu possuísse estratégia que garantisse que qualquer um que tentasse apunhalá-lo falhasse, estaria interessado?”

“Claro que gostaria de ouvir falar disso.”

“Se alguém o tentar apunhalar e falhar ainda se sentirá humilhado por ter sofrido um atentado à sua vida. Por isso, estratégia melhor seria uma que levasse as pessoas a jamais se atreverem a atacá-lo, desde logo.”

O rei relutantemente lá concordou, enquanto o filósofo prosseguia: “Bom, se as pessoas não se atreverem a prejudicá-lo, não há garantia de que não tenham o desejo de lhe fazer mal. Por isso, estratégia ainda melhor seria uma que levasse as pessoas a não querer fazer-lhe mal em absoluto.”

O rei assentiu pensativo. A seguir o filósofo acrescentou: “Mas o simples fato de as pessoas não serem levadas a querer prejudicá-lo não quer dizer que o respeitem ou amem. Suponhamos que dispunha de uma estratégia que as conseguisse levar a amá-lo e

a respeitá-lo, de modo que as suas preocupações fossem as preocupações delas. Não seria tal estratégia várias vezes melhor do que a mera força e coragem?”

O rei exclamou: “É disso exatamente que ando à procura. E o filósofo respondeu: “Nem Confúcio nem Mo-Tzu eram príncipes. Jamais se tornaram líderes ou tiveram qualquer cargo político. No entanto as pessoas respeitavam-nos do mesmo maneira que a reis e a nobres. Por toda a parte em que andassem as pessoas agarravam-se lhes ao pescoço e punham-se em bicos de pés para obter um olhar da parte deles. Todas os respeitavam e lhes desejavam o bem. Vossa majestade já possui poder político e militar. Se governar a sua gente com virtude e integridade, a sua grandeza não suplantaria a de Confúcio e a de Mo-Tzu?”

O rei ficou mudo, sem palavras. Ao ver que tinha conseguido o objetivo, o filósofo saiu rapidamente. O rei voltou-se para os ministros e disse: “Aqui está um homem que sabe falar de verdade.” Ele deu-lhe a volta por completo com os argumentos que apresentara.

## LIVRO TERCEIRO

### O REI MU DE CHOU

#### Introdução

Por vezes um sonho parece de tal modo real que quando acordamos sentimos não ter sido um sonho. Uma vez acordados, esquecemos os sonhos que tivemos. Quando dormimos esquecemos a vida do estado desperto. Qual será mais real: a nossa vida onírica ou a vida do estado desperto? É acerca disso que Lie-Tzu nos questiona.

Até mesmo no estado desperto, as coisas não são tão permanentes quanto pensamos. O que hoje poderá parecer razoável, poderá amanhã soar a ridículo. Os pensamentos que nos ocupam a mente durante o dia poderão parecer-nos destituídos de sentido quando permanecemos despertos à noite e voltamos a pensar neles.

Se nada é permanente, então porque nos afeiçoamos tanto ao sucesso e ao fracasso? Após a morte ninguém irá recordar o que fizemos. Mas mesmo que sejamos recordados, o que recordado será apenas o que optarem por recordar.

Porque conduzir-nos com tanta dureza quando ao morrer não conseguimos levar as nossas riquezas conosco? Porque dar tamanha importância ao amor e à perda quando sabemos que um dia teremos que abandonar todas essas pessoas? A vida é uma jornada curta, por isso, porquê tornar-nos presa das convenções sociais, da aprovação de terceiros e de preocupações inúteis?

Enquanto o rei Mu viajava pelo reino do espírito, tudo lhe parecia real. Mas quando regressou ao próprio reino descobriu que tudo quanto tinha experimentado tinha sucedido num pestanejar de olhos. Será o domínio do espírito real ou não passará de uma ideia fugaz?

Para aquele que conseguia fazer com que nevasse no verão e trovejasse no inverno, o nosso mundo “real” pode não passar de uma ideia efêmera. Poderá tal homem mudar a realidade? Ou será que a nossa realidade não será tão permanente quanto somos levados a crer?

Se conseguirmos deixar-nos levar sem nos aprisionarmos pelas preocupações mundanas, então não nos preocuparemos durante o dia nem sonharemos com os problemas durante a noite. Onde não existir o Ego, o falso eu, não existirão sonhos. O sono constitui um período de descanso. Porque gastá-lo com preocupações?

Perceber as ilusões do Ego e do mundo permitir-nos-á entender a natureza da felicidade e do pesar. O rico que era senhor do seu ofício durante o dia e que sonhava ser um escravo ao dormir não difere muito do escravo que sofre durante o dia e que sonha ser rei pela noite. Ambos experimentam meio-dia de felicidade e meio dia de tristeza.

Se formos sentir-nos infelizes nas nossas vidas despertas ou nos nossos sonhos, então porque não sermos como aquele que perdeu a memória das preocupações? Quem será mais afortunado – aquele que perdeu a memória e as preocupações ou aquele que as retém?

O mundo é aquilo que dele fazemos. Nós criamos a nossa felicidade e os nossos pesares. Se esse fosse o caso, porque criaríamos problemas para nós próprios?

## **28 – O sonho do rei Mu**

O rei Mu de Chou foi visitado por um estranho do extremo oeste. Tratava-se de um feiticeiro que era capaz de caminhar sobre o fogo e a água, penetrar a pedra e o metal, voar pelos ares e mover montanhas e rios. O rei ficou sobejamente impressionado com as habilidades do feiticeiro e tratou-o como a um deus.

Construiu-lhe um palácio, enviou-lhe os melhores pratos que tinha no reino, e providenciou-lhe as melhores cortesãs. Todavia o feiticeiro não levou tais oferendas em grande consideração. Achou o palácio desconfortável, a comida desagradável e as cortesãs feias, malcheirosas e incultas.

Ao ver que o seu convidado se sentia insatisfeito o rei mandou construir um outro palácio maior do que o anterior. Contratou os melhores artífices e arquitetos e usou a melhor madeira e pedra que tinha no condado. O palácio era formado por uma torre que subia até às nuvens e que tinha as vistas mais incríveis sobre vales e montanhas. O rei Mu chamou-lhe a torre do meio do céu.

O rei congregou igualmente as mulheres mais belas e delicadas que tinha no reino. Forneceu-lhe as melhores peças e joalharia e de seda, aspergiu-o com as mais puras fragrâncias e disponibilizou-lhe os melhores assistentes. Todos os dias lhe oferecia vestimentas caras e as melhores iguarias e convocou os melhores músicos para tocar as melhores músicas já vez compostas.

O feiticeiro ainda se sentia insatisfeito, mas ao ver que o rei tinha dado o seu melhor, de má vontade aceitou as oferendas.

Passado não muito tempo, o feiticeiro convidou o rei Mu para viajar com ele à sua terra no oeste. Dizendo ao rei para fechar os olhos e para se agarrar à manga da veste dele, alçou-se ao céu. Assim que o rei abriu os olhos deu por si na terra do feiticeiro. Ao entrar na área do palácio viu que os edifícios se achavam decorados com prata e ouro. Jade, pérolas e outras joias preciosas adornavam as paredes e as janelas. O palácio situava-se num leito de nuvens que ficava acima da chuva e das tempestades. Tudo quanto viu, ou experimentou, era desconhecido no seu mundo. Foi então que o rei Mu percebeu que os deuses deveriam ter apreciado tais luxos nos seus palácios celestes. Comparado com aquilo, o seu próprio palácio parecia um mero casebre.

O rei Mu disse para consigo próprio: “Jamais vi coisa assim. Não me importava de aqui ficar dez ou vinte anos.” O seu devaneio foi interrompido pela aproximação do feiticeiro que o levou a visitar ainda um outro reino.

Desta vez, quando o rei Mu chegou, não conseguiu vislumbrar sol nem lua, montes nem mar. Para onde quer que olhasse a luz era de tal modo deslumbrante que tudo quanto conseguia divisar era um caleidoscópio de cores que o deixavam estonteado. Os sons que escutava eram estranhos e misteriosos e logo ficou com os sentidos desorientados. O corpo tremia-lhe e sentia a mente ofuscada; sentia-se enjoado e pensou que ia adoecer. Rapidamente pediu ao feiticeiro que o levasse dali ou enlouqueceria. O feiticeiro deu-lhe um leve empurrão, e o rei Mu viu-se de volta ao seu palácio.

Ao abrir os olhos verificou que se encontrava sentado na sua cadeira, que jamais tinha deixado. O vinho que tinha na taça ainda não tinha sido ingerido, e a comida no prato ainda se encontrava tépida. Os seus assistentes permaneciam na mesma posição anterior. Quando lhes perguntou o que tinha acontecido, os assistentes responderam que permanecera sentado na sua cadeira e que fechara os olhos por breves instantes.

O rei Mu achava-se de tal modo chocado com aquilo que levou quase três meses a recobrar de toda aquela experiência. Por fim decidiu perguntar ao feiticeiro o que tinha realmente sucedido e o seu distinto convidado respondeu-lhe: “Fizemos uma jornada pelos domínios do Espírito. Foi por isso que o teu corpo permaneceu imóvel e não sentiste passagem de tempo. Experimentaste um mundo que te é desconhecido enquanto permanecias sentado no seu próprio palácio. Existirá mesmo alguma diferença entre os lugares que visitaste e aquele a que chamar “lar”? Ficaste chocado e desorientado por te sentires confortado com o que designas por permanente, e sentiste-te nervoso com as coisas que consideras transitórias. As reações que sofreste são o resultado das partidas

que a tua mente te provocou. Quem poderá asseverar quando e com que rapidez uma situação pode se transformar em uma outra e qual será real e qual não será?”

Após ouvir aquilo o rei Mu decidiu retirar-se da política. Ordenou aos assistentes que preparassem a sua carruagem e os cavalos a partiu numa longa viagem pelo seu reino. Viajou para terras estranhas onde foi entretido pelos senhores dessas terras. Num dos locais que visitou o chefe tribal deu-lhe a beber o sangue de um ganso da neve, e lavou-lhe os pés com leite de vaca e de cabra. A seguir o rei escalou as montanhas Ku-Lun até ao topo, de onde vislumbrou o palácio real do Imperador Amarelo, e construiu um memorial para que as gerações futuras recordassem esse poderoso governante.

A seguir foi em visita à Mãe Imperatriz do Oeste, que lhe ofereceu um banquete de honra e o entreteve com música e canto. O rei cantou em dueto juntamente com a Imperatriz Celeste, mas a música apenas invocou sentimentos de tristeza.

À medida que o sol se começou a pôr nos céus do oeste, o rei Mu percebeu que viajara mais de dez mil milhas num só dia. Suspirou e disse: “Em vez de usar o tempo de que dispunha a governar o país e a cuidar dos meus súditos, desperdicei este dia a cantar a divertir-me. O provável é que venha a ser visto pelas gerações futuras com um tolo!”

O Rei Mu não era divino. Ele desfrutou por completo da sua vida e morreu quando chegou a hora. Mas todos acreditavam que havia se tornado um deus e subido pelo céu.

## **29 – Aprendendo as artes arcanas**

Lao-Ch’eng-Tzu foi aprender os segredos das artes arcanas com o sábio Wen-Tzu. Depois do seu mestre não lhe ter ensinado nada durante três anos, ele desculpou-se pela estupidez e pediu permissão para retornar a casa.

Went-Zu fez uma vênua a Lao-Ch’eng-Tzu, conduziu-o aos aposentos dele, dispensou os outros estudantes e fechou a porta, a seguir ao que, disse: "Quando o meu mestre partiu para as terras do ocidente disse-me que a vida e a essência do céu e da terra e a forma de todas as coisas na verdade constitui uma ilusão. Quando as energias do Yin e do Yang copulam e as coisas veem à existência, chamamos a isso nascimento. Quando se separam e desvanecem, chamamos-lhe morte. Àquilo que ocorre segundo a aritmética da mudança chamamos transformação, ou arcano."

"Os princípios da criação e da dissolução são profundos e de difícil compreensão. Se nos aferrarmos simplesmente aos aspectos superficiais da mudança, só lidaremos com ilusões, e o que quer que manipulemos não terá efeito duradouro. Somente quando

penetramos a aritmética da transformação e nos tornamos unos com a mudança estaremos qualificados para a aprendizagem das artes arcanas. Afinal de contas, tu e eu não passamos de ilusões de corpo e mente, por isso, que terão as artes arcanas de tão mágico?"

Lao-Ch'eng-Tzu agradeceu ao seu mestre e regressou a casa. Pensou no que ele lhe tinha dito durante três meses e começou a abrir mão da ilusão de corpo e mente. Tendo-o conseguido, tornou-se capaz de surgir e de desaparecer à vontade e de dar a volta às estações. Era capaz de convocar o trovão no inverno e a neve no verão. Podia fazer com que animais que corresse passassem a voar e fazer com que animais que voassem passassem a correr. Contudo, não revelou essas faculdades a ninguém, de modo que tais artes não foram transmitidas às gerações futuras.

Lie-Tzu disse: "Aqueles que são adeptos das artes arcanas não as revelam casualmente. De fato, ocultam-nas tão bem que chegam a parecer homens comuns. É geralmente aceito que os antigos sábios e reis conseguiram o que pretendiam por intermédio da virtude e da coragem. Mas quem poderá dizer que não tenham feito uso das artes do arcano?"

### **30 – Sonhos**

É dito que os episódios da nossa vida desperta podem ser classificados em oito categorias, e que as experiências da nossa vida onírica podem ser divididas em seis. A nossa vida terrena gira em torno desses catorze tipos de eventos.

Os oito episódios da nossa vida desperta são: os acontecimentos, as ações, o ganho, a perda, a felicidade, a tristeza, a vida e a morte. Isso é experimentado sempre que o nosso corpo defronta algo no mundo.

As seis experiências com que nos deparamos na nossa vida onírica são: os sonhos comuns sem grande significado, os sonhos de aviso, os sonhos resultantes do excesso de pensar, os sonhos instrutivos, os sonhos agradáveis e os sonhos desagradáveis ou pesadelos. Tais estados oníricos são experimentados quando a nossa mente permanece inquieta.

Se não reconhecermos quando ocorrem as mudanças, nem a razão por que ocorrem, ficaremos confusos. Contudo, se conhecermos a causa e o efeito das coisas, então estaremos preparados e não nos entusiasmaremos nem amedrontaremos. O mesmo se passa com os sonhos.



O aumento ou a diminuição da energia nos nossos corpos segue o fluxo da energia de Céu e da Terra. Quando há muita energia Yin, experimentaremos sonhos ligados à água e ao medo do afogamento. Quando há demasiada energia Yang, sonharemos com fogueiras quentes e experimentaremos a ameaça de sofrer queimaduras. Quando tanto as energias Yin e Yang se encontram no seu pleno vigor então sonhamos com violência e assassinatos. Quando estamos esfomeados, sonhamos que imploramos por comida. Quando satisfeitos, sonhamos que damos comida aos outros. Pela mesma razão, aqueles que padecem de febre alta sonham que os seus corpos se acham leves e a pairar. Aqueles que estão a tiritar de frio sonharão que estão a afundar-se e a afogar-se. Durmam com o cinto apertado e sonharão que estão a ser sufocados por uma cobra. Adormeçam assim que a escuridão da noite começar a cair e sonharão com a luz da fogueira. Se tiverem perturbação estomacal ao dormir, sonharão que comem. Aqueles que vão dormir deprimidos sonharão que bebem vinho. Aqueles que adormecem após um pranto de tristeza, sonharão que dançam e que cantam.

Lie-Tzu disse: "Quando a mente se acha inquieta, sonhamos. O que tenha estimulado o corpo durante o dia surgirá nos nossos sonhos pela noite. Essa é a maneira como mente e corpo reagem um ao outro. Assim, as pessoas que têm uma mente vazia de pensamentos e cujos corpos não sofrem o estímulo das coisas que as rodeiam não se sentirão perturbadas por sonhos pela noite. Esses permanecem completamente despertos no estado de vigília e em pleno repouso durante a noite. Os sábios não se apegam às ideias que têm nem às ações que empreendem durante o dia, de modo que pela noite não sonham."

Há uma terra distante que não chega a receber o sopro do Yin e do Yang. Por isso, nesse lugar não sucede a mudança das estações nem do dia e da noite. Lá, as pessoas não trabalham, nem comem, nem usam vestuário. Dormem a maior parte do tempo e só acordam uma vez em cada quinze dias. No pouco tempo em que permanecem despertos, sentem estar a sonhar. Por outro lado, os sonhos são muito reais para eles.

Há uma outra terra no centro do mundo. Essa terra estende-se a norte e a sul de um rio enorme; encontra-se cercada por montes a leste e a oeste, e estende-se por mais de dez mil milhas. Por se situar no centro do mundo, acolhe o sopro de Yin e de Yang com equanimidade. Por isso as estações não apresentam diferença nem distinção clara entre o dia e a noite. Nessa terra, alguns são inteligentes e outros são embotados. Alguns são talentosos e outros vulgares. As pessoas nessa terra possuem uma sociedade organizada, sabem como cultivar a terra, e são lideradas por um líder. Também são destros numa

diversidade de atividades que exercem. Essa gente acredita que aquilo que experimenta no estado de vigília seja real e que o que experimenta nos sonhos seja irreal.

Há, contudo, uma outra terra onde sempre faz calor. O sol e a lua nunca se põem, e não há noite. Fustigada pelo calor, a terra não produz cultivo. As pessoas alimentam-se de frutos silvestres e de raízes de árvores e não conhecem o cozinhar pelo fogo. São ferozes e violentas, e o forte conquista o fraco, por valorizarem a força ao contrário da virtude. Por não existir noite, acham-se ativos a toda a hora e só raramente dormem.

Serão os acontecimentos do nosso estado e vigília mais reais do que os dos sonhos? Para aqueles que dormem a toda a hora, os sonhos serão mais reais do que o estado de vigília. Contudo, aqueles que dividem o seu tempo de forma igual entre a vigília e o sono, as experiências do estado de vigília não serão mais reais do que acontecimentos oníricos. Ainda assim, para aqueles que não conhecem o sentido do sono, não faz sentido falar acerca da diferença entre um e o outro estado. Que diferença existirá, pois, entre ambos?

### **31 – A verdade acerca da felicidade e da infelicidade**

Um certo homem rico do condado de Chou tinha uma forma de gerir o seu negócio. Sob a sua supervisão, as suas propriedades e investimentos rendiam-lhe avultados lucros. Contudo, tratava os trabalhadores de forma impiedosa e fazia-os trabalhar do raiar do dia até ao anoitecer.

Havia um velho servo que tinha trabalhado toda a sua vida nas propriedades. Extenuado pelo trabalho árduo e pelo tratamento áspero, esse servo tinha perdido tanto a robustez quanto o vigor e não conseguia produzir mais. Mas o negociante não tinha compaixão pelo pobre servo. Em vez disso, castigava-o por ser preguiçoso e levava-o a trabalhar mais e durante mais tempo. O servo sentia-se de tal modo infeliz que gemia o dia todo enquanto trabalhava. Cansado de corpo e de mente pela noite caiu num sono profundo. Ao perder a consciência começou a sonhar, e sonhou que era rei numa terra próspera e que tinha milhares de servos às suas ordens. Vivia num palácio belíssimo, visitava o seu reino com pompa e luxo, e sentia-se feliz para além da imaginação. Mas ao acordar no dia seguinte, enfrentou outro dia de infelicidade.

Quando os colegas de trabalho o confrontaram, o velho servo disse: "Não é tão mau quanto isso. Sofro durante o dia, mas pela noite desfruto do fato de ser rei de uma nação."

Entretanto o rico homem de negócios descobriu que se sentia profundamente cansado depois de passar os dias a tratar dos assuntos das suas propriedades. Também ele caiu num sono profundo e sonhou. Mas quando sonhou, o sonho que teve foi um pesadelo. Tornou-se num escravo preso a um mestre cruel. Eram-lhe atribuídas as tarefas mais desprezíveis e via-se forçado a trabalhar por muitas horas seguidas de dureza. Mesmo quando se sentia cansado era tratado sem misericórdia. Era açoitado e punido por toda a falha imaginável quer com razão ou sem razão. Sofreu miseravelmente no sonho e só conseguiu alívio ao acordar.

Todos os dias os dois homens desempenhavam os papéis de mestre e de servo. E todas as noites sonhavam e desempenhavam os papéis de escravo e de rei. Os dias e os meses foram passando. O rico sentiu-se infeliz e pediu ajuda a um amigo.

O amigo disse-lhe: "Tu possuis uma vasta fortuna e um nome respeitável no mundo dos negócios. A posição social de que gozas é muito superior à do homem comum. Por isso, sonhar que te encontras no fundo da escala social é bastante normal. As coisas têm o seu jeito de se equilibrarem. Se quiseres ter tudo à tua feição tanto no estado de vigília como no estado onírico, isso será impossível."

O homem de negócios pensou nas palavras do amigo e percebeu que ele estava a forçar as coisas ao extremo. Ele tratava-se de uma forma demasiado afortunada e aos servos de uma forma demasiado infeliz. A partir daí passou a tratar os trabalhadores com compaixão, diminuiu-lhes a carga de trabalho e não dirigiu a sua vida de forma tão árdua. Em resultado, toda a gente se sentiu melhor. O rico deixou de ter pesadelos em que era escravo pela noite, e o velho servo não teve que sofrer durante o dia.

### **32 – O que será real e o que será irreal?**

Um lenhador que reunia lenha na floresta cruzou-se com um veado, que matou e que escondeu num buraco para poder voltar mais tarde e recolhê-lo. Ele ficou tão contente com esta tremenda sorte que em breve se esqueceu onde o tinha guardado e começou a suspeitar que possa ter sonhado com a coisa toda.

Ao regressar a casa, ele murmurava consigo mesmo com respeito a tal sonho tão estranho. Aconteceu que um transeunte ouviu os murmúrios do lenhador e decidiu ver se conseguiria descobrir o veado que o lenhador tinha mencionado.

Depois de ter procurado com todo o cuidado pela área que o lenhador tinha descrito ele descobriu o veado oculto num buraco coberto por ramos de árvore. Espantado

com a sorte que teve, o homem levou o veado para casa e disse à mulher: “Hoje encontrei um homem que sonhou que havia matado um veado, mas que esquecera onde o tinha escondido. Mas fui e procurei por toda a zona onde ele tinha dito que tinha morto o animal e encontrei-o num buraco. Não será incrível como os sonhos podem tornar-se reais?”

A mulher retorquiu: “não terá sido que tu sonhaste com todo o incidente? Descobriste um veado e sonhaste ter encontrado um lenhador que falou em ter morto um veado.” O marido respondeu: “Bom, realmente não tem importância que eu tenha sonhado o incidente ou não. Eu descobri um veado e agora dispomos de um bom suprimento de alimento.”

Quando o lenhador chegou a casa ele ainda se sentia incomodado por não conseguir ter a certeza se tinha caçado um veado ou não. Nessa noite teve um sonho, e sonhou que efetivamente havia caçado um veado, e que o tinha metido num buraco e tapado com ramos. Além disso, no sonho viu que alguém que tinha visto a caminho de casa acabou por descobrir o esconderijo, levando o veado.

Na manhã seguinte ele dirigiu-se diretamente a casa que vira no sonho e encontrou o veado no pátio. Entrou para reclamar o seu veado, porém o outro homem não abriu mão dele. Por fim, ambos foram ao magistrado da região para resolver a questão.

O magistrado escutou as alegações de ambos os dois homens, e disse: “Um de vocês matou o veado e depois disse ter sido um sonho. Mais tarde alegou ser verdade e não um sonho. Agora, o outro encontrou o veado que alguém sonhara ter matado, mas diz-me que a sua mulher dissera que sonhara toda a trama e que o lenhador no seu sonho jamais existira. Pois bem, tudo quanto aqui vejo é um veado e duas pessoas a contestar as suas reivindicações. Determino que o veado seja dividido em partes iguais entre vocês os dois.”

Quando rei ouviu falar desse estranho incidente, perguntou aos seus ministros: “Supõem que o magistrado sonhará dividir o veado?”

O seu magistrado respondeu: “Eu não consigo apurar se algo foi real ou produto de sonho. Somente os sábios como o Imperador Amarelo ou Confúcio poderão falar da diferença entre o estado de vigília e o sonho, mas como ambos deixaram este mundo, não dispomos de como aferir o que foi produto do sonho e o que não. Sendo assim, eu prosseguiria com a decisão do magistrado de dividir o veado em metades iguais.”

### 33 – O homem que perdera a memória

Um certo homem chamado Hua-Tzu de repente perdeu a memória na meia-idade. Se lhe dessem alguma coisa pela manhã, à noite já o teria esquecido. Se lhe perguntassem alguma coisa pela noite, no dia seguinte tê-lo-ia esquecido. Na estrada, esquecer-se-ia de caminhar. Em casa, esquecer-se-ia de se sentar. Hoje esquecer-se-ia do que ocorrera ontem, e amanhã não se recordará do que acontecera no dia anterior.

Preocupado com a sua perda de memória, a sua família começou por convidar um adivinho e em seguida um feiticeiro a ver se conseguiriam ajudar Hua-Tzu a recuperar a memória. Quando nenhum dos dois conseguiu ser de alguma valia, foi chamado um doutor, mas o terapeuta abanou a cabeça e disse que tão pouco tinha o que pudesse fazer. Por fim, Hua-Tzu pensou num filósofo que provavelmente poderia ajudá-lo. Tão desesperada estava a mulher de Hua-Tzu por lhe descobrir uma cura que dispensou metade das posses que tinha para levar o marido ao filósofo e pedir-lhe ajuda.

A família viajou até à casa do filósofo e suplicou ao homem sábio que curasse Hua-Tzu. O filósofo disse à família: “Esse tipo de doença não pode ser curado por presságios, magia ou ervas. Vou ter que recorrer a métodos especiais que são concebidos para funcionarem na sua mente.”

O filósofo então fez uma experiência com Hua-Tzu. Quando dizia a Hua-Tzu para despir as roupas, Hua-Tzu queria ser vestido. Quando deixava o homem passar fome, Hua-Tzu pedia comida. Quando fechava Hua-Tzu num quarto escuro, o homem queria sair. Ao ver as reações de Hua-Tzu, o erudito ficou encantado e disse à mulher de Hua-Tzu: “O seu marido pode ser curado, contudo, vou precisar recorrer a um método secreto que me foi passado ao longo de gerações, pelo que não posso que aqui permaneça a assistir. Volte dentro de sete dias. Dou-lhe a minha garantia de que ele será curado.”

A família de Hua-Tzu não teve escolha senão partir. Durante sete dias, o filósofo isolou-se com Hua-Tzu. Ninguém sabe aquilo que fez nem como o fez, mas quando a família de Hua-Tzu regressou para o levar para casa, encontraram-no completamente curado.

Após Hua-Tzu ter recuperado a memória, tornou-se irritadiço e nervoso. Ele expulsou a mulher, espancou os filhos e ameaçou o filósofo com uma lança. Quando a polícia o prendeu por perturbar a paz e questionou os seus motivos, Hua-Tzu disse: “Quando perdi a memória, tornei-me despreocupado e feliz. Dormia pacificamente e ao despertar não tinha preocupações. Não tinha nada em mente, pelo que era um homem

livre. Agora que recuperei a memória sinto-me infeliz. Considero a sorte e o azar, os ganhos e as perdas, bem como as alegrias e tristezas que tive na minha vida, e sinto-me oprimido. Despertei de um belo sonho e encontro-me num pesadelo. Jamais serei capaz de regressar aos bons tempos de quando perdera a memória!”

Quando Tzu-kung, um estudante de Confúcio, ouviu falar de Hua-Tzu teve um acesso e ficou intrigado. Foi pedir uma explicação ao mestre, mas Confúcio disse somente: “Isso é algo que jamais compreenderás.” Então, voltou-se para o seu aluno mais promissor, Yen-Hui, e disse-lhe para tomar nota de tudo aquilo.

### **34 – Quem é que se encontra confuso?**

Havia um homem que teve um filho muito precoce, ao crescer, o menino parecia ter um tipo estranho de doença mental. Quando ouvia riso, pensava que estavam a chorar. Quando sentia uma fragrância, pensava ser era um cheiro pungente. Quando via preto, dizia que era branco. Quando comia algo amargo, dizia que era doce. Quando fazia algo errado, achava estar certo. Parecia que ele estava completamente confuso e fazia tudo ao contrário do que esperado.

Seu pai ficou preocupado com o problema do filho e pediu ajuda aos amigos. Um homem aconselhou o pai: "Há um cavalheiro sábio na terra de Lu, que provavelmente poderia ajudar o seu filho. Por que não tenta?" O pai reuniu o dinheiro que tinha e, levando o filho com ele, fez a longa viagem até ao reino de Lu. Na estrada, conheceu Lao-Tzu e descreveu o problema do filho ao sábio taoísta.

Lao-Tzu disse ao pai: "Como sabe se o seu filho se encontra mentalmente perturbado e confuso? Hoje em dia, há muitas pessoas que estão confusas acerca do certo e do errado, do verdadeiro e do falso. Há ainda mais pessoas mentalmente perturbadas pelo ganho e pela perda. Assim, o seu filho não é a único com esse problema. De qualquer forma, só porque uma pessoa está confusa não significa que toda a família esteja confusa. E se toda uma família estiver confusa, isso não deverá afetar toda a aldeia. Se uma aldeia inteira estiver confusa, não deve afetar todo o país. Se um país estiver confuso, isso não significa que o mundo inteiro esteja virado do avesso. Se o mundo inteiro estiver confuso, então quem poderá dizer a alguém que estão confusos?"

"Suponha que todos sejam como o seu filho e você seja o único que é diferente. Quem estará confuso, nesse caso: você, ou o seu filho e o resto do mundo? Quem no mundo pode reivindicar estar absolutamente esclarecido acerca do certo e do errado, do

preto e do branco, do verdadeiro e do falso, e da felicidade e da tristeza? Não estou nem certo de estar ou não confuso quando lhe digo estas coisas. E os sábios senhores de Lu encontram-se ainda mais confusos. Assim, como poderão eles esclarecer a confusão de outra pessoa? Meu conselho é que economize seu dinheiro e volte para casa com o seu filho.”

### **35 – O homem que ficou chateado por nada**

Houve um certo indivíduo que nasceu no país de Yen, mas que cresceu muito longe, na terra de Chu. Na idade avançada, ele ansiou pela pátria e decidiu voltar a viver lá.

Ao percorrer de volta ao seu país de origem, atravessou o país de Chin. Os seus companheiros de estrada decidiram pregar-lhe uma peça. Assim, um deles disse-lhe: "Esta é a tua cidade natal." O homem ficou calado e pensativo. Outro amigo apontou um prédio e disse: "Olha, ali está o templo do teu bairro". O homem suspirou profundamente. Um outro companheiro levou-o até uma casa abandonada e disse-lhe: "Aqui está a casa de teus antepassados". O pobre homem rebentou num pranto. Um outro companheiro ainda fez um gesto para um grupo de lápides e disse: "Os teus ancestrais encontram-se enterrados aqui." O homem começou a chorar alto e de forma amargurada. Ao ver a sua angústia, os amigos decidiram que a peça já não tinha graça, então confessaram que estavam apenas a pregar-lhe uma peça. O homem saudoso ficou muito envergonhado com as explosões emocionais por que passou e ficou quieto durante o resto do caminho. Quando por fim chegou à sua cidade natal e viu a sua casa ancestral e as tumbas dos familiares, ele não se sentiu tão mal como da primeira vez.

Podemos dizer que o homem ficou chateado por nada quando os amigos o provocaram? Não podemos dizer que suas emoções eram falsas, por ele realmente ter acreditado no que os seus amigos lhe disseram. As nossas emoções são resultantes das nossas crenças. Elas não têm nada que ver com o que existe realmente no exterior. Se acreditarmos numa coisa, então, certas emoções acompanharão a nossa crença. Se acreditarmos em alguma outra coisa, experimentaremos diferentes emoções.

Compreendendo isso, o homem saudoso percebeu que as suas emoções dependiam daquilo em que ele acreditava que via, e não do que se lhe apresentava. Então, quando finalmente alcançou a sua pátria, ele estava menos apegado ao seu anseio e, em resultado, os seus sentimentos encontravam-se menos agitados pelo meio circundante.

## LIVRO QUARTO

### CONFÚCIO

#### **Introdução**

Quem será sábio? O que será uma pessoa esclarecida? Serão aqueles conhecidos e respeitados por muitos? Ou serão aqueles que escondem o seu conhecimento e a sua sabedoria de modo parecerem pessoas comuns?

Na concepção de Lie-Tzu, as pessoas esclarecidas são aquelas que raramente falam e que não revelam as suas habilidades e realizações de forma casual. Na verdade, eles podem parecer lerdas e embotadas. Tais pessoas veem com os ouvidos e ouvem com os olhos. Estes podem esconder-se por trás de uma expressão de pau, ou podem perceber e agir de maneiras contrárias ao que as pessoas esperam. Assim, para a maioria, elas parecem loucas e inconsistentes ou muitas vezes nem sequer são notadas.

A maioria das pessoas questionaria a razão por que tais pessoas esclarecidas não querem dar-se a conhecer. Afinal, elas possuem habilidades além da nossa imaginação e certamente podem causar impacto na sociedade e no mundo. Mas num mundo de verdade e mentira, onde as pessoas são aprisionadas pela fama, pela fortuna, pela aprovação e pela ganância, os sábios que escondem as suas habilidades são os que sobrevivem.

#### **36 – A verdadeira felicidade e contentamento**

Confúcio tinha-se justamente retirado da política quando Tzu-Kung o foi visitar. Quando Tzu-Kung entrou, viu o mestre com um ar triste e desanimado. Ele jamais tinha visto Confúcio comportar-se assim antes, pelo que saiu em silêncio e foi conversar com o seu amigo Yen-Hui.

Yen-Hui foi um dos estudantes mais promissores de Confúcio. Ele desfrutara de um relacionamento especial com o mestre e entendeu a doutrina do mestre melhor do que qualquer outro aluno. Quando Yen-Hui ouviu o que Tzu-Kung havia dito sobre o seu mestre, ele não proferiu uma palavra. Em vez disso, pegou no seu alaúde e começou a tocar e a cantar enquanto caminhava até a casa do seu mestre.

Quando Confúcio ouviu o canto de Yen-Hui, ficou surpreendido. Ele deixou de franzir a testa e convidou Yen-Hui a entrar. Yen-Hui estava feliz pelo fato de seu pequeno



ato ter conseguido animar o mestre, então Confúcio saudou-o da seguinte forma: "Por que andas tão feliz contigo próprio por estes dias?"

Yen-Hui não respondeu diretamente à pergunta do mestre. Em vez disso, perguntou a Confúcio: "Mestre, por que anda tão deprimido por estes dias?"

Confúcio disse: "Vamos escutar as razões que tem para se sentir feliz, primeiro."

Assim Yen-Hui respondeu: "O senhor ensinou-me que aceitar a vida e contentar-se com a vontade do Céu é ser feliz. Mantive essas palavras na mente e agora ando sempre satisfeito e feliz."

Confúcio ficou surpreendido com a resposta de Yen-Hui. "Eu realmente ensinei-te isso? Eu acho que me entendeste mal. Além disso, isso foi há muito tempo. As coisas agora são diferentes, e a compreensão que tenho da felicidade mudou."

Confúcio então olhou Yen-Hui com atenção e prosseguiu: "Tu sabes somente que aceitar a vida e estar contente com a vontade do céu é felicidade. Não sabes que às vezes pode trazer tristeza. Achas que estás contente e feliz se não te sentires atraído pela fama e pela fortuna, ou não te preocupares com a vida e a morte, ou não te perturbares com mudanças que se operem ao teu redor. A compreensão que tenho do que significa ser feliz e contente não se centra apenas nisso. Deixa que te conte algumas das experiências por que passei e talvez entendas o que significa estar verdadeiramente feliz e contente."

"Quando jovem, prometi a mim mesmo que um dia eu ofereceria os meus serviços ao meu país e ajudaria a criar uma sociedade melhor. Assim, estudei os clássicos, adquiri competências nas artes marciais e cultivei-me com música e poesia. Esperava poder conduzir outros com o meu exemplo, tornar-me num conselheiro do regente do meu país e ajudar as pessoas a levar uma vida melhor. Mas quando completei os meus estudos, a situação mudou. Meu país enfraqueceu e a corte tornou-se corrupta. Os políticos começaram a lutar pelo poder, e as intrigas e as traições tornaram-se norma."

"Hoje em dia, ninguém mais está interessado em ouvir falar da virtude e da harmonia. Em nossa sociedade, as pessoas dão mais importância à vantagem comercial do que à amizade. As relações tornaram-se superficiais, e todos estão a curvar-se devido à pressão social e à pressão exercida pelos colegas para obter aprovação ou para avançar."

"Quão ingénuo fui ao pensar que poderia mudar as coisas! Agora eu sei que ninguém pode mudar o governo nem a sociedade estudando os clássicos. Mas também não encontrei maneira de resolver os problemas do mundo. Quando se perde os ideais e a visão, percebe-se que a simples aceitação da vida não nos torna necessariamente felizes."

Yen-Hui ficou estupefato com a confissão de Confúcio. Ele nunca tinha ouvido o mestre falar da sua vida nem das suas experiências. Assim, continuou a atento.

Confúcio prosseguiu: "Para seres verdadeiramente feliz e contente, deves deixar a ideia do que significa ser feliz ou contente. Quando entenderes que realmente não existe nada por que se esteja feliz ou triste, então sentir-te-ás satisfeito. Quando alcançares esse estado de espírito, então perceberás que não importa se a música, a poesia ou os clássicos são úteis à mudança de sociedade. De fato, ter ou não influencia na sociedade não é, de maneira alguma, importante." Yen-Hui finalmente entendeu o que o mestre queria dizer. Curvou-se respeitosamente e saiu.

Ao ver Yen-Hui voltar para casa, Tzu-Kung foi de encontro ao amigo. Quando Yen-Hui lhe contou o que Confúcio lhe havia dito, Tzu-Kung ficou confuso. Pensou nas palavras do seu mestre e descobriu que estava longe do estado de espírito que Confúcio havia alcançado. Sentindo-se frustrado e sem esperança, foi para casa e trancou-se em sua casa. Durante sete dias não conseguiu dormir. Perdeu o apetite e ficou magro e pálido.

Quando Yen-Hui viu a condição em que Tzu-Kung se encontrava, ele explicou pacientemente os ensinamentos do mestre a Tzu-Kung e encorajou-o a confiar nele próprio. Com a ajuda de Yen-Hui, Tzu-Kung finalmente deu a volta à situação. A partir de então, Tzu-Kung já não se encontrava deprimido. Diariamente ia estudar com Confúcio e ria e cantava com os outros discípulos.

### **37 – Ver com ouvidos e ouvir com os olhos**

Havia um diplomata do país de Chen que visitou um conhecido quando estava na administração no reino de Lu. Quando os dois homens trocaram saudações, o conhecido Shu-Sun disse: "Em nosso país temos um sábio muito famoso."

O homem de Chen disse: "Suponho que esteja a referir-se àquele homem chamado Confúcio."

"Exatamente."

"Como sabe que ele é um sábio?" desafiou-o o homem de Chen.

"Ouvi o discípulo dele, Yen-Hui, dizer que o mestre dele pode esvaziar a sua mente e tornar o seu corpo inteligente."

"Nós também temos um sábio no nosso país. Nunca ouviu falar dele?"

"A que sábio se refere?"

"É um discípulo de Lao-Tzu, de nome Keng-San-Tzu. Ele não só dominou todos os ensinamentos de Lao-Tzu, como superou o seu mestre em muitos aspectos. Keng-San-Tzu é capaz de ver com os ouvidos e ouvir com os olhos."

Shu-Sun ficou perplexo, pois nunca tinha ouvido falar de alguém com tais competências. Shu-Sun foi comentar aos amigos a respeito desse Keng-San-Tzu, e logo todos no país de Lu começaram a falar sobre o sábio que podia ouvir com os olhos e ver com os ouvidos.

A conversa chegou ao marquês de Lu, que ficou tão espantado com as extraordinárias habilidades desse homem que enviou um convite pessoal para pedir a Keng-San-Tzu que aceitasse ser seu convidado.

Quando Keng-San-Tzu chegou, o marquês perguntou com humildade: "Ouvi dizer que pode ouvir com os olhos e ver com os ouvidos. Isso é verdade?"

Keng-San-Tzu respondeu amigavelmente: "Isso não passa de rumor. Não é verdade que eu consiga ver com os meus ouvidos e ouvir com meus olhos. Mas consigo ver e ouvir sem usar os meus olhos ou meus ouvidos."

O marquês ficou ainda mais impressionado. "Isso é mais do que eu esperava. Você pode me dizer como você consegue isso?"

Keng-San-Tzu então disse: "É bastante simples. O meu corpo encontra-se em harmonia com a minha mente, e a minha mente encontra-se em harmonia com as minhas energias. As minhas energias seguem o meu espírito, e o meu espírito encontra-se em sintonia com tudo à sua volta. Por isso, eu consigo ouvir o som mais débil e ver o menor movimento. Nada escapa à minha consciência, seja longe ou bem à minha frente. Eu não sei se percebo isso com os meus sentidos, se o experimento com o meu corpo, ou se o chego a conhecer pela minha coragem. Digamos que é apenas um sentimento natural que tenho pela natureza das coisas."

O marquês de Lu ficou muito satisfeito com a resposta de Keng-San-Tzu e foi contar a Confúcio o sucedido. Confúcio simplesmente sorriu e não disse nada.

### **38 – Quem será sábio?**

Um ministro do reino de Shang veio visitar Confúcio. O ministro, não sendo alguém que usasse de rodeios, sempre fazia perguntas de forma franca e direta. Assim, no instante em que ele viu Confúcio, perguntou: "Você é um sábio?"

Confúcio respondeu: "Não me atrevo a reivindicar que o seja. Sou apenas alguém que estudou muito e que leu amplamente."

"Nesse caso, os Três Reis terão sido sábios?"

"Os Três Reis sabiam usar a sua coragem e inteligência. Já se eles foram ou não sábios, eu não saberia dizer."

"E os Cinco Imperadores?"

"Os Cinco Imperadores sabiam como governar com virtude. Terão eles sido sábios? Eu não sei."

"E os Três Senhores? Terão eles sido sábios?"

"Os Três Senhores souberam usar as pessoas certas no momento certo. Não me cabe a mim dizer se eles foram sábios ou não."

O ministro estava a começar a sentir-se impaciente. "Então, quem é que acha que é sábio?"

Confúcio não se precipitou, mas esperou até que o ministro se acalmasse de novo e respondeu: "Talvez lá longe no Ocidente haja alguém que não fala sobre a arte do governo e, no entanto, o seu país esteja conheça a ordem e a paz. Alguém que raramente falará em promessas, mas que obtém a confiança de todos. Alguém que não usa a força, mas a quem tudo corre bem. O seu coração está aberto e as suas ações são espontâneas. Os seus súditos nem mesmo sabem de que lhe chamar. Eu suspeito que ele seja um sábio, mas se realmente o é, eu não saberia dizer."

Quando o ministro de Shang ouviu aquilo, não ficou satisfeito e foi embora a pensar consigo mesmo: "Não faz sentido. Este Confúcio deve-me estar a enganar."

Será que realmente importa se alguém é reconhecido como sábio ou não? Se é verdadeiramente honesto, sincero e reto em tudo o que faz, por que precisaria de que os outros reconheçam as suas virtudes para que seja virtuoso?

### **39 – Que coisa é a sabedoria?**

Certo dia Tzu-Hsia estava a conversar com Confúcio. Quando começaram a discutir os méritos de cada aluno, Tzu-Hsia perguntou ao seu mestre: "O que acha de Yen-Hui?"

Confúcio respondeu: "Yen-Hui é muito amável e gentil. A sua compaixão ultrapassa a minha."

"E que tal Tzu-Kung?"

"Tzu-Kung é muito melhor do que eu no que toca a debater e a argumentar."

"E quanto a Tzu-Lu?"

"Tzu-Lu é um homem corajoso. Não posso igualá-lo em coragem."

"E Tzu-Chang?"

"Tzu-Chang sabe manter a sua dignidade melhor do que eu."

Tzu-Hsia ficou tão surpreso com as respostas do seu mestre que se levantou e exclamou: "Então, como é que todos desejam aprender com o senhor?"

Confúcio fez um gesto para que o discípulo se sentasse. Quando viu que Tzu-Hsia se acalmou, disse: "Yen-Hui é compassivo, mas é teimoso e inflexível. Tzu-Kung pode ser muito persuasivo, mas não sabe quando parar de falar. Tzu-Lu pode ser corajoso, mas não conhece a tolerância. Tzu-Chang pode ser digno, mas não sabe como se harmonizar com os outros. Eu não trocava os seus méritos pelos meus, mesmo que me fossem oferecidos. É por isso que todos eles vieram aprender comigo."

A sabedoria não é destreza numa competência ou em muitas. É a capacidade de reconhecer forças e fraquezas em nós mesmos e nos outros. Assim, um mestre sábio sabe que, embora não consiga superar certos discípulos em competências específicas, pode, ainda sim, dar-lhes o que eles precisam para se tornarem melhores indivíduos.

#### **40 – O homem com cara de pau**

Depois que Lie-Tzu completou os estudos com o imortal Tzu-Shang e o seu amigo, o sábio Po-Hun, ele instalou-se na parte sul da cidade. Não muito tempo depois, ele foi assediado por visitantes e candidatos a discípulos. Às vezes, a casa de Lie-Tzu chegava a comportar centenas de pessoas.

Lie-Tzu acolheu a sua companhia e gostava de conversar com eles o dia todo. Ao lado de Lie-Tzu morava um homem chamado Nan-Kuo-Tzu. Durante os vinte anos em que foram vizinhos, Lie-Tzu e esse homem nunca se cumprimentaram. Ao se cruzarem estrada, Nan-Kuo-Tzu caminhava como se Lie-Tzu não estivesse presente. Os amigos de Lie-Tzu acharam que os dois homens fossem inimigos.

Quando alguém perguntou a Lie-Tzu sobre o seu vizinho, Lie-Tzu disse: "O rosto de Nan-Kuo-Tzu é cheio, mas a sua mente encontra-se vazia. Seus ouvidos nada ouvem, assim não se distrai com os sons ao seu redor. Seus olhos nada veem, assim não se distrai com as imagens ao seu redor. De sua boca nenhuma palavra sai, assim nunca discute com os outros. Sua mente encontra-se vazia, assim, nada o incomoda. Seu corpo por nada se

estimula, assim, se assemelha a uma parede em branco. Alguém como ele não gostaria de ser incomodado por ninguém nem por coisa nenhuma, assim não faz sentido tentar ir até ele."

No entanto, Lie-Tzu decidiu visitar o vizinho. Seguia-o um grande grupo de amigos e de discípulos enquanto Lie-Tzu entrava na casa de Nan-Kuo-Tzu. Lá dentro, se depararam com Nan-Kuo-Tzu sentado como se fosse um boneco de barro. O seu rosto era tão inexpressivo quanto um bloco de madeira. Os seus olhos estavam em branco e o seu corpo encontrava-se imóvel. Na verdade, ele não era alguém com quem se pudesse conversar. Mesmo Lie-Tzu não tinha como chegar até Nan-Kuo-Tzu.

Enquanto todos se encontravam ali de pé, sem saber o que fazer, de repente Nan-Kuo-Tzu olhou para os discípulos que acompanhavam Lie-Tzu e disse: "Vocês são todos arrogantes e competitivos." A multidão ficou assustada. Quando todos voltaram para a casa de Lie-Tzu, os discípulos perguntaram: "O que foi que aconteceu?"

Lie-Tzu respondeu: "Se consegue ver a intenção, então você não precisa usar o discurso para comunicar. O sábio não precisa falar com as pessoas para entender a intenção delas. Além disso, elas não precisam usar palavras para comunicar a sua própria intenção. Isso é chamado de nada dizer. Alguém esclarecido também é capaz de sentir a verdade sem passar pela dedução ou raciocínio. Isso é chamado de nada saber e ainda assim tudo conhecer. Nan-Kuo-Tzu parece que nada vê, nada ouve e nada sabe. No entanto, tudo vê, tudo ouve e tudo sabe. Para ele, não há separação entre ver e não ver, ouvir e não ouvir, agir e não agir, saber e não saber."

A comunicação verdadeira nem sempre requer fala ou ação. As pessoas esclarecidas comunicam por meio do espírito e não precisam transmitir as suas intenções por meio do som e do movimento. Consequentemente, a maneira como se comunicam é mais eficaz do que a da pessoa comum.

#### **41 – A arte de viajar e de ver a paisagem**

Lie-Tzu costumava adorar viajar e ver a paisagem. Quando o seu mestre, Hu-Tzu, lhe perguntou o que achava tão agradável no viajar, Lie-Tzu disse: "Normalmente, ao viajarem, as pessoas têm por intenção contemplar a beleza das paisagens e dos arredores, no entanto, viajo no intuito de contemplar a modo como as coisas mudam. Para os outros viajantes, pode parecer que me assemelho a eles, no entanto há uma diferença entre nós. Os primeiros observam o estado das coisas enquanto eu observo as mudanças."

Hu-Tzu disse: "Achas que és diferente dos outros viajantes, mas na verdade não és. Embora se divirtam com as vistas e os sons, e tu estejas fascinado pelas coisas que sempre mudam, ambos estais ocupados com o que é exterior, em vez daquilo que experimentais interiormente. As pessoas atraídas pelo mundo externo estão sempre à procura de algo novo e maravilhoso que lhes satisfaça os sentidos. No entanto, apenas as pessoas que se voltam para o seu íntimo encontrarão a verdadeira satisfação."

Depois desta conversa, Lie-Tzu deixou de viajar por achar que não havia entendido o que significava viajar. Ao ver isso, Hu-Tzu disse-lhe: "A viagem é uma experiência tão maravilhosa! Especialmente quando nos esquecemos de que estamos a viajar. Então aproveitamos o que vemos e fazemos. Aqueles que se voltam para si próprios quando viajam não pensam no que veem. Na verdade, não existe distinção entre o que vê e o que é visto. Experimente tudo com a totalidade de si próprio, de modo que cada haste de relva, cada montanha, cada lago se encontre vivo e faça parte de si. Quando não houver divisão entre você e o outro, contemplará a melhor experiência do viajar."

#### **42 – A estranha doença de Lung-Shu**

Certo dia Lung-Shu estava a conversar com o seu amigo o qual afirmava ser especialista em curar de doenças estranhas. Lung-Shu achou tal coisa difícil de acreditar, em razão do que ele desafiou o amigo: "Eu tenho uma doença estranha. Se conseguir curar-me, eu concordarei em que você é o melhor médico."

O amigo não pareceu nervoso. "Conte-me sobre a sua doença," disse-lhe. "Agora ouça com atenção," disse Lung-Shu. "Esta é a doença de que padeço: Quando sou elogiado pelos outros, não sinto orgulho. Quando os outros falam mal sobre mim, não me sinto desonrado. Quando ganho algo, não fico feliz. Quando perco, não fico triste. Vida e morte, riquezas e pobreza, sorte e infortúnio são a mesma coisa para mim. Na verdade, eu posso ver pessoas como porcos e ver-me a mim como os outros. Quando estou em casa, sinto que ando a perambular. Quando estou no meu país, sinto que estou entre os estrangeiros. Desde que contraí esta doença estranha, perdi todo o interesse por me tornar rico e famoso. Não me preocupo com títulos, terras ou renome. Não penso muito em regras e regulamentos. A ascensão e a queda do governo e dos políticos não são coisa que me interesse, e não me deixo afetar pelas emoções das pessoas que me rodeiam. Por causa da minha doença, não posso mais servir o meu país, administrar os meus negócios ou tornar-me o chefe da minha família. Como poderá ajudar-me?"

O médico disse a Lung-Shu para ficar de costas para o sol. Diante da luz, ele examinou Lung-Shu à distância e examinou-o de cima abaixo cuidadosamente. Logo, disse: "Ah, eu posso ver que o teu coração está vazio e você estás quase a tornar-te um sábio. Seis das sete cavidades do teu coração estão completamente abertas. No entanto, uma delas ainda está fechada. Este bloqueio é provavelmente a causa da tua doença. Se, de fato, a tua doença estiver em ver a sabedoria como uma doença estranha, então as minhas habilidades são inadequadas para te curar."

Lung-Shu tinha-se livrado de todos os seus apegos, exceto um. Ele ainda mantinha uma concepção do que significa ser esclarecido. Comparando a iluminação a uma doença estranha, Lung-Shu tornou-a misteriosa, extraordinária e não natural.

A iluminação é uma experiência muito normal, passível de ser alcançada por todos. Consequentemente, não tem nada de misterioso ou de secreto. Também não há nada não natural com relação a ela, por seguir o caminho natural das coisas.

#### **43 – Respondendo naturalmente**

Quando um dos amigos de Yang-Chu morreu, Yang-Chu foi ao funeral a rir e a cantar e não mostrou sinais de luto. Quando um outro dos seus amigos morreu, Yang-Chu abraçou o homem morto e chorou amargamente.

Normalmente, as pessoas ficam felizes com o nascimento e tristes pela morte. Por que Yang-Chu riu com a morte de um e chorou com a morte do outro? Yang-Chu não encontrou nada triste em relação ao homem que morreu depois de ter vivido a sua vida ao máximo. Na verdade, ele sentiu-se feliz pelo amigo que deixou este mundo como um homem contente. No entanto, Yang-Chu ficou triste com a morte do seu outro amigo, por ter sentido que esse morreria antes do seu tempo. Em ambos os casos, Yang-Chu estava simplesmente a responder naturalmente às circunstâncias.

#### **44 – Há algumas coisas que simplesmente não se pode combater**

Um olho que está prestes a perder a capacidade de visão tende a tornar-se extremamente nítido na elaboração dos detalhes. Um ouvido que está prestes a ficar surdo tende a ser tornar-se muito apurado na audição. Uma língua que está prestes a perder a sensibilidade consegue distinguir a diferença entre a água de duas fontes. Um nariz que está prestes a perder a sua capacidade torna-se mais sensível às fragrâncias. É como se os



sentidos lutassem para manter a sua utilidade. No entanto, não obstante o quanto se esforcem, eles acabarão por perder a eficácia.

Acontece o mesmo com as pessoas ordinárias. As pessoas que começam a enfraquecer empurrarão os seus corpos até ao limite. As pessoas que estão prestes a perder a cabeça tornar-se-ão invulgarmente argumentativas. Isso por não estarem dispostas a admitir que tudo um dia termina, e assim desejam demonstrar sua força no intuito de encobrir suas fraquezas.

Por outro lado, as pessoas esclarecidas aceitam o curso natural das coisas. Não forçam os seus corpos a mostrar força ou as suas mentes a demonstrar astúcia. Entendem que existem algumas coisas que não podem combater, aceitam o que vier. Assim podem abraçar a vida e aceitar a morte.

#### **45 – Quem está a apoiar quem?**

Na parte da cidade onde Lie-Tzu viveu e ensinou, havia muitos filósofos de elevada virtude. Numa outra parte da cidade, no bairro leste, viviam muitos funcionários públicos e políticos.

Um dia, quando Pai-Feng, um estudante de Lie-Tzu, ao passar pelo bairro leste, encontrou Teng-Hsi, um legislador e um funcionário respeitado. Teng-Hsi e os seus discípulos sempre falavam de como resolver os problemas políticos do seu tempo. Os filósofos, por outro lado, raramente discutiam a política. Quando Teng-Hsi viu Pai-Feng, ele virou-se para os discípulos e disse: "Vejam como vou fazer com que esse companheiro dê uma volta em círculo." Os discípulos encorajaram-no.

Teng-Hsi aproximou-se de Pai-Feng e disse: "Conhece a diferença entre apoiar-se e ser apoiado pelos outros? Aposto que não. Deixe que lhe diga: As pessoas que são sempre apoiadas pelos outros e que nunca fazem um esforço para se sustentarem não são melhores do que cães ou porcos. Neste mundo, apenas aqueles que contribuem podem esperar receber benefícios da sociedade. Aqueles que se sentam à espera que a cozinha lhes forneça alimentos são exatamente como os animais domésticos e o gado."

Pai-Feng não respondeu, mas um de seus discípulos adiantou-se e disse a Teng-Hsi: "Meritíssimo, já ouviu dizer que nos países de Chi e de Lu há muitas pessoas que possuem dons especiais? Alguns são especialistas em carpintaria e cerâmica. Outros são excelentes trabalhadores do metal. Uns são músicos e artistas talentosos. Outros são bons em estratégia militar e outros ainda são grandes lutadores. Alguns são profundos

conhedores de cerimônias e rituais religiosos, e outros são hábeis na adivinhação e magia. Apesar da sua experiência nas suas próprias áreas, nenhum deles é bom na administração. Eles podem executar as suas próprias tarefas, mas não podem dizer aos outros como fazer as suas. Felizmente, existem pessoas sem dons especiais que possam ser empregadas como burocratas. Assim, temos a seguinte situação: Aqueles que são qualificados são empregados por aqueles que não são qualificados, e vocês, administradores e burocratas, são empregados por cidadãos como nós. Agora me diga, quem apoia quem?"

Teng-Hsi não soube o que dizer. Timidamente, virou-se para os discípulos e afastou-se.

#### **46 – Que coisa é a força?**

O conde do estado de Kung-Yi era considerado um homem muito forte. Um certo duque ficou impressionado com a força desse homem e falou muito dele ao rei. O rei, ansioso por conhecer o conde, enviou-lhe um grande presente e convidou-lhe a fazer uma demonstração de sua força na corte.

Quando o conde de Kung-Yi chegou, o rei ficou chocado. O homem que via diante de si não era um homem pesado nem musculoso, mas um homem magro e esguio. O rei começou a ter dúvidas sobre a capacidade do homem, franziu a testa e disse: "Quão forte é você na verdade?"

O conde respondeu: "Eu sou forte o suficiente para quebrar as patas de um gafanhoto e estalar as asas de um inseto."

Quando o rei ouviu isso, ficou imensamente irritado. Ou este homem era uma fraude ou ele estava a tentar fazer um reparo espirituoso. Irritado, o rei disse em voz alta: "Os homens fortes que tenho ao meu serviço conseguem rasgar a pele de um rinoceronte e arrastar nove bois pela cauda, e ainda assim não fico satisfeito com a força deles. Como pode você ser tão famoso pela sua força quando só consegue quebrar as asas e as patas de insetos?"

O conde de Kung-Yi suspirou e disse: "Meu senhor, essa é uma excelente pergunta. Deixe-me explicar. O meu mestre, o velho Shang-Ch'iu-Tzu, foi o homem mais forte do mundo, mas a sua família nada sabia sobre isso. Ele nunca revelou a força que tinha por nunca ter que a usar. Quando vi isso, jurei que passaria o resto da vida a aprender com ele. Em determinada ocasião ele me disse: 'A maioria das pessoas desejam de ver o

invisível e de fazer o que nunca foi feito antes. Eles desejam enfrentar condições desafiadoras de imediato e não possuem paciência para aprender do zero. No entanto, eu afirmo que, se quiser treinar os poderes de sua visão, comece por examinar uma pilha de lenha. Se você deseja aguçar o sentido de sua audição, comece a dar atenção ao som dos sinos. Dessa forma, irá edificar as suas faculdades gradualmente e não irá encontrar muitos obstáculos ao aprende. Depois de ter conquistado as faculdades, nenhuma condição lhe parecerá difícil. E se as condições não forem difíceis, por que precisará recorrer às suas faculdades para lidar com elas?"

O conde continuou: "Se a reputação de força de que gozo é conhecida em todo o país, então não segui bem os ensinamentos do meu mestre. No entanto, não sou famoso por minha força, por me orgulhar do que posso fazer, mas sim por causa da maneira como a uso."

O rei finalmente ficou satisfeito com a explicação do conde.

Com a força, o conde de Kung-Yi não alcançara o nível de domínio que o seu mestre Shang-Ch'iu-Tzu alcançara. Conquanto o conde não se vangloriasse da faculdade de que gozava, ele ainda precisava usá-la. Contudo, o velho Shang-Ch'iu-Tzu, chegou a ponto de não ter nada que se revelasse suficientemente difícil para ele precisar recorrer à sua força. Assim, nunca precisou usá-la.

#### **47 – Os estranhos argumentos de Kung Sun Lung**

O Príncipe Mou de Chung-Shan foi um dos filhos mais inteligentes da família real de Wei. Sempre se rodeou da companhia de filósofos e sábios. Não se interessando pela política nem pelo governo, o príncipe Mou passou a maior parte do tempo com o sofista Kung-Sun Lung, adorava ouvir o que esse espirituoso filósofo tinha a dizer sobre tudo no mundo.

Um erudito proeminente fez troça da amizade que o príncipe Mou estabeleceu com Kung-Sun Lung. Quando o príncipe ouviu falar sobre isso, ele perguntou ao erudito: "O que terá de tão engraçado a minha amizade com Kung-Sun Lung?"

O erudito disse: "Todo mundo sabe que Kung-Sun Lung é estranho. Ele não tem respeito por ninguém nem por nada. Ele possui uma língua afiada e não sabe quando contê-la. As opiniões que emite são excêntricas e extremas e ele não segue nenhuma escola conhecida de pensamento. Gosta de fazer uso da sua sagacidade e sua inteligência e subtileza verbal para confundir os outros e ganhar as discussões. Embora ele consiga

argumentar com sucesso e defenda que o branco seja preto e o reto seja torto, afastamos com a sensação de que ele venceu o argumento não porque tenha razão, mas por não podermos superá-lo. Eu vejo-o como o homem mais superficial e presunçoso. Dou risadas já que você se mostra um tolo por trata-lo com tanto respeito."

O príncipe Mou não ficou feliz com a avaliação do seu amigo. "Por que vê Kung-Sun Lung dessa maneira? Pode-me comprovar o que disse com algum exemplo?"

"Com certeza! Primeiro, veja o que Kung-Sun Lung disse ao neto de Confúcio – enganando-o. Ele disse-lhe: 'Há um arqueiro que consegue disparar as flechas de tal forma que a ponta da segunda flecha se alojará no entalhe da primeira e a ponta da terceira flecha se alojará no entalhe da segunda. Assim, quando a ponta da primeira flecha se alojar no alvo, a terceira flecha ainda se encontrará retesada na corda do arco. Em resultado disso, ao olhar, em vez de ver três flechas, você pensará que vê apenas uma flecha longa, da qual a ponta está no alvo e o entalhe ainda repousa na corda do arco.' O confucionista ficou surpreso com tal definição. Kung-Sun Lung continuou: 'E isso não é nada. Já ouviu falar de Huang Ch'ao, discípulo do grande arqueiro P'eng Meng que ficou enfurecido com a esposa e decidiu dar-lhe uma lição, assustando-a? Ele pegou o grande arco Crocita do Corvo, ajustou-lhe a mais perfeita flecha alada com penas de Chi e atirou-a no olho dela. Por estranho que possa parecer, quando a flecha tocou a superfície do olho, caiu no chão. Tudo aconteceu tão rápido que a esposa dele nem tempo teve de piscar os olhos. Bom, isso é o que eu chamo de domínio no tiro ao arco.' Não acha que isso seja ridículo?"

O príncipe Mou respondeu calmamente: "As palavras de um sábio não são facilmente entendidas por um tolo. As três flechas podiam ficar alinhadas uma atrás da outra fazendo uma flecha longa desde que o arqueiro conheça o momento preciso para soltar cada flecha. Além disso, um arqueiro pode fazer com que uma flecha se detenha justamente à frente de alguém, se ele souber como desdobrar a sua força de tal maneira que a flecha perca o impulso quando tiver coberto uma certa distância. Eu acho ambos os casos bastante credíveis. Não há nada de ridículo em relação ao que o Kung-Sun Lung disse. Na verdade, esses exemplos dizem-me que Kung-Sun Lung possui uma profunda compreensão da arte do tiro ao arco."

O erudito não se sentiu feliz com a refutação do príncipe Mou, e respondeu: "Você é um discípulo e amigo de Kung-Sun Lung. É óbvio que o defenderá e ignorará as suas falhas. Mas deixe que lhe aponte coisas mais ultrajantes ainda sobre o homem. Desta vez, não vai achar fácil defendê-lo. Certa vez Kung-Sun Lung disse ao rei de Wei:

‘Ao conceber algo, falhará em reconhecê-lo  
Ao salientar algo, falhará em alcançá-lo  
Ao tratar algo como um objeto, falhará em exauri-lo  
Uma sombra não pode se mover;  
Um único cabelo pode sustentar mil pedras;  
Um cavalo branco não é um cavalo;  
Um bezerro órfão nunca teve mãe.’”

"Está a ver, a perversão que Kung-Sun Lung faz da razão não tem limites." disse o erudito.

O príncipe Mou não ficou minimamente incomodado com tais alegações. Calmamente, ele disse: "Você acha que essas declarações sejam escandalosas apenas porque não consegue compreendê-las. O problema está em si, e não em Kung-Sun Lung. Deixe que lhe explique o significado dessas declarações. Primeiramente, pessoas que buscam conceber algo acabam por pensar demasiadamente e assim ver-se à assoberbada por ideias. Essas ideias impedem-nas de conhecer as coisas diretamente, como realmente são, desse modo, nunca chegarão a realmente entendimento. Em segundo lugar, os fenômenos efêmeros são tão fugazes que, no momento em que lhes notamos a ponto de salientá-los, estes esvaem-se. Em terceiro lugar, ao tratar algo como objeto, haverá implícito a divisão e a diferenciação que são os processos pelos quais as coisas são criadas. Como as coisas surgem e se dissolvem a todo momento, não podemos especificar quando tal divisão venha a deter-se. Em quarto lugar, a sombra é um efeito, e não uma causa. Portanto, por si só, não pode se mover. Somente quando a causa se encontra presente é que existe o efeito. Em quinto lugar, um único cabelo pode suportar mil pedras se entender o princípio que rege o equilíbrio. Além disso, a famosa declaração que Kung-Sun Lung fez: ‘Um cavalo branco não é um cavalo’ adverte-nos quanto à confusão do objeto com as suas qualidades. Por fim, um bezerro órfão não seria um órfão quando tinha mãe. Do mesmo modo, uma vaca não pode dar à luz um bezerro órfão por precisar estar viva para o dar à luz.”

"Como você pode ver, as declarações de Kung-Sun Lung estão longe de serem vazias e ultrajantes. São palavras de sabedoria destinadas a despertar-nos da ignorância."

Ouvindo isso, o erudito nada mais teve a dizer e foi-se embora.

As palavras dos sábios são difíceis de aceitar, não porque não possam ser entendidas, mas por as pessoas não as quererem compreender. Kung-Sun Lung era um

homem extraordinário. A percepção e compreensão que tinha das coisas estavam bem além do seu tempo. É por isso que os seus contemporâneos rejeitavam os seus ensinamentos como despropositados e excêntricos. Somente o Príncipe Mou compreendia a sabedoria que Kung-Sun Lung possuía. Nota-se que o próprio príncipe Mou era um homem muito sábio.

#### **48 – Saber quando se retirar**

Ao governar por mais de cinquenta anos, o imperador Yao não se sentiu seguro em seu império, já não sabia se este encontrava-se em ordem ou não, se seus súditos lhe desejavam o bem ou o mal. Assim, o imperador inquiriu os seus ministros na corte, mas estes não puderam confirmá-lo. Inquiriu os funcionários das províncias periféricas; mas estes também não souberam lhe responder. Por fim, inquiriu os sábios da terra, mas eles não conseguiram ajudá-lo.

Em tais circunstâncias, Yao não teve escolha senão disfarçar-se de plebeu e viajar pelo seu reino. Um dia, ao se aproximar de uma cidade da província, ouviu um grupo de crianças a cantar. Ao se aproximar mais ainda, conseguiu entender as seguintes palavras:

“Você alimentou-nos e vestiu-nos.  
Suas leis são as nossas leis.  
Desconhecendo, não nos lembramos.  
Obedecemos ao caminho do Céu.”

Yao ficou encantado ao ouvir aquilo, e perguntou às crianças: "Onde aprenderam essa canção?"

"Nós a ouvimos de um oficial," responderam eles.

Yao foi de encontro ao tal oficial e perguntou: "Como chegou a esse refrão?"

"Eu creio que seja de um poema antigo." respondeu o oficial.

Yao voltou à sua corte, convocou o seu sucessor Shun, disse-lhe o que tinha visto e ouvido, e depois abdicou ao trono. Shun aceitou o reinado sem questionar.

Ao ouvir falar do ocorrido, o sábio Wen-Tzu disse: "Aquele que sabe reconhecer o momento fim de seu trabalho e assim retirar-se, com certeza entende o caminho do Céu. Não alimenta desejos mundanos e tudo o que faz segue a ordem natural das coisas. Algumas coisas vão contra a ordem natural, mas a maneira natural não vai contra a ordem

das coisas. Portanto, a pessoa iluminada não precisa de olhos para enxergar o Tao. O Tao não pode ser entendido pelos sentidos e pensamentos. Procurem-no na frente e ele esconder-se-á atrás. Procurem-no com boas intenções e vê-lo-ão por toda a parte. Se não forem sinceros, jamais ele se lhes se revelará. É algo no alcance do que que vocês não poderão usar o vosso intelecto, mas se não forem sérios, também irá escapar de vós. Somente pela naturalidade, o Tao poderá ser alcançado. Uma vez alcançado, somente por meio da naturalidade poderá ser mantido. Conhecer a verdade das coisas e ainda assim não se agarrar a essa verdade, saber como agir e não usar esforço para tanto, isso é a marca de um sábio. Se fingirem saber ou não saber, fazer ou não fazer, serão como um monte de esterco. Permanece aí sentada sem fazer nada, mas também não tem o menor valor."

Abdicação e aposentadoria não são coisas que possam ser forçadas. Somente aqueles que estão em sintonia com o modo natural das coisas sabem quando e como se retirar. Quando o imperador Yao viu que o seu país se encontrava em ordem e que não havia nada que ele pudesse fazer para melhorar as coisas, reconheceu que estava na hora de se retirar.

## **LIVRO QUINTO**

### **AS QUESTÕES DE TANG**

#### **Introdução**

Muitas coisas no mundo não são tão estranhas como pensamos que sejam. Costumes e tradições de outras culturas poderão no início parecer chocantes, mas ao no olhar, pessoas de outras culturas, provavelmente terão a mesma reação inicial.

Para Lie-Tzu, mesmo os acontecimentos mais estranhos não são anormais, porque tudo a de seguir a ordem natural do universo. As pessoas podem adquirir habilidades incríveis e realizar feitos inacreditáveis por entenderem como as coisas funcionam.

A chave para entender a ordem natural das coisas está em dissolver as barreiras existentes entre sujeito e objeto; conhecedor e conhecido, aquele que vê e o que é visto. Se estiverem a aprender o tiro ao arco, a pescar, a dirigir, a cantar, a criar um artefato, a tocar um instrumento musical ou a comunicar-se com um amigo, o nível mais elevado de conquista só pode ser alcançado quando as dualidades forem dissolvidas e nada os separa de tudo e de todos.

#### **49 – De onde é que vêm as coisas?**

O Imperador Tang perguntou ao sábio: "As coisas sempre estiveram aí desde o começo intemporal?"

O sábio respondeu: "Se as coisas não tivessem estado aí desde o começo, como elas poderiam estar aqui agora? O que você acha das pessoas do futuro que se interrogam se existem coisas agora?"

"Nesse caso, você diria que não existe coisa tal como antes ou depois?"

"É difícil dizer quando algo começa ou termina. O começo de algo pode ser o fim de outro. Desde os primórdios até o nosso tempo, tudo está continuamente a ir e a vir. Não há como saber o que surgiu primeiro."

"Então, existirá um limite para o universo?"

"Eu não sei."



O Imperador Tang apertou ainda mais. "Deve haver um limite em algum lugar."

O sábio então respondeu: "Nada é ilimitado. Como hei-me de saber onde estão os seus limites? Como saberemos se, além desse universo, não existirá outro universo? Só posso dizer que as coisas são ilimitadas, mas não posso dizer se existem alguns limites."

## **50 – O homem que tentou mover as montanhas**

No vale, entre as altas montanhas Tai-Hsing e Wang-Wu, morava um velho homem o qual fora apelidado de Velho Tolo pelos vizinhos por pensar constantemente em projetos impossíveis.

Um dia, o Velho Tolo ficou cansado de ter que dar uma longa e caminhada ao redor para sair do vale. Ele reuniu a família e apresentou-lhes a proposta de que eles removessem as montanhas que lhe bloqueavam o caminho.

O filho e o neto ficaram muito entusiasmados com a ideia e quiseram dar início ao projeto de imediato. Contudo, a esposa do velho, não ficou nada entusiasmada. Ela balançou a cabeça em reprovação e disse ao marido: "Tu estás com noventa anos de idade. Tu nem forças tens para remover um pequeno montículo de esterco. Como poderás nivelar duas montanhas tão altas? Não estarás a ser um pouco ambicioso? De qualquer forma, onde colocarias o entulho depois de derrubares as montanhas?"

O velho não ficou desanimado. "Nós podemos despejar as pedras no mar," disse ele. O filho e o neto concordaram.

No dia seguinte, o Velho Tolo com seu filho e seu neto, pegaram em pás e picaretas e dirigiram-se para as montanhas. No caminho, foram acompanhados por um menino de sete anos de uma família vizinha. Os quatro trabalharam do nascer ao pôr-do-sol e não voltaram para casa a fim de descansar até que o inverno chegasse.

Um homem sábio na aldeia que tinha ouvido falar da tentativa que o Velho Tolo estava a fazer por nivelar as montanhas veio falar com o velho sobre seu projeto tolo. Ele disse-lhe: "Na sua idade você devia ser sensato o suficiente para saber que o seu projeto é impraticável. Você está velho e fraco. Não pode nem tirar as ervas daninhas do seu jardim. O que o leva a pensar que possa mover uma montanha?"

O Velho Tolo suspirou e disse: "Tem a mente tão fixa quanto uma pedra. Até mesmo uma criança de sete anos de idade é mais inteligente do que isso. Não consegue

ver que, se eu não terminar o projeto, o meu filho e o meu neto dar-lhe-ão continuidade? E se eles não conseguirem terminar de mover a montanha, os filhos e os netos deles continuá-la-ão, e assim por sucessivamente. A montanha, por outro lado, não cresce. Assim, se cada geração continuar a removê-la, então um dia a montanha irá ficar nivelada."

O homem sábio não conseguiu rebater a lógica do Velho Tolo, e assim ele foi-se embora.

O tempo passou, e o Velho Tolo e os filhos continuaram a escavar na montanha. Enquanto todos riam de seu projeto impossível, os espíritos das montanhas ficaram preocupados, por verem que o Velho Tolo estava determinado, e não havia dúvida de que a montanha seria nivelada, mesmo que em algum momento do futuro distante.

Alarmados, os espíritos das montanhas foram aos senhores do céu e relataram a sua preocupação. As divindades ficaram curiosas e divertidas com a tentativa do Velho Tolo de mover as montanhas, mas quando apuraram a sua paciência e determinação, decidiram ajudá-lo. Uma noite, enviaram dois gigantes para transportar a montanha, um para o leste e um para o sul. Na manhã seguinte, quando as pessoas olhavam pelas janelas, as montanhas que lhe tinham bloqueado o caminho haviam milagrosamente desaparecido.

## **51 – O homem que tentou perseguir o sol**

Havia um homem, que se orgulhava de ser um ótimo corredor e que certo dia decidiu competir com a jornada descrita pelo sol através do céu, e assim perseguiu o sol até ao crepúsculo.

Por essa altura ele sentiu-se extremamente sedento. Procurou água e encontrou o rio Amarelo e o rio Wei. Depois de ter bebido a água toda, ele ainda estava com sede, pelo que se dirigiu ao Grande Pântano no Norte. Antes que ele pudesse alcançá-lo, morreu de sede e caiu ao chão. A vara que tinha carregado absorveu a carne empapada do seu corpo em decomposição e transformou-se numa grande floresta.

Aqueles que têm orgulho das capacidades que têm tendem a querer levá-las até ao limite. Ao leva-as até o limite, nos tornaremos. Ao tornar-nos competitivos, um dia, assim como o homem que perseguiu o sol, perderemos.

## 52 – O País do Norte

O grande Yu, o Rei Xamã, disse: "Dentro do céu e da terra e das quatro direções, dentro dos quatro mares, tudo é iluminado pelo sol e pela lua, circundado pelas estrelas no céu, regulado pelas quatro estações e governado pela Estrela do Ano. Tudo que vêm do Tao difere em forma e tamanho. Alguns perduram mais, outros menos. Somente os iluminados compreendem o modo natural das coisas e veem o seu lugar no universo."

O sábio Hsia Chi disse: "Certas coisas que não necessitam da força criativa do Tao para que existam, nem requerem que as energias do Yin e do Yang para moldá-las, nem que o sol e a lua iluminá-las. Não necessitam de proteção para viver uma vida longa, nem sofrem mortes acidentais. Mantêm-se quentes sem roupas, são cheias sem precisar de arroz, e podem viajar sem barcos ou veículos. Esta é a maneira natural das coisas."

Mais tarde, quando Yu estava a ajudar a lutar contra o Grande Dilúvio, acabou por equivocar-se e perder-se no caminho, chegando assim a um país muito a norte. Quando perguntou aos habitantes onde se encontrava, eles disseram que ele estava no País do Norte, na margem norte do Mar do Norte, a milhares de quilômetros do seu lar.

Yu logo percebeu certas peculiaridades nesse país. As pessoas não faziam ideia de onde ficavam as fronteiras do país. Onde viviam, não havia vento, chuva, geada ou orvalho, tempestades ou neve, animais selvagens ou florestas. Moravam numa enorme planície com quilômetros de pastagens. No meio da planície havia uma montanha em forma de um cântaro. No topo da montanha havia uma nascente da qual brotavam águas doces e perfumadas, escorriam pela montanha em quatro córregos claros e espumantes. A sua corrente carregava a água por toda a terra. Eles regulavam o clima e neutralizavam o gás venenoso.

As pessoas eram gentis e amigáveis. Os seus corpos eram suaves, tinham um coração aberto e clareza de ideias. Todos viviam juntos em harmonia. Não havia brigas, nem inveja, nem orgulho. Os velhos e os jovens viviam como iguais. Não havia políticos nem líderes. Homens e mulheres misturaram-se livremente, e não havia convenções sociais, como cortejar ou casar. Todos viveram junto à água. Não era necessário plantar nem tecer para fazer peças de roupa. As pessoas morriam naturalmente depois de viverem cem anos. Ninguém era acometido de enfermidade nem morria de doença, e ninguém era

morto acidentalmente. As pessoas viviam na felicidade e no contentamento, não conheciam a ansiedade, a tristeza, a decadência, a morte ou a dor.

Os habitantes dessa terra também adoravam a música e o canto, dançavam e cantavam o dia todo. Quando estavam cansadas ou quando tinham fome, tudo o que precisavam era beber a água doce da nascente mágica e sentiam-se de novo repletos de energia. Se bebessem demais, dormiriam durante dez dias. Se elas se banhassem nas águas, os seus corpos teriam o seu vigor renovado e carregariam a fragrância das águas por muitos dias.

Quando o imperador Mou de Chou seguiu na sua jornada espiritual, visitou essa Terra do Norte e lá viveu por três anos. Depois que voltou para casa, ele pensou com frequência nessa terra e sentiu-se de tal modo acometido com os pensamentos de que não conseguia comer nem dormir.

Essa terra era tão incomum que Kuan-Chung, o conselheiro do imperador de Chi, encorajou o seu senhor a visitá-la. Os dois homens estavam prestes a partir para essa terra lendária quando outro ministro aconselhou o imperador dizendo: "Meu senhor, por que viajar para uma terra estrangeira quando você tem tudo no seu próprio país? Olhe ao redor do reino de Chi. As nossas montanhas e rios são lindos, as nossas planícies são amplas, e nossa gente sente-se feliz. A nossa terra produz colheitas abundantes e não nos falta nada. A sua corte está repleta de esplendor, os seus ministros são leais, os seus soldados fortes e seus súditos cultos. Tudo o que você pode querer existe aqui. Por que o senhor quererá viajar para terras que ficam nos limites da nossa civilização? Kuan-Chung deve estar a fantasiar de novo."

Quando o rei informou isso a Kuan-Chung, o conselheiro simplesmente respondeu: "Isso não é nada que o nosso amigo venha a entender. Receio que, se não mantivermos a busca do País do Norte viva, nunca o encontraremos. Quanto à prosperidade do nosso país, por que apegar-nos àquilo que temos? Quanto às palavras de nosso amigo, você realmente acha que eles sejam um bom conselho?"

### **53 – Costumes estranhos em países estranhos**

Nos reinos do sul, as pessoas usam o cabelo curto e andam nuas. Nos reinos do norte, as pessoas usam turbantes e peles de animais. Nas terras do centro, elas usam

chapéus e saias. As pessoas do reino do meio sabem como dar melhor uso aos recursos da terra. Lá existem fazendeiros, comerciantes, caçadores e pescadores. Portanto, as pessoas das terras do meio são bem alimentadas e andam bem vestidas. No inverno, dispõem de peles para mantê-las aquecidas e, no verão, dispõem algodão para se manter refrescadas. Elas viajam por barco e em carruagens, e não precisam esforçar-se para obter o que querem.

Numa terra distante do sul e do leste há um país onde é costume as pessoas matarem os seus primogênitos e ofereçam a sua carne e sangue a todos na comunidade para que a comam. Eles dizem que isso trará fertilidade às mulheres. Além disso, quando um pai morre, os filhos amarram a mãe nas costas do homem morto e abandonam ambos no deserto. Eles afirmam que não é adequado viver com a mulher de um fantasma. Quando um parente ou membro familiar morre, os filhos demonstram os seus deveres filiais cortando a pele do morto antes de enterrarem os seus ossos. Nesse país diz-se que os filhos só cumprem os deveres filiais apenas se queimarem os corpos dos seus pais falecidos. Quando a fumaça sobe da pira, diz-se que a alma dos mortos subiu ao céu.

Todos esses costumes são tradições estabelecidas nos países onde são praticados. Tais costumes são observados por todas as pessoas e nada têm de estranho. Nós os chamamos de bárbaros e ficamos chocados com eles apenas por termos costumes diferentes.

#### **54 – As perguntas de uma criança**

Certa vez, quando Confúcio caminhava por um mercado, viu duas crianças que pareciam estar a discutir acaloradamente por causa de algo. Confúcio sentiu-se curioso e perguntou-lhes qual a razão da discussão. Uma das crianças disse: "Eu digo que o sol se encontra mais perto de nós quando se ergue e se distancia mais ao meio dia." A outra criança imediatamente disse: "Eu digo que o sol está mais distante quando se ergue e mais próximo do meio-dia."

Aquela que falara primeiro disse: "O sol parece maior quando está no horizonte e fica mais pequeno quando atinge o meio dia. As coisas não parecem menores quando estão longe e maiores quando estão perto?" A segunda criança não se sentiu desencorajada. Ela disse: "O sol está mais quente ao meio-dia do que quando ascende

pela manhã. Não será algo mais quente quando está próximo e mais frio quando está mais longe?"

As duas crianças então assediaram Confúcio a responder às suas perguntas. Confúcio ficou perplexo. Ele disse que não podia dizer qual deles estava correto. As crianças riram e disseram: "Olhe, é suposto ser um homem instruído, mas você não pode nem responder às nossas perguntas!"

## **55 – A arte de pesca**

Muitas coisas neste mundo dependem do equilíbrio. Por exemplo, um único cabelo pode suportar um peso se o equilíbrio for correto. O cabelo só se quebra se o equilíbrio se perder. A maioria das pessoas não entende esse princípio de equilíbrio, mas eis um exemplo de alguém que o entendeu.

No país de Ch'u vivia Chan Ho que muito gostava de pescar. Ele fez a sua linha de pesca de seda, o seu gancho a partir da casca de um grão de trigo e a sua cana de uma tira delgada de bambu. Para isca, ele usou meio grão de arroz. Um dos seus pontos de pesca favoritos era um trecho de águas profundas num rio de corrente rápida. Lá ele podia lançar a sua isca e sempre retornar com um peixe tão grande quanto o seu carrinho. Mas para cúmulo disso, a sua linha não crepitava, a sua vara não dobrava, e o seu gancho não quebrava.

O rei de Ch'u ficou muito curioso com o modo como esse homem pescava peixe. Assim convidou o pescador para a corte e perguntou-lhe: "Como é que você consegue pegar um peixe tão grande com essa estranha variedade de material?"

O pescador respondeu: "Ouvi os sábios do passado falarem sobre um arqueiro que usava um arco feito de uma tira de madeira muito fraca e uma corda de arco feita de uma fina corda de algodão para derrubar dois pássaros com uma flecha. Ele conseguia fazer aquilo por ter a atenção concentrada e entender o equilíbrio do puxar e do ceder. Admirei a sua façanha e decidi usá-lo como um exemplo para aperfeiçoar a minha habilidade na pesca. A partir desse momento, deixei tudo de lado e passei o tempo todo a aprender a arte da pesca. Por fim, após cinco anos, eu conseguia lançar a minha linha sem distração. Quando me sento junto ao rio, a minha mente fica completamente concentrada na pesca e nada mais. Eu gozo de tal proficiência entre o puxar e o ceder da linha que os peixes

nem sequer percebem quando o gancho e a isca entram na água. Para eles, a isca não é diferente de um grão de areia ou uma bolha, e eles engolem-na sem suspeitarem. Este é o princípio de usar a suavidade para vencer, a força e a sutileza para vencer a brutalidade.

"Meu senhor, se você conseguir governar o seu país dessa maneira, então tudo no mundo estará ao seu alcance. Não será isso mais eficaz do que usar a força?"

O rei ficou muito impressionado com o conselho do pescador.

## **56 – Intercâmbio de mente e coração**

Dois homens que tinham adoecido foram consultar o mesmo médico. O médico curou-os aos dois, mas antes de partirem, disse: "Vocês os dois contraíram uma doença que lhes atacou os órgãos internos. Isso é bastante comum e pode ser cuidado por meio acupuntura e de fitoterapia. No entanto, existe um vírus que os está a atacar, o que lhes afeta os corações e as mentes. Vocês querem que eu lhes cure esse mal?"

Os dois homens disseram: "Fale-nos sobre isso, primeiro."

O médico disse então a um deles: "Você tem ambições fortes, mas a sua força de vontade é fraca. Embora seja bom na elaboração de planos, raramente consegue levar a cabo esses planos." Voltando-se para o outro homem, o médico disse: "Consigo, por outro lado, é ao contrário. As suas ambições são fracas, mas a sua força de vontade é forte. Dessa maneira você cai nos problemas ao fazer as coisas de forma imprudente, sem antes refletir sobre o agir." Em seguida, dirigindo-se a ambos, disse: "Se vocês conseguirem mudar o vosso coração e mente, serão perfeitos. Agora, desejam que eu lhes cure?" Ambos os pacientes concordaram.

O médico deu-lhes uma droga que os deixou inconscientes por vários dias. Então, cuidadosamente, ele removeu-lhes os corações, trocou-os e aplicou uma erva mágica para que, quando ambos os homens despertassem, não houvesse sinais físicos da cirurgia.

Quando os homens chegaram a casa, sentiram-se encantados, mas no momento em que entraram em suas casas, começaram os problemas. O primeiro homem tinha-se dirigido à casa do segundo homem e não era reconhecido pela esposa nem pelos filhos. O segundo homem tinha-se dirigido à casa do primeiro homem e o mesmo aconteceu. Ambas as famílias ficaram furiosas e frustradas. Elas recorreram à corte para resolver o assunto e só aceitaram as circunstâncias quando o médico lhes explicou toda a situação.

Ninguém nasce perfeito, e mesmo que ciência ou tecnologia possa operar maravilhas, ao resolver um problema, outro será criado. Portanto, o melhor é que aceitemos aquilo que somos e que não desejemos ser outra pessoa, cada pessoa tem o seu valor.

## **57 – O músico Wen aprende a tocar o alaúde**

A muito tempo atrás existiu um homem chamado Hu Pa que quando tocava seu alaúde, encantava os pássaros e fazia com que os peixes dançassem. Um tocadour de alaúde chamado Wen do reino de Cheng ouviu a história e quis adquirir essa habilidade. Assim, ele deixou a sua família e foi estudar com o mestre músico Hsiang.

Durante muito tempo Wen não conseguiu tocar nada. Tinha os dedos amarrados a nós, e toda vez que pegava no alaúde, não conseguia tocar. Passados três anos ainda não tinha aprendido nada. "Bem que podes voltar para casa," disse o mestre.

Wen pousou o alaúde, fez um sinal e disse: "Não é que não tenha aprendido nenhuma música ou que não consiga ajustar o meu instrumento corretamente. Eu não consigo motivar-me a tocar de cor, de modo que a música não chega a fazer parte de mim. É por isso que não consigo motivar-me a tocar. Deixe-me descansar um pouco a ver o que acontece."

Pouco tempo depois, Wen voltou para o mestre.

"Como estás a dar-te com a sua música?" perguntou-lhe o mestre.

"Eu acho que consegui fazer progressos. Deixe que lhe mostre."

Wen pegou o alaúde e tocou suavemente a corda chamada Outono. Embora fosse primavera, soprava um vento frio, as folhas crepitavam na brisa do outono, e o céu estava claro e sem nuvens. Então, no outono, ele tocou a corda chamada Primavera, e sucedeu um vento suave. Caíram chuvas quentes e as flores floresceram. No meio do verão, Wen tocou a corda chamada Inverno, e de repente caiu neve e os rios congelaram. Quando chegou o inverno, ele tocou a corda chamada Verão. Imediatamente o sol brilhou ferozmente, a neve desapareceu e o gelo derreteu-se nos rios.

Finalmente, ao finalizar, tocou todas as cordas juntas, soprou um vento refrescante, flutuaram nuvens azuis sobre a cabeça, e caiu um doce orvalho e fontes perfumadas brotaram do chão.



O mestre músico Hsiang bateu no peito e exclamou. "Sua música supera tudo quanto pode ser descrito por palavras. Os melhores músicos precisarão aprender contigo agora."

Wen já era um músico consumado quando foi estudar com Hsiang, mas percebeu que o aperfeiçoamento da técnica por si só não torna música excelente. Quando por fim conseguiu dissolver a dualidade entre ele e a música, as músicas que tocava não só tinham o poder de criar humores, mas alteravam literalmente a realidade.

## **58 – Quando Erh de Han cantou**

Havia um músico, Hsiieh T'na, que se fez aprendiz do mestre-cantor Ch'in Ch'ing, mas antes de terminar o treino, decidiu que já dominava todas as habilidades que o seu mestre poderia oferecer. Confiante, pediu para obter a formatura e voltar para casa.

O seu mestre não contestou o pedido, e no dia marcado, após a cerimônia, deu um banquete em homenagem ao graduado. Quando todos se encontravam sentados ao redor da mesa, Ch'in Ch'ing começou a cantar uma música triste, que fazia acompanhar de um ritmo com um pequeno tambor. A sua voz sacudiu as folhas nas árvores e deteve as nuvens que passavam a correr. O impetuoso jovem então percebeu o quão pretensioso estava pensando ter aprendido tudo com o seu mestre. Rapidamente desculpou-se e pediu para ser novamente aceito. "Serei seu aluno pelo resto da minha vida." disse ele ao mestre.

O Ch'in Ch'ing então contou uma história para todos ouvirem, e disse: "Certa vez existiu uma mulher chamada Erh de Han que acabou por ficar sem dinheiro ao viajar para o país oriental de Ch'i. Não teve escolha senão cantar numa taberna local para ganhar uma refeição. Depois que ela saiu, o som de sua voz reverberou na sala por três dias, e as todos pensaram que ela ainda estava por perto."

"Mais tarde, Erh ficou em uma pousada onde o dono ridicularizou os seus modos estrangeiros. Isso fez Erh ficar com saudades de casa, e ela irrompeu num canto de tristeza e saudade. A sua voz propagou-se pela aldeia e levou todos às lágrimas. As pessoas da aldeia foram de tal modo afetadas pela tristeza da música que não puderam comer durante três dias. Acabaram por enviar alguém atrás de Erh e convidaram-na de volta."

"Erh soltou uma nota alongada e depois cantou uma canção de alegria. Logo as pessoas da cidade começaram a dançar e a rir e esqueceram que haviam estado tristes

justamente havia pouco. Erh ficou com essa gente por um tempo e quando partiu, a cidade enviou-lhe muitos presentes ricos. Até hoje, as pessoas daquela cidade são famosas pelo seu canto, por terem captado uma certa arte de Erh enquanto ela lá viveu." “

## **59 – Espíritos afins**

Po Ya e Chung Tzu-Ch’i eram bons amigos. Po Ya era um bom tocador de alaúde e o seu amigo era um ouvinte intuitivo.

Quando Po Ya tocava seu alaúde ao pensar nas altas montanhas enquanto tocava, Chung Tzu-Ch’i disse: "Eu posso sentir a grandeza das Altas Montanhas!" Ao tocar com o pensar nas águas correntes, seu amigo disse: "Quão profundos e amplos são os Rio Amarelo e o Yang-Tze!" Parecia que não importava o que Po Ya tivesse em mente, o que quer que fosse seria expresso na música que tocava, seu amigo partilhava de imediato desses sentimentos.

Certa vez os dois amigos andavam a vagar pelas encostas norte das Grandes Montanhas quando rebentou uma tempestade. Eles encontraram abrigo numa caverna, e, enquanto aguardavam que as chuvas diminuíssem, Po Ya pegou no seu alaúde e tocou. Vendo que a névoa e a chuva ocultavam as montanhas, Po Ya invocou um sentimento de tristeza e compôs uma peça sobre a chuva interminável e a névoa crescente. Então, ao mudar de humor, improvisou uma música na qual retratava o esplendor de uma avalanche a cair pelos montes abaixo. Em todas as peças que tocava, Chung Tzu-Ch’i conseguia entender a sensação da música de Po Ya sem falhar. O seu humor e estado de espírito eram idênticos aos do instrumentista.

Po Ya baixou o alaúde e suspirou: "Isto é mais do que as minhas mais ousadas expectativas. Você consegue ler-me o pensamento ao ouvir a minha música. De agora em diante, como poderei esconder algo de si?"

Po Ya e Chung Tzu-Ch’i não eram apenas bons amigos, mas espíritos afins. Conseguiram alcançar a mente um do outro não apenas por um ser um excelente músico e o outro um ouvinte intuitivo, mas por dissolverem as barreiras que os separavam um do outro e a música ser simplesmente uma ponte que lhes permitia comunicar o que sentiam no íntimo e o que tinham no pensamento.

## 60 – Artificial ou real?

O rei Mu de Chou estava de visita à região ocidental do seu país, e foi até as montanhas Kunlun antes de regressar. A caminho de casa, os seus oficiais apresentaram-lhe um homem que era considerado um artesão muito qualificado.

O rei recebeu o artesão na sua tenda e disse: "Fale-me sobre as suas habilidades."

O homem respondeu: "Consigo fazer o que quiser, mas deixe que lhe mostre algo que já concluí."

"Bom," disse o Rei Mu. "Traga isso da próxima vez que vier."

Dois dias depois, o artesão pediu para ver novamente o rei. O rei viu que o artesão trouxera alguém com ele, pelo que lhe perguntou: "Quem é esse homem que você trouxe consigo?"

"Ele é criação minha," disse o artesão com orgulho. "Ele consegue falar, cantar e dançar."

O rei ficou fascinado e espantado. Caminhava ligeiramente olhando para cima e para baixo, certamente tinha todas as características de um ser humano.

O artesão pressionou as bochechas do seu companheiro, e imediatamente a figura começou a cantar. Quando ele lhe apertou a mão, começou a dançar ao ritmo da música. Então o artesão levou a sua "criação" a fazer todo o tipo de truques, de que o rei desfrutou imensamente. Os movimentos e ações da figura eram tão reais que o rei achou que fosse mesmo uma pessoa real.

O rei arranjou com que esse "homem" talentoso desse um espetáculo e convidou a sua cortesã favorita e outras assistentes para participarem. Quando o espetáculo estava prestes a terminar, o homem artificial lançou olhares sugestivos na direção das mulheres que se encontravam sentadas ao redor do rei.

O Rei Mu viu aquilo e ficou indignado. Convocou o artesão e gritou-lhe enraivecido: "Como se atreve a mentir-me dizendo-me que criou esse homem! Ele teve a coragem de lançares olhares atrevidos às minhas cortesãs. Eu vou mandar executá-lo por isso."

Aterrorizado, o artesão imediatamente se aproximou do homem artificial e rasgou-lhe o corpo. Ele desmontou a cabeça, os braços e as pernas e mostrou as peças ao rei. O

rei examinou-os e achou que elas eram feitas de madeira e que se encontravam ocultadas e reunidas por cordas e cola. O artesão então esvaziou o interior do robô, e o rei viu que, embora os órgãos internos parecessem reais, eles também eram feitos de materiais e eram inertes e pintados com as cores apropriadas. Dentes, ossos, músculos, tendões, articulações, pele e cabelos eram todos artificiais. No entanto, quando essas peças se encontravam reunidas, ele via uma pessoa real.

O rei ficou então ainda mais curioso. Ele reexaminou o robô e experimentou tirarlhe o coração. Quando removeu o coração, o boneco perdeu a fala. Em seguida, o rei removeu-lhe o fígado, e o boneco perdeu a visão. Quando lhe tirou os rins, o boneco não pode mais andar. Por fim o rei ficou satisfeito. Suspirou e disse: "Será possível que a destreza humana produza algo que possa equiparar-se ao que é criado pelo Céu e pela Terra?"

O rei mandou carregar o boneco num carrinho e convidou o artesão a retornar com ele à capital. As pessoas costumavam considerar que a escada de Kung-Shu Pan atingia as nuvens e a máquina voadora de Mo-Tzu como criações de grande engenho. Mas quando as notícias do homem artificial se espalharam, esses dois talentosos artesãos não ousaram vangloriar-se mais das suas invenções.

Se examinarmos o boneco do Rei Mu, poderemos realmente dizer que seja artificial? O boneco foi feito de materiais encontrados na natureza: couro, casca e cânhamo. Os seres humanos são igualmente feitos das mesmas coisas que a natureza, pois todas as coisas emergiram da reunião das energias Yin e Yang e devem sua existência ao sopro primordial do Tao. Se algo é real ou artificial depende da forma como visualizamos os materiais a partir dos quais é feito. Se esse for o caso, então, enquanto pessoas "reais," o que nos tornará mais privilegiados do que as outras coisas na criação?

## **61 – Aprender a arte do tiro**

Fei-Wei aprendeu o tiro ao arco com um dos maiores arqueiros dos tempos antigos, Kan Ying. Dizia-se que, quando seu mestre puxava o arco, os animais ficariam deitados no chão e os pássaros desapareciam no céu. Fei Wei aprendeu tudo o que o seu mestre conseguiu ensinar-lhe e acabou superando o mais velho em habilidade.

Um homem chamado Chi-Ch'ang ouviu falar no domínio de Fei Wei com o arco e implorou para se tornar seu aprendiz. Esperava um dia ele também superar o seu mestre em habilidade.

Fei Wei disse ao futuro discípulo: "Primeiro, precisa treinar o olho a não piscar em circunstância alguma. Volte quando tiver conseguido isso."

Chi-Ch'ang gravou essas palavras na mente e voltou para casa. Dia após dia, ele se debruçava debaixo do tear da sua esposa com os olhos ao lado das agulhas que subiam e desciam quando ela pressionava o pedal com o pé. Volvidos três anos, ele treinara-se a não piscar mesmo que as agulhas parecessem furar-lhe o globo ocular.

Excitado com o sucesso conseguido, Chi-Ch'ang correu para Fei Wei e relatou o progresso que fizera. Fei Wei disse apenas: "Você ainda começou a aprendizagem. A próxima coisa que precisa fazer é treinar os seus olhos para ver objetos pequenos até que pareçam grandes, e objetos difusos até que pareçam claros. Volte e pratique. Quando tiver conseguido fazer isso, você poderá vir ver-me."

Chi-Ch'ang voltou para casa e começou a fase seguinte do treino. Pegou uma pulga e pendurou-a de uma janela voltada para sul. Todos os dias ele fixava a vista na pulga com o sol a brilhar-lhe nos olhos. Dez dias depois, a pulga parecia ter crescido em tamanho. Três anos depois, a pulga parecia tão grande quanto uma roda num carrinho. Por essa altura, quando Chi-Ch'ang olhava para outras coisas da mesma forma, via montes e colinas. Pegando num arco feito do chifre de animal de Yen e numa flecha feita de capim selvagem do norte, Chi-Ch'ang apontou e atirou. A flecha perfurou o coração da pulga sem quebrar o fio de cabelo que a pendurava.

Quando Chi-Ch'ang contou o sucedido a Fei Wei, o mestre arqueiro bateu palmas e disse: "Maravilhoso. Você entendeu do que trata o tiro ao arco. Você está pronto para aprender."

Pouco tempo depois, Chi-Ch'ang aprendeu tudo o que Fei Wei tinha a ensinar-lhe. Ele foi para casa e pensou: "Neste instante, a única pessoa que pode rivalizar com a minha perícia é o meu mestre. Se eu o matar, então eu serei o maior arqueiro vivo."

Certo dia, Chi-Ch'ang encontrou Fei Wei numa estrada deserta. Ao ver aí a sua hipótese de matar o seu antigo mestre, puxou o arco e arremessou uma flecha na direção de Fei Wei. Quase ao mesmo tempo, o mestre puxou o seu arco e disparou outra flecha. As duas flechas atingiram-se à mesma distância entre os dois homens e caíram no chão

sem levantar qualquer pó. Rapidamente Chi-Ch'ang disparou várias flechas em direção a Fei Wei, e toda vez as flechas foram interrompidas em pleno voo.

Finalmente, quando a Chi-Ch'ang restava apenas uma flecha, a aljava de Fei Wei ficou vazia. "Esta é a minha chance de o matar," pensou Chi-Ch'ang. Assim, Chi-Ch'ang puxou o arco e soltou a última flecha. Fei Wei calmamente pegou num ramo espinhoso, e, usando-o como uma flecha, parou a flecha de Chi Chang em pleno ar.

Ao ver isso, ambos os homens lançaram fora os seus arcos. Com lágrimas nos olhos, eles se curvaram um para o outro. Tão grande foi o respeito que sentiram um pelo outro que prometeram naquele exato local tornar-se pai e filho. Não querendo que a sua destreza se tornasse causa de inveja e de traição para as gerações futuras, fizeram cortes em seus braços e juraram nunca revelar os segredos da sua técnica a ninguém.

Chi-Ch'ang era orgulhoso e ambicioso e queria ser o melhor. No entanto, ficou emocionado com o domínio de Fei Wei e percebeu que acabara de ver o maior feito com tiro ao arco. Fei Wei, também, ficou impressionado com a inteligência de Chi-Ch'ang e sua obstinação de realizar o que ele havia tentado. Dizem que o pináculo da conquista é um local solitário e que por vezes os rivais podem chegar a entender-se e a apreciar-se mais do que os amigos. Assim, não é incomum que os maiores rivais possam se tornar nos melhores amigos.

## **62 – Tsao-Fu aprende a conduzir**

Tsao-Fu fez-se aprendiz do famoso cocheiro de habilidade lendária, T'ai-Tou. Durante muitos anos, Tsao-Fu serviu humildemente o seu mestre, mas não recebeu qualquer instrução. Isso não desanimou o aprendiz. Na verdade, Tsao-Fu mostrou ainda mais respeito e diligência no atendimento das necessidades do seu mestre.

Finalmente, impressionado pela sinceridade de Tsao-Fu, T'ai-Tou disse ao seu aprendiz: "Os antigos dizem que um mestre arqueiro começa por fazer cestas e um mestre de ferreiro começa por fazer martelos. Agora, observe-me com atenção. Se conseguir chegar ao mesmo estado de corpo e mente em que eu me encontro, então estará apto a dirigir uma carruagem."

"Seguirei cuidadosamente as suas instruções." disse Tsao-Fu.

O mestre, em seguida, pegou em várias estacas, grandes o suficiente para se manterem e se segurarem no chão. As estacas foram organizadas de modo a ficarem a um passo de distância umas das outras. Então, o cocheiro mestre saltou para as estacas e saltou de uma estaca para a outra, correndo de um lado para o outro com facilidade.

"Pratique a corrida sobre as estacas," disse ele a Tsao-Fu, "e quando conseguir dominar isso, lhe darei mais instruções."

Após três dias, Tsao-Fu conseguiu correr pelas estacas sem tropeçar nem cair. O mestre suspirou e disse: "Você é ágil e aprende rápido. Agora, deixe-me falar sobre a arte de cocheiro. Todos os cocheiros precisam começar por aprender como correr sobre as estacas. Embora pareça que está a treinar para ser ágil no seu trabalho de pés, você realmente está a treinar o seu corpo para responder aos comandos da sua mente. Isso é chave no comando de uma carruagem."

"A aplicação e libertação de pressão nas rédeas deve ser de acordo com a sua intenção. Se os seus dedos e as suas palmas responderem naturalmente à sua vontade, você poderá transferir a sua intenção diretamente para cada cavalo da guarnição. Os cavalos responderão ao menor puxão ou folga para voltar para qualquer direção, e você poderá guiar a carruagem para frente ou para trás e virar à esquerda ou à direita sem qualquer esforço. O seu corpo responderá à sua mente, as rédeas responderão aos movimentos do seu corpo, e os cavalos responderão à pressão das rédeas. Dessa forma, sem gastar energia, você poderá dirigir uma carruagem por longas distâncias sem se sentir cansado. Quando isso acontecer, você saberá que atingiu o domínio dessa arte."

Passado um tempo, o mestre cocheiro continuou: "Deixe-me explicar aquilo que disse. Cada cavalo que puxa a carruagem usa um freio e um arreio. Assim, a sensação de movimento do cavalo é comunicada por meio do freio ao arreio, do arreio às rédeas, das rédeas às suas mãos, das mãos ao resto do seu corpo e do seu corpo à sua mente. Ao comunicar a sua intenção aos cavalos, a sequência de comandos é o inverso. Assim, o controle da sua guarnição e a obtenção de uma resposta dos movimentos dos cavalos podem ser totalmente feitos apenas por meio da intenção. Dessa forma, poderá dirigir sem empregar os olhos e nunca precisará usar o chicote. Quando a mente atinge a clareza e o corpo se encontra relaxado, pode-se controlar seis freios sem confusão, e vinte e quatro cascos irão pisar onde você quiser. Assim, as rodas do seu carro irão avançar e recuar, e virar à esquerda e à direita com precisão e controle. Poderá conduzir nas estradas das montanhas com a mesma facilidade que o faria nas planícies. A sua condução não será

diferente quer os seus cavalos estejam perto de um precipício ou a correr pelas pastagens planas. Isso é tudo o que tenho a ensinar, por isso recorde-o bem!"

A agilidade do corpo e a quietude da mente são necessárias para que a intenção seja comunicada naturalmente. Um corpo rígido cujas partes não cooperem não poderão responder à intenção, independentemente de quão clara e imóvel se encontre a mente. Do mesmo modo, um corpo ágil só encontrará confusão se a mente não se encontrar imóvel. Portanto, para atingir o nível mais elevado de toda destreza, o corpo e a mente devem ser treinados simultaneamente.

### **63 – A vingança de Lai-Tan**

O pai de Lai-Tan foi morto por Hei Luan de Liang numa disputa acesa. Lai-Tan jurou encontrar o assassino e vingar a morte do seu pai.

Embora Lai-Tan tivesse uma disposição destemida e uma intensa perseverança, era tão magro quanto um bamboo. O seu estômago só podia conter uma mão cheia de arrozinhos, e ele estava tão fraco que uma rajada de vento mais forte poderia arrancá-lo do sítio. Por conseguinte, apesar da intenção que tinha de vingar a morte de seu pai, Lai-Tan era incapaz de lidar com qualquer tipo de arma. No entanto, Lai-Tan possuía sentido de honra e não contrataria ninguém para o fazer por ele. Assim, envergonhado pela fraqueza e furioso por de não poder fazer nada, atormentava-se dia e noite.

Como se as coisas não estivessem suficiente más, Hei Luan, o assassino do pai de Lai-Tan, era um homem muito forte e violento. Hei-Luan conseguia empunhar a espada mais pesada e lutar com uma centena de homens com as mãos. Além disso, o homem tinha pele semelhante a uma couraça incapaz de ser penetrada por espada ou lança. Exibia suas capacidades impedindo espadas com o pescoço ou travando as flechas com o peito descoberto. As espadas e as flechas esbarravam sem deixar cicatriz ou arranhão no corpo dele. Assim, provocava e ria de Lai-Tan, chamando-lhe de fraco e de garotinha indefesa.

Um dia, um amigo de Lai-Tan disse-lhe: "Hei Luan comporta-se como se tu fosses um pedaço de estrume. O que vais fazer em relação a isso?"

Lai-Tan ficou ainda mais deprimido e disse ao seu amigo: "Eu não sei o que fazer. Tens alguma sugestão?"



O amigo respondeu: "Ouvi dizer que na região de Wei há um nobre que possui uma espada mágica. Esta espada é tão poderosa que pode afastar todo um exército mesmo quando empunhada por uma criança. Por que não vais perguntar se podes tomar tal espada emprestada?"

Lai-Tan acatou o conselho do seu amigo e viajou para a terra de Wei. Ele implorou ao nobre para o ajudar e ofereceu-se para os trabalhos forçados. Em seguida, ele explicou a sua situação, pediu emprestar a espada mágica e prometeu deixar a sua esposa e filhos como reféns na propriedade do nobre enquanto ele ia procurar o assassino.

O nobre escutou as súplicas de Lai-Tan e ficou impressionado com a determinação que o jovem demonstrou para superar dificuldades aparentemente insuperáveis. E assim, disse: "Tenho três espadas mágicas, mas nenhuma delas consegue matar. Vou-te deixar tomar uma delas de empréstimo para vingares a morte do teu pai. Mas antes de escolheres, deixa que te descreva as características de cada uma dessas espadas."

"A primeira espada chama-se Espada da Luz Invisível. Não possui forma, pelo que não conseguirás vê-la. Não possui peso, pelo que não conseguirás senti-la quando a usares. Não deixa qualquer marca ao cortar, e pode retalhar o corpo de uma vítima sem que ele mesmo saiba disso."

"A segunda é chamada Espada da Sombra. Se pegares nessa espada e a segurares contra a luz suave do amanhecer ou do entardecer, quase não conseguirás vê-la. Se cortar qualquer coisa, denota-se lhe um ligeiro brilho. Ao perfurar um corpo, a vítima não sente dor."

"A terceira espada chama-se Espada da Noite. À luz do dia, só consegues ver a sua sombra, mas não o seu brilho. À noite, podes ver o seu brilho, mas não a forma. Quando corta algo, ouve-se um som contundente. A ferida que ela provoca fecha imediatamente e nenhum sangue é derramado. A vítima sente apenas uma ligeira dor onde a espada tiver golpeado."

"Estas três espadas foram-me transmitidas ao longo de treze gerações da minha família. Elas jamais foram usadas e ainda se encontram seladas dentro de seus sacos especiais."

Lai-Tan pediu que lhe emprestasse a Espada da Noite. Então, o nobre disse a Lai-Tan que precisavam fazer um ritual especial para quebrar o selo que trancava a espada. Jejuou durante sete dias, praticou os rituais apropriados de purificação e tirou a espada do

seu saco a meio da noite. Entregou a espada a Lai-Tan e disse-lhe que não era necessário deixar a esposa e os filhos como reféns. Lai-Tan prostrou-se em sinal de gratidão e partiu à procura Hei-Luan.

Quando Lai-Tan chegou à casa de Hei-Luan, encontrou-o sozinho e bêbado. Ao vislumbrar a sua hipótese, Lai-Tan empunhou a espada e golpeou Hei-Luan sem esforço por três vezes do pescoço até a cintura. Como Hei Luan não se agitasse, Lai-Tan pensou que ele havia matado o homem, de modo que se apressou a sair. Na porta, ele encontrou o filho de Hei-Luan. Rapidamente ergueu a Espada da Noite e o atingiu três vezes. Mais uma vez, ele sentiu como se estivesse a cortar o ar.

O filho de Hei-Luan sorriu cordialmente e perguntou a Lai-Tan, "Você é um homem engraçado. Por que agita a mão assim em torno de mim?" Lai-Tan sabia que a sua espada não podia matar, pelo que suspirou e foi embora. Quando Hei-Luan acordou, gritou para a mulher: "Por que não me cobriste quando desmaiei? Agora estou com dor de garganta e dor na cintura."

O filho de Hei Luan então disse: "Pai, ao chegar em casa ontem, deparei-me com Lai-Tan à porta. Ele acenou com a mão para mim de uma maneira engraçada e depois afastou-se. Agora, tenho o corpo a doer um pouco, assim como os braços e as pernas. Você acha que ele nos pregou alguma maldição?"

Lai-Tan não matou Hei-Luan, mas vingou-se. Não importava que Hei-Luan não morresse. Para Lai-Tan, tudo o que importava era que ele tinha empunhado a espada e atingido o assassino do pai com as próprias mãos. A Espada da Noite foi de fato uma espada poderosa. Não só não matou nem feriu, como ajudou Lai-Tan a dissipar a raiva e fez com que ele sentisse que tinha conseguido o seu objetivo. Se Lai-Tan tivesse usado uma espada menor para se vingar de seu pai, ele teria matado o filho de Hei Luan junto com o pai. A família de Hei Luan então iria procurar Lai-Tan para se vingar, e a matança prosseguiria, família a vingar familiar, por muitas gerações.

## **LIVRO SEXTO**

### **ESFORÇO E DESTINO**

#### **Introdução**

O agricultor vive a mercê do clima, o comerciante da economia, o artesão na aplicação atempada das competências e o político da opinião pública. Na agricultura há épocas de abundância e épocas de seca. Nos negócios e no comércio, há períodos de crescimento e de recessão. O sucesso na concepção e fabricação depende da demanda no mercado. A popularidade do governo depende da preferência política. Não existe uma profissão que garanta o sucesso. O sucesso e falha dependem da oportunidade, que não conseguimos controlar nem prever. É o que Lie-Tzu quer dizer com "destino."

A oportunidade pode gerar ou dar cabo de uma carreira. Uma pessoa talentosa talvez nunca realize o seu potencial se não tiver oportunidades apropriadas. Por outro lado, alguém com capacidades medianas poderá erguer uma enorme fama e fortuna se os tempos forem apropriados. Por isso, fortuna e infortúnio dependem do destino.

Ser afortunado ou infeliz também depende de uma avaliação da situação. Assim, algo que possa agora parecer desafortunado pode realmente vir a ser benéfico a longo prazo, e vice-versa. Como não sabemos quanto tempo esse "longo prazo" engloba, é impossível dizer se algo seja afortunado ou desafortunado.

Além disso, para que algo seja considerado auspicioso ou desafortunado depende da perspectiva da pessoa. Normalmente, aqueles que estiverem menos ligados às circunstâncias externas terão menos ansiedade para rotular algo como boa sorte ou infortúnio. A empatia que sentirmos em relação ao infortúnio de outra pessoa baseia-se no pressuposto de que, se as mesmas circunstâncias nos acontecessem, nos sentiremos mal e nos lastimaremos. Por conseguinte, a empatia pode estar baseada na autocomiseração, em vez de na compaixão pelos outros.

Dado tudo isso, Lie-Tzu pergunta: “Por que deveremos apegar-nos tanto ao sucesso e ao fracasso, à fortuna e à desgraça? Por que gastar tanto esforço buscando o que consideramos atualmente ser sucesso ou fortuna? O que poderá ser benéfico agora poderá vir a ser prejudicial mais tarde. E caso se revele prejudicial, quem poderá dizer que possa não ser benéfico no futuro?”

## 64 – O Esforço discute com o Destino

Um dia o Esforço disse ao Destino: "As minhas conquistas são maiores que as tuas."

O Destino não concordou e desafiou imediatamente o Esforço: "O que fizeste tu para que as tuas conquistas superem as minhas?"

O Esforço disse: "Viver muito tempo ou morrer jovem, ser rico ou pobre, ter sucesso ou fracasso depende de mim."

O Destino respondeu de imediato: "A inteligência do velho Peng não se equiparava à dos imperadores Yao e Shun, mas ele viveu uma vida longa e saudável. Por outro lado, Yen-Hui, o melhor aluno de Confúcio, morreu quando completou dezoito anos. A virtude de Confúcio ultrapassou a dos príncipes, mas, comparada com ela, ele encontrava-se desamparado. O imperador Shang-Tsou foi cruel e imoral, mas viveu uma vida próspera e longa. Por outro lado, os seus ministros virtuosos tiveram mortes violentas. Houve um homem que sacrificou a própria fortuna para permitir que o seu irmão fosse empregado pelo senhor de Cheng. Ele permaneceu pobre e desconhecido pelo resto de sua vida. Depois, havia um outro homem que não possuía virtude nem habilidade que se tornou o senhor de Chi. E que dizer de Po-Yi e Shu-Chi que morreram de fome na montanha por não quererem comprometer a sua integridade e honra para servir um senhor inimigo? Que se poderá dizer dos funcionários corruptos que enriquecem ou das pessoas honestas e trabalhadoras que permanecem pobres?"

O Esforço não estava à espera dessa barragem de evidências contra a sua afirmação. Franziu a testa, mas o Destino prosseguiu: "Se és tão eficaz como dizes, então, por que não tornas as pessoas trabalhadoras ricas? Por que não concedes às pessoas virtuosas uma vida longa e próspera? Por que não se encontram as pessoas inteligentes e capazes empregadas, e por que ocupa com estúpidos as importantes posições no governo?"

O Esforço nada mais teve a dizer diante a tais desafios, de modo que timidamente lá disse ao Destino: "Tens razão. Eu não exerço tanto efeito assim, afinal. Mas diria que muitas coisas sucedem como sucedem, por teres feito asneira, e teres distorcido o destino das pessoas e teres tido prazer nisso!"

Então, o Destino disse: "Eu não posso forçar o rumo das coisas. Eu simplesmente abro-lhes as portas. Se algo estiver a correr em ordem, deixo que siga o caminho correto; se algo sofrer uma reviravolta, não o impedirei. Ninguém, nem você nem eu, pode alterar o caminho das coisas. Vida longa ou curta, rica ou pobre, sucesso ou fracasso, fortuna ou infortúnio, tudo ocorre por si só. Como posso direcionar os acontecimentos ou mesmo saber onde pararão as coisas?"

## **65 – A sorte e o mérito**

Um dia Pei-Kung-Tzu foi visitar Hsi-Men-Tzu. Os dois eram amigos, mas devido os diferentes modos que suas vidas sucederam, não se viram durante algum tempo.

Quando Pei-Kung-Tzu viu o amigo, a primeira coisa que disse foi: "Nós crescemos juntos. Vivemos na mesma época. Por que tudo parece estar a correr-te de feição, e eu sempre me deparo com obstáculos? Nós procedemos do mesmo clã, mas as pessoas respeitam-te e a mim desprezam-me. À semelhança de ti, eu tenho olhos, ouvidos e uma boca, mas as pessoas saúdam-te e afastam-se de mim. Às vezes, temos opiniões convergentes e falamos até mesmo da mesma maneira, mas tu és escutado e eu sou ignorado. Quando somos vistos juntos, tu és tratado como um homem honesto e eu não tenho fiabilidade. Quando assumimos o poder no governo, tu foste promovido e eu demitido. Quando trabalhamos a terra, ela cooperou até mesmo contigo e comigo não. Quando negociamos juntos, tu ganhaste lucros e eu prejuízo. Isso é verdadeiramente injusto!"

Pei-Kung-Tzu continuou a lamentar os seus problemas: "Eu uso roupas velhas e como a comida que o porco come. Vivo numa barraca arruinada e não posso pagar uma carroça. Tu, por outro lado, usas sedas e trajes finos. Comes da melhor carne e arroz. Moras numa enorme mansão e viajas numa carruagem puxada por excelentes cavalos. Ignoras-me nas ruas e nunca me convidas para os teus banquetes ou passeios. Será essa a maneira de tratar um amigo? Ou achas que és mais virtuoso e digno do que eu?"

Hsi-Men-Tzu não se sentiu lá muito feliz com o ataque de Pei-Kung-Tzu. Assim, foi brusco no que disse: "Eu não sei quem é mais virtuoso, se tu ou se eu. Tudo o que sei é que as coisas sempre me correm bem e a ti sempre te correm mal. Talvez eu seja mais

virtuoso e, por conseguinte, mais digno aos olhos dos outros. Em qualquer caso, tens a fantasia de comparar o teu valor com o meu! Não tens sentido de vergonha?"

Pei-Kung-Tzu não esperava tal bofetada no rosto. Ofendido e abatido, ele saiu sem dizer uma palavra.

A caminho de casa, Pei-Kung-Tzu correu ao sábio Tung-Kuo. Ao ver o olhar desanimado de Pei-Kung-Tzu, Tung-Kuo perguntou-lhe: "Onde esteve? Por que está tão deprimido?"

Pei-Kung-Tzu contou a Tung-Kuo o que lhe acontecera durante a visita que fizera a Hsi-Men-Tzu. O sábio disse-lhe com gentileza: "Não se sinta tão mal. Nós iremos até Hsi-Men-Tzu e iremos conversar com ele."

Assim que Tung-Kuo viu Hsi-Men-Tzu, disse: "Por que insultou o seu amigo e lhe ofendeu os sentimentos?"

Hsi-Men-Tzu disse: "Pei-Kung-Tzu disse que o tempo dele, os antecedentes e a educação que teve foram iguais aos meus, mas enquanto eu sou rico, bem-sucedido e respeitado, ele é pobre, desprezado e um fracassado na vida. Eu disse-lhe que isso se deve a que não seja tão digno quanto eu."

Tung-Kuo disse então a Hsi-Men-Tzu: "Você parece pensar que o valor possa ser medido pelo sucesso social ou político. Eu encaro isso de forma diferente. Parece-me que você tem mais sorte e Pei-Kung-Tzu realmente possui mais virtude. Você é bem-sucedido na sociedade, não porque seja particularmente sábio ou virtuoso, mas porque tem sorte em tudo o que faz. Por outro lado, o fracasso que Pei-Kung-Tzu tem em ser reconhecido não é devido à estupidez nem à falta de virtude, mas ao fato de não ter sorte em tudo o que faz."

"Que tenha sorte ou não, não é algo que possa controlar. Você não deve ser presunçoso por ter mais sorte. Por outro lado, ele não deveria sentir-se inútil, embora ele possua mais virtude. Ambos são igualmente cegos pelas próprias ideias que têm da dignidade."

Quando Hsi-Men-Tzu ouviu aquilo, disse: "Você não precisa falar mais. Nunca mais me vangloriarei do sucesso de que gozo."

Quando Pei-Kung-Tzu voltou para casa, já não sentia mais vergonha de ser indigno. Usou as suas roupas e sentiu como se fossem sedas e peles luxuosas, comeu

comidas simples e achou-as tão saborosas quanto os melhores alimentos dos epicuristas da cidade. Morou numa cabana e sentiu como se estivesse a habitar numa grande mansão. Quando viajou na sua carroça caindo aos pedaços, achou que era a melhor. Não via mais a diferença entre honra e desgraça, reconhecimento e anonimato. Desta forma, passou o resto da sua vida no contentamento.

Quando o sábio Tung-Kuo viu a transformação que Pei-Kung-Tzu sofrera, disse: "Por muito tempo, esse homem esteve enterrado nas ilusões de valor e valor estabelecidas pelas normas sociais. Mas é igualmente notável que ele só tenha precisado de uma lição para cortar com essas ilusões. Como seria o mundo se apenas mais algumas pessoas pudessem ser como ele!"

## **66 – A amizade de Kuan-Chung e Pao-Shuia**

Kuan-Chung e Pao-Shuia foram os melhores amigos. Ambos cresceram no país de Ch'i e serviram na corte real como professores de príncipes. Nessa altura, o reino de Ch'i estava em tumulto político. Reinava muita intriga na capital em torno da rivalidade entre os príncipes que aspiravam a tornar-se herdeiros do trono. Kuan-Chung aconselhou o seu protegido a encontrar apoio no reino de Lu, e Pao-Shuia aconselhou o seu príncipe a ficar longe da capital e a aguardar pela sua hora.

A política da corte em breve tornou-se viciada. O rei de Ch'i foi assassinado em um golpe de estado por um general que, por sua vez, foi morto por rivais. O país encontrava-se em caos. Tanto Kuan-Chung quanto Pao-Shuia aconselharam os seus respectivos príncipes de que era hora de fazerem as suas reivindicações ao trono.

Numa batalha fora da capital, os exércitos dos dois príncipes bateram-se. Kuan-Chung disparou uma flecha contra o príncipe rival que saltou ao bater na fivela do cinto do príncipe. Enfurecido e insultado, o príncipe voltou ao seu campo. Porém, no final, o exército de Kuan-Chung saiu derrotado, e ele e o seu senhor tiveram que fugir para o reino vizinho de Lu. O príncipe de Pao-Shuia entrou na capital e tornou-se o rei de Ch'i. Imediatamente, o novo rei conduziu um exército até Lu, onde matou o seu irmão. Kuan-Chung rendeu-se, mas o outro conselheiro de Kuan-Chung optou por morrer com seu o senhor.

Quando o rei voltou à capital, Pao-Shuia, que agora era ministro, disse ao seu senhor: “Agora que a guerra acabou, podemos voltar a nossa atenção para a reconstrução do país. Kuan-Chung é um homem muito capaz. Ele pode ajudá-lo a tornar Ch’i o estado mais poderoso entre os reinos feudais.”

O rei disse: "Ele insultou-me no campo de batalha. Eu planeava mandar executá-lo. "

Pao-Shuia disse: "Um rei sábio não deixa que os rancores pessoais lhe obscureçam o juízo acerca das habilidades das pessoas. Além disso, um bom governante pensa sempre no bem-estar do seu país primeiro e nas suas necessidades pessoais em segundo lugar. Se quiser que o estado de Ch’i se torne poderoso e próspero, precisará da ajuda de Kuan-Chung."

O rei teve um enorme respeito pelo seu ex-tutor, de modo que aceitou o conselho de Pao-Shuia. Ele ordenou que Kuan-Chung fosse libertado do campo de prisioneiros que se situava fora da cidade e fosse levado ao tribunal. Pao-Shuia foi pessoalmente ao encontro do amigo e acompanhou-o até à capital.

Kuan-Chung impressionou tanto o rei que imediatamente recebeu o cargo de primeiro-ministro, que o deixou classificado acima de Pao-Shuia. Com o tempo, a confiança que o rei tinha em Kuan-Chung cresceu e, eventualmente, ele atribuiu-lhe o homenageado título de estadista mais antigo. Kuan-Chung tornou-se assim o homem mais poderoso no reino de Ch’i, secundado apenas pelo rei. Pao-Shuia não sentiu nem inveja nem ressentimento pelo sucesso de Kuan-Chung e permaneceram os melhores amigos. Pao-Shuia, por ter um enorme respeito pelas capacidades de Kuan-Chung e por saber que se o senhor de Ch’i fosse um governante sábio, haveria de confiar as maiores responsabilidades a Kuan-Chung. E Kuan-Chung não decepcionou o rei. Sob a sua orientação, Ch’i tornou-se o estado mais poderoso entre os reinos feudais.

Kuan-Chung não deixou que seu sucesso afetasse a amizade que tinha por Pao-Shuia, e muitas vezes dizia: "Se não fosse Pao-Shuia, eu não estaria onde estou hoje. Quando éramos crianças, sempre fiquei com uma porção maior de tudo o que encontrávamos. Ele não discutia comigo e nunca me considerou ganancioso por saber que eu vinha de uma família pobre que nunca gozara do suficiente em coisa nenhuma.”

“Quando fazíamos planos juntos para os nossos pequenos empreendimentos, Pao-Shuia aceitava o meu conselho, mas quando as coisas não acabavam bem, nunca me



culpou por estupidez, pois sabia que o sucesso e o fracasso geralmente dependem mais da sorte do que do esforço. Em jovem, servi no serviço civil três vezes e de cada dessas vezes fui demitido do meu trabalho. Pao-Shuia não me considerou um inútil por saber que as oportunidades de que eu gozava não eram as ideais. Três vezes entrei na guerra, e três vezes escapei sem enfrentar a captura. Pao-Shuia não pensou que eu fosse covarde por saber que precisava cuidar da minha mãe envelhecida. Na batalha final, quando os príncipes guerrearam pelo trono, quando o meu conselheiro companheiro optou por morrer com o seu senhor e eu me rendi, Pao-Shuia não considerou as minhas ações vergonhosas, por saber que por vezes o heroísmo é uma loucura. Por conseguinte, embora os meus pais me tenham dado vida e me tenham alimentado, é Pao-Shuia quem realmente me entende."

A verdadeira amizade não é simplesmente cuidar de nossos amigos e ignorar as suas falhas. Pao-Shuia não recomendou Kuan-Chung ao rei por querer fazer um favor ao seu amigo. Foi por entender o gênio que Kuan-Chung era na gestão dos assuntos de estado e não deixar que as suas próprias ambições pessoais impedissem que o seu amigo assumisse o cargo. Se Kuan-Chung não tivesse sido capaz de reconhecê-lo, Pao-Shuia não o teria nomeado, e Kuan-Chung, por sua vez, não teria implorado ao seu amigo para não o apoiar. Quando Pao-Shuia se tornou súbdito de Kuan-Chung, ele não sentiu qualquer ressentimento, mas tampouco Kuan-Chung hesitou em aceitar o cargo. Kuan-Chung sabia que Pao-Shuia não ficaria ofendido. Ambos os homens sabiam que, independentemente da política, isso não afetaria a sua amizade. É assim que a verdadeira amizade deve ser.

Depois de um longo e distinto serviço como ministro principal em Ch'i, Kuan-Chung caiu gravemente doente. O rei ficou preocupado e angustiado por parecer que Kuan-Chung não iria recuperar. Ele visitou o seu ministro, sentou-se à cabeceira da cama dele e perguntou: "Você encontra-se muito doente e não está a melhorar, pelo que eu vou ser sincero e direto consigo. Se um dia você morrer, quem será a melhor pessoa para ocupar o seu lugar?"

Kuan-Chung não respondeu. Em vez disso, ele perguntou ao rei: "O senhor tem alguém em mente?"

"Estou a considerar Pao-Shuia."

Kuan-Chung aconselhou o rei, dizendo-lhe: "Pao-Shuia não é adequado para o cargo de primeiro-ministro. Ele tem padrões morais muito elevados e muitas vezes revela-se inflexível. Ele não tolera pessoas que sejam menores do que ele em virtude ou proficiência. Se ele vê alguém cometer um erro, irá desacreditar essa pessoa e recordar o ato para o resto da sua vida. Se nomear Pao-Shuia como seu primeiro-ministro, haverá desarmonia na corte. As pessoas terão medo de o atender, e os seus súditos perderão a confiança que têm em si. Mais cedo ou mais tarde, irá achar Pao-Shuia ofensivo ou vice-versa, e você terá que o demitir. Não, Pao-Shuia será melhor empregue onde se encontra atualmente."

"Então, quem recomendaria?"

Kuan-Chung disse: "Se você realmente quer que eu nomeie alguém, eu sugiro Hsi-Peng que é humilde e modesto. Ele pode ocupar um cargo elevado e ainda assim esquecer que detém poder. Ele será respeitado pelos seus súditos e, ao mesmo tempo, não os intimidará. Ele não se compara com os sábios, reconhece as próprias falhas e é paciente e tolerante. Ele é alguém com quem os seus súditos se sentirão confortáveis no trabalho."

"Eu acho que concordaremos que aquele que consegue inspirar os outros com a sua virtude é um sábio, e o que homem que pode partilhar da sua sabedoria com os outros é digno de respeito. Hsi Peng é precisamente esse tipo de homem. No entanto, um homem que despreza aqueles que não estão de acordo com o seu padrão não ganhará o respeito dos demais, e um homem que nunca esquece ou perdoa os erros dos demais não lhes consegue conquistar o coração."

"Você não quererá que o seu principal conselheiro seja alguém que seja tão rígido com respeito à virtude que tudo pareça errado aos seus olhos. Você não quer um perfeccionista que só crítica e nunca encoraja. De preferência, quererá alguém que seja capaz de apontar os problemas oportunamente e quando for necessário, olhar para o lado e deixar as coisas passarem em branco. Uma pessoa assim não exigirá a perfeição dos seus súditos, da sua família ou do seu rei. Tanto quanto posso ver, Hsi-Peng está muito próximo desse ideal."

No final, o rei de Ch'i acatou o conselho de Kuan-Chung e empregou Hsi-Peng como seu primeiro-ministro.

Muitas pessoas diriam que Kuan-Chung foi duro na avaliação que fez de Pao-Shuia e não se lembrou do que o seu amigo tinha feito por ele. Mas Kuan-Chung não era

o tipo de homem que comprometesse a segurança de um país por causa de favores pessoais. Na verdade, Kuan-Chung percebeu que a verdadeira amizade não depende de favores nem de uma avaliação positiva. É por isso que era sincero em relação às aptidões e ao carácter de Pao-Shuia quando o rei lhe pediu conselho. Kuan-Chung também estava certo de que seu o amigo entenderia a sua franqueza e não sentiria ofendido com a avaliação honesta que Kuan-Chung fizera.

Por que as coisas aconteceram do jeito que aconteceram para Kuan-Chung, Pao-Shuia e Hsi-Peng? Não foi porque Pao-Shuia inicialmente favorecesse o seu amigo, nem por Kuan-Chung ignorar o seu amigo no final da sua vida, nem por Hsi-Peng ter sido favorecido. Foi por causa da amizade que Kuan-Chung e Pao-Shuia tinham um pelo outro. Nenhum deles poderia ter agido de outra forma. Foi por causa das suas habilidades que Kuan-Chung foi escolhido num primeiro caso e Hsi-Peng foi escolhido suceder a Kuan-Chung. No entanto, se o rei de Ch'i não tivesse sido um governante sensato e não tivesse escutado as palavras de sabedoria e razão, nenhum deles teria sido escolhido como primeiro-ministro. Se continuássemos a analisar a situação, poderíamos prosseguir indefinidamente e encontrar mais razões por que um foi escolhido e o outro não. E haveríamos de concluir que as coisas aconteceram do jeito que sucederam, em função da ocorrência de outras coisas que as levaram a acontecer. Assim, se alguém é favorecido ou negligenciado, empregue ou demitido, não é uma função do seu esforço nem mesmo do esforço de outra pessoa, mas porque muitos fatores se agrupam de forma que os eventos não pudessem suceder de outra forma.

## **67 – Serão a ida e a morte uma questão de esforço ou de destino?**

Teng-Hsi era um oficial proeminente no estado de Cheng, que se deliciava ao repreender terceiros e em ser defensor do diabo. Gostava de fazer declarações ambíguas que provocassem conflitos e contenção entre os administradores do governo.

Tzu-Ch'an era um ministro que governava Cheng com punho de ferro. Preocupado com o aumento das atividades criminosas no estado, Tzu-Ch'an adotou um código de regulamentos que exigia uma aplicação mais rigorosa da lei e da ordem. Administradores e cidadãos todos aprovaram essa nova legislação, exceto Teng-Hsi, que criticou Tzu-Ch'an e o seu novo código de lei. Isso deixou Tzu-Ch'an extremamente irritado. Não só Teng-Hsi o criticava, mas, como de costume, as afirmações de Teng-Hsi

provocaram argumentos e conflitos aos níveis superiores do governo. Logo, os funcionários do governo ficaram divididos em dois campos: aqueles que apoiavam Tzu-Ch'an e aqueles que concordavam com Teng-Hsi.

Um dia, sem aviso prévio, Tzu-Ch'an fez com que Teng-Hsi fosse preso e executado.

Teria precisado Tzu-Ch'an de executar Teng-Hsi? Teria Teng-Hsi cometido um crime severo por que merecesse ser executado? Sob aquelas circunstâncias, Tzu-Ch'an não teve outra escolha por saber a quão perigosa era uma influência perturbadora para um país que sempre fora ameaçado pela invasão e atormentado pela desordem interna. Por outro lado, conhecedor da resoluta regra de ferro de Tzu-Ch'an, por que fez Teng-Hsi de defensor do diabo e atraiu problemas a si mesmo? Também podemos dizer que Teng-Hsi não teve escolha por lhe ser natural criticar tudo e mais alguma coisa. Assim, não foi Tzu-Ch'an quem matou Teng-Hsi, nem Teng-Hsi quem trouxe a morte sobre si próprio. As coisas não poderiam ter acontecido de outra forma, dadas as circunstâncias e as disposições naturais em que os dois homens se encontravam.

Na ordem natural das coisas, a vida e a morte não são algo que possamos controlar. É uma bênção poder viver e morrer no momento certo. Viver quando não é apropriado viver e morrer quando não é hora de morrer é castigo. Da mesma forma, não poder viver quando se deve viver e não poder morrer quando se deveria morrer é sofrimento. Mas, se vivemos e morremos no momento certo, não é algo que possamos controlar. Em vez disso, é algo que acontece no contexto e em consequência de muitos outros eventos.

Os antigos dizem que as maneiras pelas quais as coisas acontecem são ilimitadas e incognoscíveis. Seguindo as leis da transformação no Céu e na Terra, ilimitadas e incessantes, os ciclos de mudança ocorrem por si só. O céu e a terra e todas as coisas não podem ir contra essa ordem natural. A sabedoria dos sábios não pode modificá-la e os demônios não podem escapar-lhe. Todas as coisas vêm e vão sem a necessidade de um criador nem de um causador que faça com que aconteçam. Silenciosamente, a sua presença é reconhecida, harmoniosamente a sua existência é aceita e, pacificamente a sua partida é reconhecida.

## 68 – Um médico medíocre, um bom médico e um médico com engenho

O amigo de Yang-Chu ficou doente. Os filhos do homem aconselharam o pai a chamar um médico, mas o amigo de Yang-Chu recusou. Após dez dias, a doença passou de mal a pior. Os filhos sentaram-se à cabeceira da cama do pai e choraram amargamente.

Um dia, Yang-Chu foi visitar o amigo. Encontrando toda a casa de luto, disse: “Que choro todo é este?” O amigo suspirou e respondeu: “Os meus filhos são tão estúpidos! Por que não canta uma música que os desperte?” Assim, Yang-Chu cantou:

“Se o céu não o sabe, como poderão mortais saber?

Se o céu não nos abençoar, chorar não vai ajudar.

Se todos chorarmos juntos,

Irá isso prolongar a vida e afugentar a morte?

Nem mesmo os médicos e xamãs operam milagres.”

Mesmo depois de Yang-Chu ter terminado a sua canção, os filhos ainda não conseguiam entender, pelo que foram e convidaram três médicos para ir examinar o seu pai.

O primeiro médico olhou para o doente e disse: “Você encontra-se doente pelo motivo de seu Yin e Yang encontrarem-se em desequilíbrio no seu corpo. Enfraqueceu o corpo ao deixar de comer e dormir adequadamente, praticar muito sexo, e preocupar-se com muitas coisas. Dado um repouso e cuidados suficientes você deve poder recuperar.”

O amigo de Yang-Chu disse: “Este é um médico de capacidade média. Diga-lhe para sair de imediato.”

O segundo médico examinou o doente e fez o seu prognóstico. “A sua doença é resultado de uma constituição fraca devida a uma nutrição insuficiente no ventre de sua mãe. Embora tivesse leite suficiente para o nutrir, depois que nasceu, os estragos estavam feitos. A sua doença não aconteceu da noite para o dia. É algo que se desenvolveu ao longo de um longo período de tempo. Não há muito que possa ser feito em relação a ela, agora.”

O amigo de Yang-Chu disse: “Este é um bom médico. Leve-o a jantar.”

O terceiro médico nem sequer examinou o amigo de Yang-Chu. Ele simplesmente disse: “A sua doença não é causada pelo Céu ou pelo homem, nem pelos espíritos malignos. Cada um é dotado de vida ao nascer e esse curso de vida não é algo que se possa controlar ou dirigir. Dada a forma em que as coisas resultaram, nem mesmo o melhor dos remédios poderá ajudá-lo.”

O amigo de Yang-Chu foi muito satisfeito com esse médico, e disse: “Dê-lhe um rico presente. Ele é um médico genial!”

Logo depois, o amigo de Yang-Chu recuperou sem qualquer tratamento.

Às vezes, se valorizarmos demais a vida, não poderemos preservá-la. Se nos apegarmos exageradamente à saúde, ficaremos doentes. No entanto, se não cuidarmos de nós próprios em tudo, perderemos a saúde e a vida. Vida e morte, saúde e doença, benefício e prejuízo vêm por si só. Deixem que as coisas corram de acordo com o seu curso natural. Não tentem fazer com que as coisas aconteçam e nem tentem impedir que aconteçam.

## **69 – O natural fluir dos eventos**

Yii Hsiung, mestre do rei Wen disse-lhe: "No mundo natural, as coisas que são dotadas de dons do céu não são necessariamente mais aptas do que as que não são favorecidas. Da mesma forma, pessoas inteligentes não são necessariamente mais afortunadas do que as pessoas que não são inteligentes. Portanto, por que tentar estimar as vossas possibilidades de sucesso com base em vossas habilidades e talentos?"

Uma vez, Lao-Tzu disse ao seu discípulo Wen Tzu: "Não podemos dizer que uma pessoa que não é dotada seja detestada pelo Céu. Por outro lado, quem conhecerá a vontade do Céu? Talvez, ao deixar de lhe fazer chegar bênçãos, o Céu a esteja a ajudar.”

Em outra ocasião Yung-Pu descobriu que havia certas coisas que ele não conseguia entender. Assim, perguntou a Yang-Chou, seu irmão mais velho: "Suponha que haja dois homens de igual idade, inteligência e maneiras, aparência e que ainda falem do mesmo jeito. Só que um é rico e o outro é pobre; um deles goza de uma vida longa e saudável e o outro morre jovem; um é respeitado por todos e o outro é desprezado. Poder-me-ás dizer por que um é favorecido e o outro não, embora ambos sejam dotados dos mesmos dons ao nascer?"

Yang-Chu disse: "Os antigos têm muito a dizer acerca destas coisas. Deixe que estes expliquem e talvez depois de teres considerado a sua sabedoria, não se sintas assim tão confuso."

"Que duas pessoas com dotes similares ao nascer acabem com vidas muito diferentes é uma questão do desenrolar natural dos eventos a que se chama destino. Olha o mundo confuso, vê as multidões de pessoas que se esforçam por conquistar, e perceberás que não são nem felizes nem satisfeitas. Também precisarás fazer isso, por todos os outros o estarem a fazer? Se não te quiseres forçar, se não aceites as normas sociais do sucesso e da realização, quem poderá deter-te? Do nascer ao pôr-do-sol, as pessoas andam na correria, frenéticas. Será que isso garante que estejam mais abastados do que tu se tu não fizeres o mesmo? O que te acontecer não é determinado pelo esforço, nem mesmo por nenhuma habilidade inata."

Vendo que o irmão ainda estava confuso, Yang-Chu continuou: "Se tu aceites a ordem natural das coisas, não te preocuparás com a possibilidade da tua vida ser longa ou curta. Se tu entenderes as leis do céu e da terra, não te preocuparás com as concepções de "certo ou errado." Se tu confiares em ti próprio, não importa que as condições sejam seguras ou perigosas. Se fores fiel a si próprio, não serás incomodado com as coisas que acontecem ao teu redor. Ganho ou perda, louvor ou culpa, aprovação ou reprovação, felicidade ou tristeza, raiva ou satisfação não te poderão podem afetar."

"O Imperador Amarelo disse certa vez que as pessoas iluminadas não questionam a razão por que vivem nem o que estão a fazer. Elas não são afetadas pelas ações e opiniões dos outros. Não vão contra a natureza natural das coisas e não fazem coisas que se oponham aos seus princípios. Aceitando o desenrolar natural dos eventos, elas podem ir onde quiserem e fazer o que precisar ser feito. Os pensamentos e as ações dos outros não terão qualquer efeito sobre elas."

À semelhança do irmão de Yang-Chu, muitas vezes questionamo-nos por que as coisas acontecem da maneira que acontecem. E quando vemos as coisas acontecerem de modo contrário às expectativas que temos, ficamos frustrados ou desapontados. Na nossa ideia, duas pessoas com a mesma inteligência e aparência deverão conseguir realizações semelhantes quanto à carreira e à posição social. E se não conseguirmos o sucesso, onde outros com as mesmas habilidades conseguem, será conveniente arranjar uma desculpa para ficar deprimidos e pensar que somos tratados de forma injusta. No entanto, se pudermos libertar-se desse modo de pensar e reconhecer que existem algumas coisas que

simplesmente não podemos controlar, então enfrentaremos menos decepção, frustração, raiva e insatisfação em nossas vidas.

## **70 – Não podemos conhecer as pessoas diferentes de nós**

Havia quatro pessoas que partilhavam da mesma casa. Comiam juntas, faziam o trabalho doméstico juntas e até se distraíam juntas, porém, cada uma tinha uma personalidade muito diferente. Uma delas era estudiosa e séria, outra era imprudente, outra ainda era despreocupada e, por fim, a outra era exaltada. Embora tenham passado muito tempo juntas, elas faziam as coisas ao seu jeito e não se entendiam, pois cada uma afirmava ser mais inteligente que as demais.

Havia um outro grupo de quatro pessoas que também viviam juntas e faziam muitas coisas juntas. Elas também eram muito diferentes nas suas disposições. Um deles era loquaz e de conversa fácil, outra era franca e honesta, outra era teimosa e rígida, e a quarta era complacente e dada a ceder. Embora tenham vivido juntas por muito tempo, todas faziam as coisas do seu jeito e nunca se preocupavam por saber o que as outras faziam, pois cada uma delas afirmava ser mais habilidosa do que as demais.

Um outro grupo de quatro pessoas dividiam a casa e passavam muito tempo juntas. Também elas diferiam muito umas das outras. Uma delas era esperta, outra era orgulhosa, outra ainda ficava em silêncio e a última era argumentativa. Elas também se metiam nos seus afazeres e nunca ouviam as outras, pois todas acreditavam ser mais talentosas que os outros.

Quatro outras pessoas viviam juntas. Uma delas era ordinária, outra era instável, outra era ousada e a quarta era tímida. Elas também faziam as coisas ao seu jeito e não queriam aprender umas com as outras. No fim das suas vidas, elas nunca se entenderam e todas se julgavam mais virtuosas do que as outras.

Havia um outro grupo de quatro pessoas com características diferentes que viveram na mesma casa por muito tempo. Uma delas era extrovertida e sociável, outra era confiante, outra era autoritária e a quarta era solitária. Apesar do tempo que passaram juntas, elas nunca chegaram a conhecer-se, pois cada uma afirmava conhecer a melhor maneira de tirar proveito das oportunidades.



Todas essas pessoas tinham disposições diferentes. À primeira vista, poderá parecer que eram todas esnobes por não desejarem entender as outras pessoas que tinham uma atitude diferente. Mas, por outro lado, se tivessem tentado, tê-lo-iam conseguido? Ou teriam reconhecido mutuamente as diferenças de maneira educada, fingido que se entendiam, e depois voltado a fazer as coisas à sua própria maneira?

Cada indivíduo é diferente e cada um segue o seu próprio caminho na vida. Por que não ser honesto e aceitar as nossas diferenças? Por que fingir que entendemos quando não o fazemos? É uma ocasião rara dois indivíduos poderem comunicar-se diretamente de mente e coração, como Po Ya o tocador de alaúde e o seu amigo Chung-Tzu-Chi, ou o mestre arqueiro Fei Wei e o seu aluno Chi-Ch'ang, e os amigos Kuan-Chung e Pao-Shuia.

## **71 – Sucesso e fracasso**

Aqueles que são bem-sucedidos muitas vezes não sabem de antemão que virão a ter sucesso. Aqueles que falham, muitas vezes, não sabem de antemão que virão a falhar. Por isso, por que desperdiçar tempo e esforço na antecipação do sucesso ou do fracasso quando isso só causará ansiedade e apreensão?

Se entendermos a natureza do sucesso e do fracasso, não ficaremos tristes se as coisas derem errado nem nos excederemos na alegria quando as coisas correm de feição. Não perturbados pelas oscilações emocionais, poderemos lidar de forma calma e composta com tudo o que vier ao nosso encontro.

Muitas coisas sucedem sem a nossa intervenção activa. Quando o impulso dos eventos é demasiado forte, a melhor coisa que podemos fazer é sair do caminho e não ser varridos por ele. Assim, conhecedores do papel que o destino tem no sucesso e no fracasso, os sábios sabem quando agir e quando deter-se.

Alguém que aceite o fluxo natural de eventos não será incitado pelo que estiver a ocorrer ao seu redor. Não responderá com raiva nem alegria, atração nem repulsa, medo nem tranquilidade. Por outro lado, alguém que rejeite o fluxo natural dos eventos sempre se preocupará com o sucesso e o fracasso, o ganho e a perda, a aprovação ou a rejeição. Mesmo que vende os olhos ou coloque cera nos ouvidos, ainda sentirá tensão e ansiedade.

A vida e a morte são eventos naturais. As riquezas e a pobreza são o produto dos tempos. Só nos preocupamos se as nossas vidas virão a ser longas ou curtas, ou se seremos ricos ou pobres quando não entendemos que os acontecimentos vêm e vão por si sós e que a preocupação não os pode mudar.

Somente aqueles que aceitam o fluxo natural dos acontecimentos não ficarão preocupados com a vida e a morte nem ansiosos com o louvor ou a culpa. As pessoas inteligentes muitas vezes querem calcular a probabilidade de sucesso e de fracasso antes de tomarem medidas. No entanto, as hipóteses que têm de sucesso geralmente não são muito diferentes das pessoas que não pensam em tais hipóteses. Portanto, as probabilidades, a possibilidade e momentos oportunos são dependentes de outros eventos e das hipóteses de que ocorram, e assim por diante, numa cadeia interminável de causas e efeitos. Independentemente das previsões que fizermos, as tudo terminará do jeito que deve ser. Portanto, por que tentar prever e ficar a preocupar-se com a precisão das nossas previsões?

Quando não antecipamos o sucesso e o fracasso, estaremos preparados para aceitar qualquer resultado. Não ficaremos extremamente radiantes se as coisas acabarem do jeito que quisermos, mas também não ficaremos a sentir-nos infelizes se as coisas correrem mal.

## **72 – O rei que era ávido em relação à vida e receava a morte**

O rei Ching de Ch'i andava a fazer turismo pelos Montes Ox. Com ele andavam os seus ministros e assistentes. Olhando para baixo da colina, o rei viu o seu país diante de si - a ampla extensão de campos férteis, as colinas de verde e amarelo, e os rios lentos e sinuosos. De repente, ele foi invadido pela tristeza e pela melancolia e suspirou: "Que bela terra! Que pena que eu tenha que morrer um dia e deixar tudo isto! Se a morte não existisse, então eu deveria ficar com estes montes e rios para sempre!" Quando terminou de falar, as lágrimas escorriam-lhe pela face.

Dois oficiais que assistiam ao rei também começaram a chorar, e disseram ao seu mestre: "Meu senhor, mesmo nós, que apenas comemos arroz inferior e carne dura e viajamos em carruagens antigas, não queremos abandonar aquilo que temos. Quanto mais difícil não será para alguém como o senhor separar-se da sua fortuna!"

Como todos estavam a ficar cada vez mais deprimidos, o ministro principal, Yen-Tzu, ria discretamente consigo próprio. O rei dirigiu-se para o seu conselheiro e disse: "Quando vi a beleza da terra diante de mim e percebi que eu tinha que me separar dela um dia, fiquei cheio de tristeza e chorei. Todos os meus subordinados partilharam do meu sentimento e choraram comigo exceto tu. Por que estás a rir?"

Yen-Tzu disse: "Se todos vivessem para sempre, então os antigos reis ainda estariam por perto, e eles estariam a ocupar os seus tronos. Você, meu amo, não passaria de um cidadão vulgar que araria o campo e se preocuparia se teria o suficiente para comer. Dado isso, você provavelmente queria morrer e não viver para sempre. Hoje você é rei de um país próspero, e ainda assim chora como um covarde que tem medo de morrer. Diante da visão de um idiota exortado por outros tolos, não posso deixar de me rir da loucura coletiva que isso representa!"

Quando o rei ouviu aquilo, ficou envergonhado. Pediu desculpas pelo comportamento que tinha adoptado e pela incapacidade de ser um exemplo para os seus subordinados.

Quando somos ricos, famosos e poderosos, não queremos morrer. Por outro lado, se formos miseráveis e sofredores, queremos morrer e abandonar tudo. Mas poderão a alegria ou a miséria durar para sempre? Há um ditado que diz: "Todas as celebrações devem terminar em qualquer altura." Todo desejo de viver para sempre ou de morrer imediatamente não passa muita vez de um capricho do momento. Como saberemos se, embora estejamos felizes neste instante, não viremos porventura a estar tristes no dia seguinte, ou se estivermos tristes agora, virmos a sentir-nos felizes em breve? Dado que o bem e o mal, a fortuna e o infortúnio sobrevêm por si só, não devíamos apegar-nos à vida nem abraçar a morte. Por que ser ávido em relação à vida e rezear a morte?

### **73 – A morte não é uma perda**

Houve um homem cujo único filho morreu vitimado por uma doença repentina. Ele não lamentou a perda do filho, nem ficou triste com o sucedido. Os amigos ficaram curiosos em relação ao comportamento dele, de modo que lhe perguntaram: "O seu filho único está morto. Você deve sentir-se com o coração destruído. Por que age como se nada tivesse acontecido?"

O homem respondeu: "Antes que meu filho chegasse, eu não tinha qualquer filho. Eu certamente não estava com o coração destroçado e partido nessa época. Agora eu não tenho qualquer filho de novo. Por que deveria eu estar com coração destroçado agora?"

# LIVRO SÉTIMO

## YANG-CHU

### **Introdução**

Como não temos controle sobre a vida e a morte, devemos aproveitar o nosso tempo na Terra. Por que curvar-nos às convenções sociais, por que fazer parte da luta pela riqueza material quando um dia morreremos, nos separaremos de tudo o que temos e seremos esquecidos? Esta é a essência da doutrina de Yang-Chu, à semelhança da de Aristipo de Cirene com o seu hedonismo e Epicuro e o seu epicurismo.

Para Yang-Chu, tudo é substituível e, por conseguinte, dispensável; exceto o corpo. Assim, adverte ele que o corpo deve ser preservado a todo custo. Mesmo se alguém pudesse ganhar um reino e perder um cabelo, não valeria a pena. Se um reino não vale um fio de cabelo, então a fama e a fortuna não valem a perda da saúde física e do bem-estar mental.

Nomes, títulos, posição social e reputação são todos vazios e sem sentido. Não devemos sacrificar o nosso precioso tempo na Terra com conquistas tão vazias. No entanto, Yang-Chu não promove o ascetismo. Para ele, não há nada de errado em gozar de abundância e de conforto. Nós só nos destruimos quando escalamos a escada social às custas da felicidade.

### **74 – Um nome não representa nada e os títulos são destituídos de sentido**

Yang-Chu viajava pelo reino de Lu e foi hospedar-se na casa de seu amigo Meng. Um dia, Meng perguntou a Yang-Chu: "Por que as pessoas não se satisfazem com aquele que são? Por que buscam elas o reconhecimento social?"

Yang-Chu disse com naturalidade: "O reconhecimento social pode ajudá-las a enriquecer."

"Mas, e por que é que mesmo depois de enriquecerem, ainda não se sentem satisfeitas?"

"Depois de conquistar a riqueza, você quererá o poder político."

"Mas quando elas obtêm poder político, eles ainda não se sentem satisfeitos."

"Então, querem ter certeza de que as coisas estarão em ordem quando morrerem."

"Ao morrerem, abandonaremos tudo. Qual o uso do planejamento para as coisas que vierem a suceder subsequentemente?"

"Elas preocupam-se com o futuro dos seus netos."

"Como um nome e um título poderão afetar o bem-estar dos seus descendentes?"

Yang-Chu explicou: "As pessoas pensam que se deixarem uma boa reputação, então os seus descendentes serão respeitados. No entanto, na maioria das vezes, as pessoas que deixam um bom nome são aquelas que se sentem cansadas de corpo e mente, mas viveram uma vida honesta. A honestidade e a riqueza não costumam andar lado a lado. Assim, o homem honesto que é socialmente reconhecido como uma pessoa virtuosa é muitas vezes pobre. Da mesma forma, uma pessoa humilde pode conquistar o respeito na sua comunidade, mas não será elevada a uma posição nem ao poder político."

"Assim, confrontamo-nos aqui com um paradoxo. Honestidade e humildade não lhes darão poder nem posição, embora possa trazer-lhes reputação. Por outro lado, para ser rico e poderoso, muitas vezes precisam sacrificar honestidade e humildade e talvez perder a vossa reputação de pessoas virtuosas. Muitas pessoas passam as suas vidas presas nesse dilema."

Meng pensou que tinha entendido Yang-Chu, pelo que disse: "Eu acho que entendo o que quer dizer. Olhe para Kuan-Chung, quando ele era primeiro-ministro de Ch'i, ele era devasso quando o rei se mostrava devasso e extravagante quando o rei se mostrava extravagante. O ministro e o seu amo eram afins de mente e coração. Assim, Kuan-Chung deu-se muito bem com o rei e tornou-se o segundo homem mais poderoso do país. Mas hoje, os seus descendentes não são mais respeitados que o cidadão comum. Por outro lado, outro ministro chamado Tien-Heng era humilde quando o seu rei se mostrava arrogante, generoso quando o rei se mostrava ganancioso. Ministro e amo nunca se deram bem, mas a sua popularidade conquistou o coração das pessoas e elas tornaram-no rei. Agora, os seus descendentes desfrutam da prosperidade do reino dos Ch'i."

"Portanto, o homem que agora tem poder pode não deixar um bom nome para trás, mas o homem que agora possa ser pobre pode acabar deixando uma boa reputação mais tarde".

Yang-Chu disse: "Não chegou ao que eu queria dizer. Não é que por serem humildes e pobres agora venham a obter o reconhecimento mais tarde, nem que por serem poderosos agora venham a deixar um nome ruim. As pessoas pensam que, ou conquistam já o poder e o reconhecimento social e abrem mão de um bom nome para sempre, ou sofrerão e se sacrificarão agora e receberão um bom nome mais tarde. Eu digo que nada disso vale a pena. Os antigos diziam que um nome não significa nada e que os títulos são vazios. Você acha que os imperadores Yao e Shun abdicaram por serem virtuosos? A sua reputação realmente sofreu um incremento depois que eles perderam a realeza. Se não houvesse nada a ganhar, eu aposto que nenhum deles teria abdicado. Agora, acha que ter uma boa reputação ou um bom nome na história tenha que ver com ser virtuoso? Não só não vale a pena perseguir uma reputação, como realmente não faz sentido."

"Observe os eremitas Po-Yi e Shu-Chi. Eles se recusaram a servir um senhor inimigo e morreram de fome nas montanhas. Ambos se tornaram heróis e foram considerados homens de integridade e de virtude. No entanto, eles perderam as suas vidas e as suas terras, e os seus descendentes foram destituídos. Nesse caso, a reputação desses dois homens nada fez para ajudar filhos e netos."

Se quiser conquistar um nome e um título, precisa sacrificar a sua integridade e humildade. Se você quiser ser sincero e honesto, você não receberá muito reconhecimento social. Às vezes, ter um nome acarreta ansiedades e encargos de responsabilidade. Assim, as pessoas que têm poder e posição social muitas vezes não são livres para fazer o que querem. Por todos os observarem, devem eles se comportarem da maneira que se esperado diante sua reputação. Basta um erro para que percam a reputação de que gozam, duramente merecida. Elas não são propriamente as mais felizes das pessoas.

Por outro lado, alguém sem posição social e sem reputação para defender pode ser uma pessoa mais livre e feliz. Porquê, pois, trabalhar tão duro para merecer o reconhecimento social quando só diminuirão a vossa liberdade e felicidade?

## **75 – Vida e morte**

Yang-Chu disse: "Se você viver até os cem anos, será considerado que viveu uma vida longa. No entanto, apenas uma em cada mil pessoas é sortuda assim. Mas se pegarmos numa pessoa que tenha vivido cem anos e olharmos o tempo que tenha gasto

na sua vida, perceberemos que cem anos não é uma vida longa. Desses anos, a infância e a velhice levam pelo menos metade do tempo. Além disso, metade do dia ela passa-o a dormir. Sem mencionar as horas durante o dia que passa na ociosidade. O que deixará isso? Além disso, se reduzirmos os momentos em que ela fica doente, triste, confusa, a sofrer e em que não se sente bem, não terá muito tempo para que possa desfrutar ou ser livre.”

"Algumas pessoas pensam que podem encontrar satisfação na boa comida, nas roupas finas, na música animada e no prazer sexual. No entanto, quando conseguem todas essas coisas, ainda assim não ficam satisfeitas. Percebem que a felicidade não está simplesmente em terem as suas necessidades materiais atendidas. Assim, a sociedade criou um sistema de recompensas que vai além dos bens materiais, que inclui títulos, reconhecimento social, posição e poder político, tudo embrulhado por um pacote chamado realização pessoal. Atraídos por esses prêmios e estimulados pela pressão social, as pessoas passam as suas curtas vidas a cansar corpo e mente na perseguição desses objetivos. Talvez isso lhes dê a sensação de terem conseguido algo nas suas vidas, mas, na realidade, eles terão sacrificado muito na vida. Elas não conseguem mais ver, ouvir, agir, sentir ou pensar com base nos seus corações. Tudo o que elas fazem é ditado pelo que lhes possam angariar ganhos sociais. No final, eles terão passado as suas vidas a seguir as demandas dos outros e nunca terão vivido uma vida própria. Que diferença fará isso da vida de um escravo ou de um prisioneiro?"

"Os antigos entenderam que a vida não passa de uma estadia temporária neste mundo, e a morte é uma partida temporária. No curto espaço de tempo que permanecemos aqui, devemos dar atenção às nossas próprias vozes e seguir os nossos próprios corações. Por que não ser livre e viver a sua própria vida? Por que seguir as regras de outras pessoas e viver para agradar aos outros? Quando algo agradável vem a vós, vocês deviam apreciá-lo por completo. Não se deixem aprisionar pelo nome nem pelo título, pois as convenções sociais podem levá-los para longe da ordem natural das coisas. Não importa que venham a ser lembrados pelas gerações futuras, porque vocês não irão estar lá para o ver.”

"Por que gastar a vossa vida a deixar que os outros os manipulem apenas para obter um nome e reputação? Por que não deixar que a vossa vida seja guiada pelo vosso próprio coração e viver sem os fardos da fama e do reconhecimento?"



## **76 – Na vida pode haver diferenças; na morte, tudo é o mesmo**

É na vida que as coisas do mundo se diferem, mas na morte elas serão iguais. Algumas pessoas nascem em famílias ricas; outras nascem pobres. Alguns nascem inteligentes; outros nascem estúpidos. Alguns nascem na nobreza; outros nascem como cidadãos comuns. Enquanto vivem, serão diferentes. Ao morrer, no entanto, serão todos se reduzidos a uma pilha de ossos e de carne em decomposição.

Viver ou morrer, ser inteligentes ou estúpidos, não é algo que possamos controlar. Não podemos escolher nascer, nem poderemos escolher não apodrecer quando morrermos. Nós não somos responsáveis pela nossa inteligência ou estupidez, nem temos qualquer voz no tipo de ambiente em que nascemos. Tudo isso vem por si só e é uma questão de destino. Assim, na vida, somos diferentes por causa dos diferentes destinos que temos.

Há, no entanto, uma coisa que todos temos em comum: a morte. Alguns poderão viver até os cem anos; outros poderão morrer após dez anos de vida. Mas, independentemente de quanto tempo vivermos, iremos morrer. As pessoas virtuosas morrem; os criminosos morrem. Quando vivos, os virtuosos podem ser respeitados, mas na morte não passarão de uma pilha de ossos secos. Da mesma forma, os ímpios podem ser abominados em vida, mas na morte também não passarão de uma pilha de ossos. As pessoas famosas após a morte também serão uma pilha de ossos; os desconhecidos serão outra pilha de ossos após a morte. As diferenças são vistas ou lembradas no máximo durante cem anos, mas depois disso, uma pilha de ossos é exatamente igual à outra.

Dada a curta e transitória natureza da vida, devemos aproveitá-la melhor. Aproveitá-la enquanto podemos. Por que preocupar-se se iremos deixar um bom nome quando tudo o que restará de vós será uma pilha de ossos?

## **77 – As riquezas podem prejudicá-los, mas a pobreza também**

Certa vez Yang-Chu disse: “Yuan-Hsian cresceu e viveu pobre no estado de Lu, acabou por morrer de fome. Tzu-Kung cresceu e viveu rico no estado Wei, prejudicou o corpo e fatigou a mente por se forçar demasiadamente na tentativa de tornar-se ainda mais rico.”

“Assim, as riquezas podem prejudicá-los, mas a pobreza também pode. Qual será, pois, a melhor maneira de viver?”

“Uma vida boa é uma vida satisfeita com suficiência de meios e prazer adequado. Se forem muito ricos, ficarão sobrecarregados com a riqueza, porque com a riqueza vêm as complexidades da gestão, e da administração vem a ansiedade de ganho e perda. Por outro lado, se forem muito pobres, não terão o suficiente para comer, não terão roupas que os aqueçam, nem lazer. Assim, labutarão se forem muito ricos e labutarão também se forem muito pobres. Esses são dois extremos que devemos evitar.”

## **78 – Cuidar de si próprio**

Yen-Tzu perguntou a Kuan-Chung o que os antigos queriam dizer com "cultivar a vida."

Kuan-Chung respondeu: "Cultivar a vida é cuidar de si mesmo. Significa viver livremente e não colocar restrições em si próprio."

"Pode explicar melhor isso?"

"Permita que os seus olhos vejam o que veem, não o que os outros querem que veja. Permita que seus ouvidos ouçam o que naturalmente ouvem, e não o que os outros querem que ouça. Permita que a sua boca diga o que pensa livremente e não se restrinja com a aprovação ou reprovação dos outros. Permita que a sua mente pense o que quer pensar e não deixe que as exigências dos outros lhe ditem as ideias. Se os vossos sentidos e a vossa mente não estiverem autorizados a fazer o que querem de forma natural, estarão a negar os vossos direitos. Quando não conseguem pensar, perceber, sentir ou agir livremente, o vosso corpo e mente serão prejudicados. Rompam com essas formas de opressão, cultivarão a vida. Quando puderem cultivar a vida, então poderão aguardar pacificamente a morte. Ser capaz de escapar dessas formas de opressão por um dia é melhor do que viver cem anos preso a eles."

A seguir Kuan-Chung disse a Yen-Tzu: "Agora que eu falei sobre o cultivo da vida, o que poderá dizer-me sobre o cuidar da morte?"

Yen-tzu disse: "No que me diz respeito, cuidar da morte não é algo que exija muito. A morte vem no momento que deve vir."

Kuan-Chung apertou-o mais e Yen-Tzu disse: "Quando eu estiver morto, não terei noção de nada. Por isso, na verdade não importa que me jogue no mar, ou que me deixe ao ar livre, que me arraste por uma vala ou que me enterre numa sepultura. Não saberei se me terei me vestido com roupas caras de enterro ou embalado em sacos de serapilheira. Por que preocupar-se com o que acontece depois que morremos?"

Kuan-Chung voltou-se para o seu amigo Pao-Shuia e disse: "Entre Yen-Tzu e eu, nós dissemos tudo o que há a dizer sobre o modo de viver e a maneira de morrer."

Enquanto vivem, contentem-se e conheçam o suficiente. Quando morrerem, não haverá necessidade de cofres caros nem de funerais elaborados. Assim, vivam uma vida de satisfação e tenham uma morte simples.

## **79 – Um louco ou um homem iluminado?**

Tuan-Mu Shu era um homem extremamente rico e o descendente de Tzu-Kung, que foi um discípulo de Confúcio e um empreendedor de sucesso. Tuan-Mu Shu herdou uma grande fortuna dos antepassados e não estava interessado em trabalhar. Ele gostava da boa vida e seguia onde a sua fantasia o conduzisse.

Ele mandou construir uma grande mansão com os melhores materiais e decorada pelos artesãos mais habilidosos. Comia dos melhores alimentos e vestia roupas da mais alta qualidade. Viajava em carruagens confortáveis e sempre era acompanhado por belas cortesãs.

Tuan-Mu Shu perseguia tudo quanto lhe excitasse seus sentidos, despertasse a curiosidade e estimulasse a mente. Colecionava artefatos raros e tesouros de países estrangeiros. Viajava para lugares exóticos e era entretido pelos melhores músicos e dançarinos da época. Não negava nada a si próprio. Era rico e extravagante e era invejado por reis e nobres.

Ao contrário da maioria das pessoas ricas, no entanto, Tuan-Mu Shu nunca foi avarento com o seu dinheiro. Ele era generoso e gastava livremente com os demais, bem como consigo próprio. Ele dava grandes festas regularmente e convidava centenas de pessoas para desfrutar da melhor comida e do melhor entretenimento. Ele também compartilhava a sua riqueza com parentes, amigos, vizinhos e até pessoas que não

conhecia. A sua generosidade era tão grande que na cidade onde morava nem nas aldeias vizinhas não havia uma pessoa carente.

Quando Tuan-Mu Shu chegou aos sessenta anos e a sua saúde começou a falhar, ele distribuiu todas as suas posses, não deixando nada para os filhos e netos. Dentro de um ano, o homem rico tornou-se pobre e quando adoecia nem se podia dar ao luxo de chamar um médico. Quando morreu, os filhos não tiveram dinheiro para o enterrar. Felizmente, para os seus descendentes, as pessoas que tinham beneficiado da generosidade de Tuan-Mu Shu recolheram fundos e deram-lhe um enterro digno e devolveram alguma riqueza à família.

Quando um erudito proeminente ouviu falar sobre isso, disse: "Tuan-Mu Shu foi um louco. Tzu-Kung teria dado voltas na sua tumba se soubesse disso."

Outro filósofo comentou: "Tuan-Mu Shu foi um homem iluminado. Ele até superou o seu antepassado Tzu-Kung."

Tuan-Mu Shu foi um louco ou um homem iluminado? Se o julgarmos pelas normas sociais, então parecerá que Tuan-Mu Shu tenha sido realmente um louco. Abandonou a família, não se preocupou com o bem-estar de seus descendentes, e desbaratou a sua riqueza. Mas, depois, Tuan-Mu Shu foi sincero em tudo o que ele fez. Não usou de pretensões, nem armou intrigas, e as suas ações foram feitas sem segundas intenções. Seguiu os ditames do coração e não se deixou restringir pelas convenções sociais. Divertiu-se livremente, doou livremente, e nunca fez nada que fosse contra a sua natureza.

## **80 – Que é que prejudica mais a saúde - o prazer irrestrito ou trabalho duro obsessivo?**

Tzu-Chan, primeiro ministro do reino de Cheng, teve dois irmãos. Enquanto empregava suas energias no fortalecimento do país e na redução do crime e da desordem, os dois irmãos entregaram-se a tudo o que lhe satisfazia os sentidos.

Um dos irmãos tinha uma taverna e um grande armazém na parte de trás de sua mansão, onde armazenava milhares de jarros de vinho. Sentia-se o cheiro de fermento a um quarteirão de distância. Bebia fortemente, e, quando ficava bêbado, se tornava inconsciente de tudo o que o rodeava. Não se importava se havia paz ou guerra nem que

a sua a casa fosse saqueada. Não conseguia reconhecer amigos e parentes, e perdia toda a preocupação com a vida ou a morte.

O outro irmão tinha uma dúzia de quartos na casa onde mantinha um grupo de jovens lindas. Muitas vezes ele visitava o seu harém e fazia amor a noite toda sem se sentir satisfeito quando a manhã chegava. Quando se sentia sexualmente excitado, passava meses com as mulheres e nem sequer se dava ao incômodo de sair ao encontro dos amigos e dos parentes ou de cuidar do negócio familiar. Quando se deleitava nos seus prazeres sexuais, ficava inconsciente do mundo exterior. Não importava se o país estivesse em guerra ou em paz ou que sua casa fosse vandalizada ou assaltada.

Tzu-Chan ficou muito preocupado com o estilo de vida dos seus irmãos. Assim, foi conversar com Teng-Hsi, um colega que era estadista que, embora por vezes fosse sarcástico e malvado, era conhecido pelas profundas observações que fazia e pela capacidade de resolução de problemas que demonstrava.

Tzu-Chan disse: "Estou preocupado com os meus dois irmãos. Diz-se que um homem não é digno de governar um estado se ele não conseguir ter ordem na sua família. Como podes ver, as novas leis e reformas estão a funcionar muito bem agora, mas os meus assuntos de família estão numa bagunça. Podes sugerir-me alguma coisa que faça com que meus dois irmãos irresponsáveis se comportem de maneira mais adequada?"

Teng-Hsi respondeu: "Eu também notei os comportamentos deles, e eu interroguei-me quando irias fazer alguma coisa em relação a isso. Eis o que eu sugiro. Encontra uma boa oportunidade para lhes falares sobre a necessidade de colocarem as suas vidas em ordem. Diz-lhes que o que estão a fazer é prejudicar a sua saúde. Talvez isso os convença a mudar os seus estilos de vida."

Um dia, Tzu-Chan encontrou os irmãos juntos. Aproveitando essa oportunidade falou-lhes sobre as suas vidas.

"O Céu talhou-nos acima dos animais com dignidade e inteligência. Por isso, é nosso dever viver de acordo com essas expectativas e comportar-nos de acordo com a posição que temos na sociedade. Se só viverem para satisfazer os sentidos, vocês não serão mais do que animais. Além disso, o vinho e o sexo podem prejudicar-lhes a saúde, e um dia vocês irão dar por vós fracos e gastos em razão dos prazeres. Deixem de se prejudicar, tornem-se cidadãos responsáveis e eu dar-lhes-ei uma posição no governo."

Os irmãos de Tzu-Chan disseram: "Nós sabemos que o vinho e o sexo prejudicam a saúde. Mas também sabemos que a vida é curta, e queremos aproveitar tudo o que pudermos agora. Tu, por outro lado, suprimes o que deseja fazer para manteres a tua posição e o teu poder. Tu afadigas-te de corpo e mente dia e noite. Isso não prejudicará a saúde, não te envelhecerá e não te fará ficar fraco e gasto? Sentes-te está orgulhoso de tuas conquistas e queres que nos conformemos às tuas crenças. Queres seduzir-nos com títulos e poder político, mas sabemos que essas coisas só trazem obrigações e problemas."

"Dizes que os nossos estilos de vida são embaraçosos e que nos queres reformar. Deixa que te digamos igualmente alguma coisa. Podes ser primeiro-ministro, e o país pode parecer que esteja em ordem. Mas olha bem para ti próprio. Está cansado e abatido. Tens danificado o teu corpo e a tua mente, com a ansiedade de manteres o país em ordem. Para manteres a tua reputação, prejudicaste o teu coração por meio da supressão das tuas inclinações naturais. Mantiveste a lei e a ordem, mas não conquistaste o coração das pessoas. As pessoas aceitam as tuas regras por te temerem, e não por te respeitarem. Nós, por outro lado, podemos ser selvagens e indisciplinados, mas somos fiéis a nós mesmos. Nós nunca desejamos obter respeito algum, nunca nos envolvemos na política suja nem prejudicamos outras pessoas com traição e intriga. Podes dizer isso de ti próprio? Se não puderes, então não somos nós quem deve acatar o teu conselho, mas tu quem debes acatar o nosso!"

Tzu-Chan não sabia o que dizer. Mais tarde, ele viu Teng-Hsi e contou-lhe todo o incidente. Teng-Hsi disse: "Tens vivido com homens esclarecidos e nem sequer sabias disso."

Conforme a história nos diz, Tzu-Chan teve que matar Teng-Hsi para silenciar as suas críticas destrutivas. Cheng tornou-se num estado poderoso por um tempo, mas depois da morte de Tzu-Chan enfraqueceu e acabou por ser conquistado por um vizinho mais poderoso. Ao próprio Tzu-Chan não foi dada uma imagem muito boa pelos historiadores posteriores, mas nada foi ouvido sobre os seus dois irmãos, pois eles não foram nem elogiados nem condenados pela história.

## **81 – Todos deverão morrer em qualquer altura**

Meng Sun-Yang perguntou a Yang-Chu: "Suponha um homem que valoriza sua vida e cuida de seu corpo, pode ele ter esperanças de viver para sempre?"

Yang-Chu respondeu: "Todos devem morrer em qualquer altura. Orar não ajudará."

"Que tal pedir por uma longa vida, então?"

"A vida e a morte seguem o seu próprio curso. Não é algo que possamos pedir, esperar ou controlar. Mesmo se tomemos todas as precauções necessárias para preservar a vida, não é garantido que a mantenhamos. Além disso, a alegria e a tristeza, o ganho e a perda, a guerra e a paz, o bom governo e o governo ruim repetem-se ao longo da história. Por que viver uma centena de anos para ver as mesmas coisas a ocorrer?"

"Se a vida é uma experiência tão ruim, por que não nos matar e acabar com a vida cedo?"

"Esse também não é o caminho a seguir. Quando se vive, deve-se aceitar a vida e deixá-la seguir o seu curso. Quando se morre, deve-se aceitar a morte e entrar nela de forma pacífica. A vida e a morte vêm por si mesmas. Devemos deixá-las seguir o seu curso e não tentar acelerá-las ou atrasá-las."

## **82 – Sacrificaria um fio de cabelo em benefício do mundo?**

Yang-Chu disse: "O sábio Po-Ch'eng Kao-Tzu não sacrificaria o seu corpo nem a sua mente em benefício do mundo, razão por que se tornou um eremita e viveu uma vida de paz e de satisfação. O rei Yu sacrificou tudo para ajudar o mundo, angariou o respeito de toda a gente, mas ficou paralisado para resto da vida. Os antigos diziam que se as pessoas não sacrificassem um único fio de cabelo para salvar o mundo, então o mundo seria um lugar muito menos complicado."

Alguém então perguntou a Yang-Chu: "Se arrancar um fio de cabelo do seu corpo pudesse ajudar o mundo, você faria isso?"

Yang-Chu disse: "O mundo não pode ser ajudado por nenhum pedaço do meu cabelo."

"Mas suponha que poderia. Você faria isso?"

Yang-Chu não respondeu.

Algum tempo depois, este inquiridor conheceu um dos amigos de Yang-Chu e levantou o assunto.

O amigo de Yang-Chu disse: "Você não entende a questão. Deixe que lhe pergunte o seguinte: Você cortaria um pedaço de carne do seu corpo se, ao fazê-lo, você obtivesse dez mil peças de ouro?"

"Eu acho que sim."

"Se, no entanto, pudesse ganhar um reino perdendo um braço, você faria isso?"

O inquiridor ficou em silêncio.

Então, o amigo de Yang-Chu disse: "Um fio de cabelo não é nada comparado a um pedaço de carne, e um pedaço de carne é insignificante em comparação com um membro. No entanto, muitos pedaços de cabelo compõem o seu couro cabeludo, e muitos pedaços de carne compõem um membro. Qual é o número de cabelos que considera suficientes para formar um couro cabeludo e quantos pedaços de carne é que considera suficientes para formar um braço? Cada parte do seu corpo é tão importante quanto qualquer outra. Por que pensar que algumas peças sejam dispensáveis?"

O inquiridor disse: "Eu não posso discutir isso consigo. Se levarmos o assunto a Lao-Tzu e a Wen-Tzu, eles provavelmente dirão que você está certo. No entanto, se levássemos o assunto a Mo-Tzu ou a Yu, concordariam comigo."

Não é que o Confucionista altruísta se sacrificasse para o maior benefício da humanidade enquanto o Taoísta egoísta não o fizesse. Yang-Chu é muitas vezes mal interpretado nesta questão. O que Yang-Chu está a dizer é que muitas vezes pensamos que podemos mudar o curso das coisas sacrificando uma coisa ou outra. Ao pensar que os nossos esforços possam fazer a diferença, podemos criar desordem em vez de ajudar. Se não estivéssemos tão ansiosos por sermos heróis e por nos sacrificarmos 'para melhorar as coisas', poderíamos deixar que seguissem o seu curso, e talvez houvesse menos problemas no mundo. “



### **83 – Governar um país é como cuidar de um rebanho de ovelhas**

Yang-Chu disse ao rei de Liang: "Governar um país é muito simples. É tão fácil como virar as coisas na palma da mão."

O rei disse: "Você não consegue nem gerir seus assuntos familiares ou limpar as ervas daninhas do seu jardim. Como pode aconselhar-me sobre o governo do meu país?"

Yang-Chu não se sentiu intimidado, e disse: "Você já viu um pastor a trabalhar? Ele consegue controlar várias centenas de ovelhas, todo o rebanho se move na direção na direção em que deseja. Por outro lado, se tentarmos conduzir cada ovelha isoladamente, não seremos capazes de mover o rebanho."

"Eu também ouvi dizer que os peixes que conseguem engolir um barco não nadam em rios pequenos, e que os pássaros que voam alto não pousam em pequenas lagoas. Porquê? É porque somente espaços abertos podem equiparar-se à estatura e ao poder desses animais. Da mesma forma, a música majestosa não é apropriada para pequenos eventos, nem uma faca pequena pode esfolar um animal grande. Assim, aqueles que se propuserem governar uma nação que não se preocupam com tarefas triviais, e aqueles que querem ser bem-sucedidos nos grandes empreendimentos que não desperdiçam o seu tempo com pequenas façanhas."

### **84 – As coisas não são tão permanentes quanto pensamos que sejam**

Yuang-Chu, certa vez, disse: "O que se sucedeu na antiguidade encontram-se agora esquecido. O que aconteceu há dez mil anos atrás são mais lendas do que fatos. Os eventos ocorridos há cinco mil anos são mais um sonho do que uma realidade. Ainda podemos manter uma lembrança do que aconteceu há mil anos, mas a maioria dos eventos está esquecida. Na verdade, constitui uma grande conquista recordar coisas que aconteceram há cem anos. Mesmo as testemunhas oculares têm dificuldade em recordar o que viram há cinquenta anos."

"Muito ocorreu entre os tempos antigos e o presente. Surgiram e desvaneceram-se sábios e tiranos. Pessoas inteligentes, tolas, gentis, cruéis, boas, maldosas, todas fizeram pequenas aparições pela história e depois desapareceram. Não sabemos quem foram nem o que fizeram, e muito menos a posição e o lugar que ocuparam na sociedade.

A vida é curta. Por que prejudicar-se para conseguir coisas como nome e reputação quando sabemos que dentro de cinquenta anos, não seremos diferentes de ninguém? Por que sacrificar a nossa felicidade e paz de espírito correndo atrás de algo tão efêmero e transitório?”

“De todas as criaturas, os seres humanos são considerados as mais inteligentes. No entanto, somos atormentados pela felicidade, pela raiva, pela tristeza e pelo medo. Nós não temos dentes afiados nem garras para caçar presas. Nós não temos pelos nem penas para nos manter aquecidos. Não conseguimos correr rápido para escapar aos predadores, e a nossa pele não é suficientemente resistente para nos proteger se formos atacados. Dependemos de outras fontes para obtermos abrigo, roupas, alimentos e armas. A nossa inteligência não nos torna privilegiados. Cada espécie é dotada de uma habilidade única. Nós temos inteligência, os pássaros têm penas e os peixes têm brânquias. Usar a inteligência para atender às nossas necessidades básicas e conforto é apropriado; usá-la para prejudicar os outros é ir contra a ordem natural das coisas. E a inteligência é transitória, à semelhança da pele, dos ossos e da carne, a inteligência desaparece quando morremos.”

“O tempo de que dispomos na Terra é curto. Não somos senhores das nossas vidas. Nós nascemos ao interagir das energias Yin e Yang interagem, e desaparecemos quando estas se separam. Assim, se quisermos dar-nos por vivos neste mundo, devemos deixar que esta vida siga o seu curso. Não devemos nos apegar a ela, mas também devemos desperdiçá-la. Que façamos o melhor uso do nosso tempo que pudermos, agora. Se este corpo de carne e sangue é impermanente, quanto mais não o serão as coisas não intangíveis como o nome, o título e a reputação?”

## **85 – Longevidade, fama, posição social e riqueza**

Yung-Chu disse: “Pessoas conduzem-se ao esgotamento por quatro coisas – pela longevidade, pela fama, pela posição social e pela riqueza. No entanto, elas não sabem que essas quatro coisas só trazem problemas e ansiedade. Ao ter longevidade, teremos medo que espíritos malignos ou circunstâncias incontroláveis venham a tirá-la. Ao ter fama, ficaremos ansiosos por a nossa reputação correr o risco de ser prejudicada por pessoas que nos invejam. Ao ter posição social, ficamos preocupados com o fato de uma

mudança na política venha a tirá-la. Ao ter riqueza, ficaremos com receio de ser roubados.”

“Somente aqueles que enxergarem através das ilusões da longevidade, da fama, da posição social e da riqueza não serão sobrecarregadas pela ansiedade e pelo medo. Se não houver nada em jogo, não teremos nada com que nos preocupar. Se não ansiarmos pela longevidade, então não teremos medo de morrer. Se não nos importarmos com a fama, então não nos preocuparemos com a forma como nos apresentamos aos outros. Se não estivermos interessados em posições sociais, então não seremos incomodados com o que outras pessoas pensam de nós. Se não formos possessivos em relação ao dinheiro, então não esgotaremos corpo e mente para o acumularmos. Não teremos necessidade de invejar os outros, e poderemos seguir os nossos próprios princípios e ser fiéis a nós mesmos.”

“Os antigos dizem: ‘Se não houvesse algo como o casamento ou o poder político, os desejos das pessoas seriam cortados pela metade. Se não houvesse necessidade de comer nem de se vestir, então os governantes e os governos seriam supérfluos.’ Assim, os sábios da antiguidade aconselhavam-nos dizendo que o poder, a posição, a riqueza e a ânsia de longevidade só geram problemas. Quando as pessoas se contentarem em viver uma vida simples, mas confortável, não haverá competição. Quando não há concorrência, pode-se permitir que as coisas sigam o seu curso natural.”

“Há um velho ditado que diz: ‘Façam um agricultor sentar-se o dia todo e deixá-lo-á louco.’ É natural que um fazendeiro cuide dos campos e trabalhe do nascer ao pôr-do-sol. Ficar cansado depois de um dia de trabalho, comer uma refeição simples e nutritiva e dormir profundamente à noite são coisas com que ele se acha acostumado. Se o colocarmos numa cama de penas, lhe dermos alimentos requintados que não o encham, e fizermos com que fique sentado o dia todo, isso seria equivalente a matá-lo.”

“Há uma história sobre um fazendeiro que não podia comprar um casaco de peles. No inverno ele sentia frio, mas quando a primavera chegava e o sol brilhava sobre o pescoço e os braços dele, ele achava que era uma felicidade. Assim, ele foi aos amigos e disse: ‘Ninguém sabe o quanto é bom ter o sol a aquecer-nos as costas. Preciso apresentar este segredo ao rei. Ele irá certamente recompensar-me bem pela minha descoberta.’ Quando os vizinhos dele ouviram isso, riram dele e disseram: ‘Tu és exatamente como aquele homem que apresentou favas, batatas e raízes aos dignitários, pensando que as

apreciassem como iguarias. Mas quando os ricos provavam esses alimentos, ficaram com os estômagos perturbados e puniram o fazendeiro pelo artifício maldoso.”

“Aqueles que encaram a fama, a longevidade, a posição e a riqueza como objetivo na vida nunca experimentarão a simples felicidade e satisfação. E aqueles que são felizes e despreocupados nunca irão querer trocar a liberdade pelos problemas associados ao sucesso social.”

“Os antigos dizem: ‘É melhor comer uma refeição simples do que receber comida do prato de um governante.’ Ser consciente e leal não nos protege necessariamente da traição, e responsabilidades em demasia podem prejudicar o corpo e o espírito. Portanto, os melhores governantes governam sem pedir aos súditos que sejam leais ou virtuosos, e o melhor governo é aquele que não promove a recompensa, seja riqueza, status ou poder. Quando não existe um sistema de recompensa, não haverá concorrência. Quando não existir competição, não haverá traição. Quando não houver traição, as pessoas poderão ser verdadeiras umas com as outras.”

“Os antigos também dizem: ‘Se puderem dispensar a reputação, então ficarão livres de cuidados. A reputação é apenas um visitante, mas a realidade encontra-se aqui para ficar.’”

## LIVRO OITAVO

### EXPLICANDO AS COINCIDÊNCIAS

#### **Introdução**

A explicação das coincidências depende da maneira como encaramos o mundo. Achar-se-á tudo interligado, para que os eventos criem repercussão quais ondulações numa rede? Ou as coisas simplesmente ocorrem em sincronia e damos significado a essas ocorrências com base no nosso sistema de crenças? A resposta que Lie-Tzu dá é a seguinte: Está tudo na maneira como pensamos.”

#### **86 – Ação e reação**

Lie-Tzu estava a estudar com o seu mestre Hu-Tzu.

"Antes de entenderes o que significa agir, precisas saber o que significa reagir," disse Hu-Tzu.

"Pois então fale-me mais a respeito."

"Vira-te e vê a tua sombra."

Lie-Tzu voltou-se e olhou para a sombra dele. Quando se curvava, a sombra curvava-se. Quando ele se endireitava, a sombra esticava-se. Lie-Tzu descobriu que a sua sombra não tinha controle sobre o seu movimento e simplesmente reagia ao que ele fazia. Foi somente então que Lie-Tzu percebeu que também somos como sombras, ao reagirmos aos eventos no mundo. Não somos os causadores dos eventos; só podemos responder às situações. Se devemos ser ativos ou passivos não depende do que queremos fazer, mas do que a situação exige.

Wen-Tzu disse a Lie-Tzu: "Se formos bons para os outros, os outros serão bons para nós. Se prejudicarmos os outros, acabaremos prejudicando-nos. As nossas ações produzem reações que nos seguem como sombras. Assim como a sombra de uma pessoa alta é alta e a sombra de uma pessoa baixa é baixa, as palavras feias produzirão ecos de fealdade, e as boas intenções produzirão boas reações. Para toda ação há uma reação, e para cada causa há um efeito.”

"Se alguém os amar, é provável que o ame. Se alguém os odiar, é provável que o odeie. Esta é a maneira típica de reagir. Por conseguinte, o sábio é cuidadoso com respeito às suas próprias ações por saber que os outros lhes reagirão e, examinando as suas próprias ações, ele poderá prever o que os outros farão. O sábio também sabe que, do mesmo modo como pode prever as ações dos outros, poderão eles também prever as dele. Portanto, ao esconder suas ações, tornar-se-á imprevisível."

### **87 – Por que as pessoas seguem o caminho do Tao?**

Alguém certa vez perguntou a Lie-Tzu: "Por que é que as pessoas seguem o caminho do Tao? Isso torna-as ricas?"

Lie-Tzu disse: "Tiranos e ditadores caíram por colocarem demasiada importância nas riquezas e no poder. Se passares a tua vida a forçar, a empurrando e a agarrar, então não serás melhor do que os animais selvagens. Como poderás angariar o respeito dos outros se agires como uma fera?"

### **88 – Lie-Tzu aprende a arte do tiro ao arco**

Lie-Tzu estudava a arte do tiro ao arco e finalmente lá conseguiu atingir o alvo. Foi então até Wen-Tzu e disse: "Você tem alguma sugestão sobre como eu poderei melhorar?"

Wen-Tzu respondeu: "Sabes por que pudeste atingir o alvo naquele instante?"

"Não."

"Isso não é suficiente bom. Volta e pratica um pouco mais."

Volvidos três anos, Lie-Tzu visitou Wen-Tzu de novo.

Wen-Tzu disse-lhe: "Agora, sabes por que conseguiste atingir o alvo?"

"Sei."

"Isso é ótimo. Lembra-te do que aprendeste e não permitas que a tua prática seja desperdiçada. Por sinal, os princípios do aprendizado do tiro com arco aplicam-se a tudo mais. Se não entenderes o que estiveres a fazer, não poderás agir de forma fiável. Portanto,

ao aprender qualquer coisa, seja governar o país ou gerir a tua vida, deves entender os princípios."

### **89 – Escolher a pessoa certa para o trabalho**

Lie-Tzu disse: "As pessoas que estão no auge da sua vitalidade muitas vezes orgulham-se do seu vigor. Aqueles que são fisicamente fortes têm ânsia de mostrar as suas habilidades e força. Não se pode discutir o Tao com tais homem pois não o apreciam. Da mesma forma, é inútil falar sobre o Tao com aqueles que são jovens e imaturos. Estes não darão ouvidos, e mesmo se derem, não serão emocionalmente estáveis o suficiente para se aterem a ele."

"Portanto, a pessoa de expediente gosta de outorgar a responsabilidade às pessoas mais velhas e mais maduras. Idealmente, deves procurar alguém que tenha uma direção clara na vida, alguém que ainda tenha força física, mas que também tenha um poder permanente e estabilidade emocional. Assim, a chave para a gestão não está no teu próprio talento, mas na capacidade de escolher as pessoas certas."

### **90 – Poderemos competir com a natureza?**

Havia um homem que passou três anos a esculpir um pedaço de jade numa folha. Ele apresentou a sua obra-prima a um príncipe que ficou muito impressionado com aquilo e que se tornou seu patrono.

A folha parecia tão real que, se a colocássemos entre as folhas reais, não conseguíamos distinguir a diferença. Todos observaram que era uma peça de arte muito bela.

No entanto, quando Lie-Tzu ouviu falar disso, brincou dizendo: "Se a natureza demorasse três anos a fazer uma folha, então estaríamos em apuros."

Assim, o sábio sabe que, não obstante o quanto tentemos imitar as obras da natureza, a natureza ainda conseguirá um trabalho melhor.

## **91 – As palavras de alguém podem contribuir para o nosso bem ou desgraça**

Quando Lie-Tzu morava em Cheng, era pobre e passava fome. Um amigo viu a condição em que se encontrava e falou com o primeiro-ministro: "Lie-Tzu é um sábio que alcançou o Tao. Ele agora vive no seu país, pobre e ignorado. Por que o senhor não lhe manda um presente na intenção mostrar que aprecia um homem iluminado quando o vê?"

O primeiro-ministro imediatamente enviou um presente de arroz a Lie-Tzu.

Quando o mensageiro do ministro chegou com o presente, Lie-Tzu foi à porta, curvou-se duas vezes diante do convidado de honra e recusou educadamente a dádiva.

A esposa dele ficou indignada com o comportamento de Lie-Tzu e repreendeu-o: "As esposas e os filhos de outros sábios vivem confortavelmente e nós estamos às portas da morte por causa de subnutrição. Agora que finalmente conseguimos algum alimento do ministro, por que recusaste? Como podes ter-nos feito isso?"

Lie-Tzu sorriu e disse à mulher: "Deixa-me que te diga por que eu recusei o presente. Ao ser honrado pela causa da opinião de outra pessoa, poderei igualmente ser demitido por causa da opinião de alguém. As palavras das pessoas podem contribuir para o nosso bem, mas também podem contribuir para a nossa desgraça. É por isso que tenho medo de receber qualquer dádiva com base na opinião que alguém tenha de mim. Poderemos não ser ricos, mas é mais seguro assim."

Pouco tempo depois, a popularidade do primeiro-ministro caiu. O rei, influenciado pela opinião pública, mandou executá-lo.

## **92 – Estar no lugar certo no momento certo**

O senhor Shih do país de Lu tinha dois filhos talentosos. Um deles destacou-se nos estudos e o outro destacou-se nas artes militares. Depois de discutir o seu futuro com eles, ele enviou o estudioso ao rei de Ch'i e ao gênio militar ao rei de Chu.

O rei de Ch'i ficou muito impressionado com os estudos do jovem e fez dele um tutor para o príncipe herdeiro.

O rei de Chu ficou muito satisfeito com as habilidades do outro irmão e o tornou general.



Ambos os jovens receberam terras ricas e um grande salário, e a família Shih cresceu em fortuna e poder.

Meng, que era um vizinho de longa data da família Shih, viu e invejou o sucesso dos filhos de Shih. Decidiu pedir ao homem rico um conselho sobre como os seus próprios filhos poderiam encontrar a sua sorte. Meng também tinha tido dois filhos, um talentoso nos estudos e o outro na guerra.

Shih foi muito franco e disse a Meng como os seus próprios filhos se tinham tornado ricos e poderosos. Meng-Foi para casa e aconselhou os seus dois filhos a ir oferecer suas habilidades aos senhores de dois reinos feudais.

O filho erudito foi ao rei de Chin e apresentou uma proposta de como governar um país com bondade e humildade. O governante de Chin estava prestes a invadir os estados vizinhos, ricos e férteis. Ele considerou a proposta do erudito como um ato de zombaria e um insulto à sua política e disse furioso: "Aqui em Chin, a terra é pobre e montanhosa. Se não invadirmos os estados mais pequenos e mais ricos para conseguir os seus recursos, seremos conquistados por estados poderosos como o de Ch'i. Se eu seguisse tua proposta, o nosso país seria destruído. Por que me tomas, por um idiota?" O rei mandou castrar o estudioso antes de o mandar embora.

O outro filho de Meng foi ao rei de Wei e apresentou uma proposta de ação militar. O rei ouviu os planos e disse: "O meu país é pequeno e fraco. Se eu der ouvidos aos teus conselhos e invadir os estados vizinhos, esse será o fim de Wei. Considerando a situação atual, só podemos esperar sobreviver forjando alianças com os estados mais poderosos. Preciso dos serviços de um diplomata, não de um guerreiro. Não posso te dar uso, mas temo que venhas a oferecer as tuas habilidades militares aos outros estados." Assim, o rei ordenou que os seus guardas cortassem as pernas do jovem antes de o mandar embora.

Quando Meng viu os seus filhos regressarem, um aleijado e o outro castrado, ficou chocado e furioso. Pensando que Shih lhe tinha lançado um mal e lhe tivesse deliberadamente dado conselhos ruins, invadiu a casa de Shih e exigiu uma explicação.

Quando Shih ouviu o que aconteceu com os filhos de Meng, suspirou e disse: "Os heróis e os indigentes são feitos pelos tempos. Os meus filhos estavam no lugar certo e no momento certo e os seus estavam no lugar errado na hora errada. Eu simplesmente disse o que meus filhos fizeram. Você pensou que fosse uma fórmula para o sucesso e aplicou-a sem pensar. Às vezes, as coisas que funcionam hoje poderão não funcionar

amanhã, e as estratégias que são boas para uma situação podem não funcionar noutra. Para que algo funcione, o clima político, social e econômico precisam ser os corretos. Você pode chamar-lhe ‘destino’, ‘sorte’ ou ‘momento oportuno’. O sábio entende que estar no lugar certo ou errado no momento certo ou errado é algo que não podemos controlar. Portanto, aceita o que lhe acontece e procura lidar com as consequências disso em vez de lutar contra elas."

Quando Meng ouviu aquilo, deixou de sentir-se furioso e percebeu que deveria encontrar uma maneira de conviver com a sua desgraça. E assim disse a Shih: "Entendi. Nenhuma palavra mais precisa ser dita."

### **93 – Se eu posso pisar em alguém, alguém pode pisar em mim**

O rei Wen de Chin reuniu os seus ministros e disse-lhes que pretendia quebrar sua aliança com o país vizinho de Wei e invadi-lo. O primeiro-ministro, ao ouvir os planos do rei, jogou a cabeça para trás e riu.

O rei ficou chocado e pediu uma explicação. O primeiro-ministro disse: "Havia um homem do meu bairro que conheceu uma bela mulher enquanto ele e a esposa estavam de visita aos sogros. O homem desejou a mulher e, secretamente encontrou-se com ela. Ao voltar para casa depois da noite fora, ele encontrou a esposa na cama com um outro homem. Quando ouvi aquilo, não pude deixar de rir."

O rei de Chin entendeu a moral da história e não entretteve mais ideias de cobiçar o território de nenhum outro país.

### **94 – Para resolvermos um problema, precisamos remover a causa, e não o sintoma**

Havia muitos crimes no estado de Chin. O governo tentou diferentes estratégias para prender os ladrões, mas todas falharam. Um dia, como o governante de Chin estivesse atormentado com o agravamento da situação, um oficial disse que havia um homem que conseguia reconhecer tipos criminosos procurando certos traços nos olhos e nas sobrancelhas.

O rei de Chin convocou o homem e pô-lo a caçar os criminosos pelo país. O fez justiça à reputação que tinha, e em sem demora um grande número de ladrões foram

capturados e presos. O rei ficou muito feliz com os resultados e relatou-os a Wen-Tzu. "Eu encontrei alguém que me pode ajudar prender todos os ladrões do país. Parece que o problema que temos com o crime está resolvido."

Wen-Tzu disse: "Você não pode deter o crime confiando em técnicas de perseguição dos criminosos. Se você prender uma centena de ladrões hoje, amanhã haverá outros cem, por estar a lidar com o sintoma, e não com a causa. De qualquer forma, estou disposto a apostar que esse sujeito que você está a usar para caçar criminosos não viverá por muito tempo."

Pouco tempo depois, alarmados com a taxa em que estavam a ser presos, várias guildas de ladrões uniram-se e assassinaram o caçador de criminosos.

O rei ficou alarmado e angustiado com essa notícia e foi a Wen-Tzu para obter conselho.

"Foi como você previu," disse o rei. "Agora, como vamos prender esses ladrões?" Wen-Tzu disse-lhe: "Os sábios da antiguidade diziam que aqueles que têm um talento em descobrir peixe nos charcos profundos não têm sorte, e que aqueles que são hábeis em revelar segredos não viverão muito. A melhor maneira de lidar com o crime não é perseguir criminosos, mas educar o povo. Empregue pessoas justas e honradas. Instile uma sensação de virtude e de honestidade nos seus súditos. No devido tempo, à medida que as pessoas chegarem a respeitar as virtudes, a taxa de criminalidade cairá naturalmente."

O rei dessa vez aceitou o conselho de Wen-Tzu e criou um programa de educação por todo o país. E, como Wen-Tzu havia predito, quando as pessoas começaram a valorizar a honestidade e a integridade, a taxa de criminalidade caiu. Quando os poucos criminosos intransigentes descobriram que não podiam obter simpatia e apoio dos cidadãos, fugiram de Chin e foram para outro estado.

## **95 – Confiança e fé**

Confúcio ia de viagem do estado de Wei de volta para o seu país de origem de Lu quando parou para descansar junto a um rio. Olhando rio abaixo, viu as águas fluírem rapidamente ao longo das margens e cair de uma grande altura numa cachoeira exuberante.

De repente, viu um homem na margem oposta que estava prestes a mergulhar no rio. Alarmado, gritou ao homem: “As águas são muito rápidas e profundas. Até mesmo os peixes e as tartarugas têm medo de se aproximar desta parte do rio. Se tentar nadar, irá afogar-se.”

O homem agiu como se não tivesse ouvido uma palavra do que Confúcio tinha dito. Ele saltou para o rio e nadou vagorosamente. Confúcio ficou surpreso com o fato do homem conseguir tal façanha. Quando o homem se saiu para a margem, Confúcio aproximou-se dele e disse: "Nunca vi ninguém com tanta habilidade em natação. Como conseguiu evitar ser varrido pelos rápidos?"

O homem respondeu: "Quando estou na água, confio nas águas e tenho fé em mim mesmo. Por isso, independentemente quão rápido as águas corram, não tenho medo. Com fé e confiança, tornei-me amigo do rio. Por conseguinte, posso nadar através dele que isso não me prejudica."

Confúcio voltou-se para os seus alunos e disse: "Lembre-se bem destas palavras. Se, por meio da fé e confiança podemos fazer amizade com um rio, quanto mais não poderão tais virtudes ajudá-los a fazer amizade com as pessoas?"

## **96 – A melhor maneira de manter um segredo é não falar**

Um nobre que planejava matar dois dos seus rivais queria ver se as pessoas conseguiam enxergar seus motivos. Assim foi a Confúcio e disse: "Será que alguém adivinhará os nossos segredos se deixarmos pistas?"

Confúcio não respondeu.

"Suponha que você jogue uma pedra no rio. Alguém notaria?"

"Um bom mergulhador.", respondeu Confúcio.

"Se misturar as águas de dois rios juntos, alguém será capaz de as apartar?"

"Já ouvi falar de algumas pessoas que possuem tal habilidade."

"Neste caso, poderá não haver segredos?"

Confúcio disse: "Por que não? Alguém que ouça e entenda bem, poderá ser capaz de manter um segredo. Isso é por não precisarmos falar muito para que ele compreenda o nosso ponto de vista. Quanto menos falarmos, menos iremos revelar. Assim, a melhor

maneira de manter um segredo é não falar e a melhor maneira de ter as coisas feitas é não as fazer."

O nobre não entendeu bem o que Confúcio quis dizer. No final, os seus planos de traição e de assassinato foram descobertos, e acabou por se morto.

### **97 – Aqueles que têm êxito não são animados pelo sucesso; aqueles que sabem não exibem os conhecimentos que têm**

O príncipe Chao Hsiang-Tzu de Chu enviou Hsin-Chih Mu-Tzu para que atacasse o estado rival de Ti. Poucos dias depois, os mensageiros voltaram com a notícia de que Hsin-Chih Mu-Tzu tinha sido vitorioso e que tomara as cidades de Tso-Jen e Chung-Jen.

O príncipe estava a tomar uma refeição quando os mensageiros chegaram. Ele ouviu o relatório e ficou preocupado. Os seus subordinados ficaram confundidos com comportamento do seu amo e perguntaram: "Os nossos generais tomaram duas cidades num dia. Esta é uma ótima notícia, senhor. Por que não está feliz?"

O príncipe respondeu: "Nos velhos tempos, diziam que uma grande inundação não dura mais que três dias. Também foi dito que uma forte ventania não dura até o dia seguinte, e que não pode chover o dia todo. O que isso significa é que grandes acontecimentos não durarão muito, e que as realizações repentinas e grandiosas não são permanentes. Tenho medo de que o nosso sucesso inicial não dure, e se nos deixarmos entusiasmar com isso, nos tornemos negligentes e, eventualmente, sermos vencidos."

Quando Confúcio ouviu isso, disse: "Com um governante desses, o estado de Chu tornar-se-á muito poderoso. O príncipe é um homem que não se deixa levar pelo sucesso, mas que se manterá calmo e estável, independentemente das circunstâncias. É fácil obter êxito e deixar-se entusiasmar, difícil é tratar o sucesso como um caso normal e cotidiano não deixando que nos perturbem os planos. O estado de Chu irá durar por muito tempo."

"Quando um regente fica orgulhoso com o sucesso, tenha certeza de que o país irá sair enfraquecido. Foi o que aconteceu com os estados de Ch'i, Wu e Yeh. Os seus reis não entenderam que as conquistas de curto alcance não garantem o sucesso a longo prazo."

Dizia-se que Confúcio tinha força para levantar um portão de ferro, mas nunca mostrou essa sua força. Quando Mo-Tzu e um famoso estrategista militar disputaram uma

jogada bélica em um tabuleiro de xadrez, Mo-Tzu ganhou facilmente. E, no entanto, Mo-Tzu nunca foi conhecido como especialista em artes marciais.

Portanto, aqueles que obtêm o êxito não se revelam no seu sucesso, e aqueles que conhecem não exibem os seus conhecimentos.

## **98 – Fortuna e azar**

No país de Sung vivia uma família conhecida pela sua generosidade e bondade. Durante três gerações, todos os membros da família ajudaram os pobres e necessitados, mas um dia aconteceu algo estranho na casa - a vaca negra deu à luz um bezerro branco. O chefe da família ficou curioso com relação ao significado do presságio, assim enviou o seu filho a consultar Confúcio.

Confúcio disse: "Este é um excelente presságio para a sua família. Você deve sacrificar o bezerro e agradecer aos senhores do Céu."

A família fez o que Confúcio sugerira. Um ano mais tarde, o chefe da família de repente ficou cego de um olho, e ao mesmo tempo, a sua vaca negra deu à luz a outro bezerro branco. Mais uma vez, o pai disse ao filho para que fosse perguntar a Confúcio o significado daquilo. O seu filho disse: "Da última vez que Confúcio nos disse que o bezerro branco era um bom presságio, o senhor perdeu um olho; que haverá de tão bom nisso? Eu não acho que devamos mais consultar Confúcio."

O pai disse: "A sabedoria dos sábios está além do nosso entendimento. Além disso, muitas vezes não é evidente se algo é bom ou ruim à primeira vista. Vá e inquiria novamente Confúcio."

Relutantemente, o filho foi a Confúcio e descreveu a situação. Confúcio disse: "Este é um excelente presságio. Vá para casa e diga ao teu pai para dar graças pela boa sorte que teve."

Um ano depois, sem motivo aparente, o filho perdeu a visão em ambos os olhos.

Pouco depois, o país de Sung foi atacado pelo poderoso estado de Chu. Todos os homens com validade foram recrutados para o exército. Eventualmente, as pessoas de Sung conseguiram manter os invasores à distância, mas à custa da perda de muitas vidas. O pai e o seu filho cego escaparam do recrutamento apenas por se encontrarem incapacitados.

Depois que a guerra terminou e os vizinhos prantearam os maridos e filhos perdidos, o menino cego percebeu que o seu infortúnio na realidade representava uma boa sorte. Pouco depois, tanto o pai quanto o filho recuperaram de repente a visão.

Algo que pareça uma desgraça agora pode vir a revelar-se benéfico mais tarde, e vice-versa. Se pudermos encarar a fortuna e o azar desta forma, ficaremos menos infelizes quando a desgraça nos atingir. Também será menos entusiasmador quando tivermos a sorte, e assim, ficaremos menos deprimidos quando a sorte se for.

## **99 – Uma questão de sorte**

Houve um acrobata errante que se ofereceu para representar perante o rei de Sung. “Mostra-me o que sabes fazer,” disse o rei.

O acrobata amarrou as pernas a um par de pernas de pau mais altas que dois homens, levantou-se sobre elas, e correu para trás e para a frente. O trabalho de pés dele era tão ágil e o seu equilíbrio tão preciso que as pernas de pau pareciam como que extensões das pernas. Então ele pegou em sete espadas e, equilibrando-se sobre as pernas de pau de novo, fez malabarismos com as sete armas, mantendo cinco delas a girar no ar o tempo todo.

O rei ficou impressionado com a habilidade do acrobata, dando-lhe um bonito presente composto de sedas e ouro.

Um outro acrobata ambulante ouviu falar disso e decidiu que iria tentar obter uma recompensa representando diante do rei. Então ele foi ao palácio, e ofereceu-se para entreter o rei, e prosseguiu demonstrando a habilidade que tinha no trapézio. Após o desempenho, o rei franziu o cenho e disse: “Outro dia um artista veio demonstrar os seus truques, e encontrando-me de bom humor despedi-lo com alguns presentes. Tu deves ter ouvido que podias conseguir um dinheiro rápido mostrando os teus. Bem, não estou com disposição para entretenimentos, hoje.”

Sem mais discussão, o rei mandou punir e encarcerar o acrobata. Felizmente para o artista, o humor do rei mudou após alguns dias e o cantor foi libertado.

A sorte trouxe ao primeiro acrobata fortuna, e a falta de sorte trouxe ao segundo infelicidade, mas no final, foi a sorte que o salvou. Quer atribuamos sorte a um ato de algum deus ou da natureza, ou aos caprichos de um homem poderoso, ela desempenha

um grande papel no nosso destino. E se pudermos reconhecer o seu papel, não ficaremos tão frustrados ou irritados se tivermos “azar” nem animados e orgulhosos quando tivermos “sorte.”

## **100 – Ver para além das aparências**

Po-Lo era um criador de cavalos que era conhecido pela estranha habilidade que tinha em reconhecer cavalos excepcionais. Ele tinha servido o seu rei durante muito tempo e era responsável por criar os melhores cavalos do país.

Agora que Po-Lo estava a ficar velho e fraco, o rei ficou preocupado que o criador de cavalos não deixasse nenhum sucessor quando morresse. Assim, ele aproximou-se de Po-Lo e disse: “Você está avançado nos anos, mas eu não posso deixar que se aposente para viver uma vida confortável por não conseguir encontrar ninguém que possua a sua habilidade de reconhecer cavalos excepcionais. Terá alguém na sua família que você possa recomendar como seu sucessor?”

Po-Lo disse: “Pode-se reconhecer um bom cavalo observando-lhe seus músculos, a estrutura óssea e a aparência geral. No entanto, os melhores cavalos não podem ser identificados apenas pela aparência. O seu potencial só pode ser reconhecido quando estiverem desenvolvidos, devemos treiná-los cedo para que eles percebam plenamente o potencial que têm. Esses cavalos excepcionais têm uma velocidade e resistência formidáveis. Conseguem transportar um guerreiro com plena armadura e executar mil milhas sem descanso. Infelizmente, ninguém na minha família possui esta habilidade. Os meus filhos podem distinguir bons cavalos dos cavalos médios, mas são incapazes de reconhecer esses ‘cavalos que correm milhas de milhas’.”

Diante do desapontamento que invadiu o rei, Po-Lo disse: “Contudo, conheço alguém que tem essa habilidade. Seu nome é Kao e ele é um carregador que para se sustentar, reboca madeira e vegetais para o mercado. Ele é apenas um trabalhador comum, mas a habilidade que tem em reconhecer um cavalo premiado é tão boa quanto a minha.”

O rei mandou chamar Kao e o encarregou-o de encontrar cavalos lendários. Após três meses, Kao encontrou tal cavalo numa região remota. Ele relatou isso ao rei, que disse: “Que aspecto tem?”

“É uma égua amarela,” disse Kao.



Quando o cavalo foi trazido para os estábulos do palácio, o rei viu que não era uma égua amarela, mas um garanhão negro. Ele mandou chamar Po-Lo e disse com raiva: “Esse sujeito que você me recomendou não é bom. Ele disse-me que o cavalo era uma égua amarela, e o que nós temos aqui é um garanhão negro. Ele não consegue nem ver a diferença entre um garanhão e uma égua, quanto mais a cor do pelo. Como poderá ele servir-me como criador de cavalos?”

Po-Lo suspirou e disse: “A habilidade dele aumentou além da minha imaginação. A sua capacidade agora é pelo menos dez mil vezes melhor do que a minha, pois enquanto eu ainda julgo um cavalo pelos matizes da aparência, ele consegue ver além da aparência. Quando ele vê um cavalo, ele não vê masculino ou feminino, negro ou amarelo. Ele vê a essência do cavalo diretamente. E quando se consegue ver assim, os recursos externos não são importantes. O importante sobre o cavalo é o seu potencial, não se é uma égua ou um garanhão, ou se tem pele amarela ou negra.”

Quando o cavalo foi treinado, o rei descobriu que possuía o melhor cavalo no país.

## **101 – Governar a vida e governar um país**

O rei Chuang de Chu foi ao encontro de Chan-Ho no intuito de pedir-lhe um conselho: "Como devo governar o meu país de maneira a mantê-lo em ordem e próspero?"

Chan-Ho respondeu: “Eu só sei como governar a minha vida. Não sei nada sobre política.”

“Eu sou responsável pela administração dos santuários ancestrais e por realizar cerimônias de ação de graças à terra e aos deuses do céu, e desejo fazê-lo bem.”

“Ouvi dizer que aquele que sabe gerir bem a sua vida, saberá também governar um país. No entanto, também ouvi dizer que aquele que não consegue administrar bem sua vida, tão pouco poderá ser um bom líder.”

“Bom,” disse o rei, "Você chegou à questão."

## **102 – Posição, riqueza e capacidade podem trazer-nos problemas**

Um velho sábio da Montanha da Raposa disse certa vez a Sun Shu-ao: “Há três coisas na vida que garantidamente nos causam problemas. Sabe quais são?”

“Eu não.”

“São a posição, a riqueza e o influência social. Se ocuparmos um elevado cargo no governo, outros políticos odiar-nos-ão. Se formos ricos, as pessoas ressentir-se-ão de nós. Se tivermos grande influência social, o rei ficará com inveja. Essas três coisas irão trazer-nos problemas se não nos custarem a vida.”

“Se for humilde em relação à minha posição, se for generoso com a minha riqueza, e se for modesto em relação às influencias que tenho, poderei evitar problemas?”

O sábio sorriu e não disse nada.

Anos depois, quando Sun Shu-ao, ao se encontrava no seu leito de morte, contou ao filho: “Quando eu estava no cargo, o rei ofereceu-me um dos feudos mais ricos do país, mas eu não o aceitei. Após a minha morte, ele irá oferecê-lo a ti. Não deves aceitar as terras ricas e centrais. Aceite apenas as regiões pobres e remotas que ninguém queira. Desse modo, tu e teus descendentes viverão por muito tempo.”

Quando Sun Shu-ao morreu, como havia previsto, o rei ofereceu à família Sun a terra mais rica do país. Tomando o conselho de seu pai, o filho rejeitou educadamente o presente do rei e pediu uma região pobre e remota. O rei concedeu-lhe o desejo, e enquanto muitos nobres se levantavam e caíam do poder, os descendentes de Sun Shu-ao viveram em paz e mantiveram os seus feudos por muitas gerações.

## **103 – Aplicando um mesmo princípio a todas as situações**

Niu Ch’ieh foi um grande confucionista que viajava da sua cidade natal para a capital. Ao passar por uma área tranquila e pouco percorrida, um grupo de bandidos roubou-lhe o dinheiro, o cavalo e a carruagem.

Niu Ch’ieh prosseguiu a sua jornada a pé como se nada tivesse acontecido. Os ladrões ficaram surpresos com o fato de a sua vítima não ter mostrado sinais de desapontamento ou sofrimento, então eles voltaram até ele e perguntaram: “A maioria das pessoas fica alarmada quando perde os seus pertences, mas você não está. Por quê?”

O confucionista disse: “Um homem de virtude não se apega às suas posses. Além disso, ele não satisfará as suas necessidades tomando coisas que não sejam suas.”

Os bandidos olharam um para o outro e disseram: “Parecem palavras de um sábio.”

Mais tarde, quando os assaltantes tiveram tempo para refletir naquilo, comentaram entre si: “Um sábio assim será alçado ao poder no governo e enviará a polícia atrás de nós. É melhor matá-lo antes de chegar à capital.”

Assim, eles correram atrás de Niu Ch’ieh e mataram-no.

Quando a notícia da morte do erudito atingiu a capital, um ancião de família contou aos membros do seu clã: “Quando vocês se depararem com bandidos, não ajam como aquele estúpido erudito.”

Pouco tempo depois, um dos membros mais jovens desse clã foi em negócios às áreas remotas do país e deu de cara com alguns bandidos. Lembrando-se do que o ancião da família havia dito, o jovem discutiu com os ladrões em defesa das suas posses. Quando os bandidos partiram com os seus pertences, o homem ainda assim não desistiu. Correu atrás dos assaltantes e implorou para que lhe devolvessem os bens.

Os bandidos olharam para o jovem e disseram: "Poupamos-te a vida e tu ainda não apreciaste isso. És um tolo e um estorvo, e as tuas pegadas nos indicarão à polícia.” Assim, os bandidos mataram o homem no local.

#### **104 – Retribuição por acidente**

Havia um homem rico que dava pelo nome de Yu, altivo e orgulhoso. Ele exibia a sua riqueza descaradamente e mostrava-se desprezível para aqueles que não fossem tão prósperos quanto ele. Muitas vezes, dava festas na varanda de sua casa, onde, depois de um jantar luxuoso, ele e os seus convidados jogavam uma partida de gamão e de dados.

Uma noite, durante um jogo mais tempestuoso do que o habitual, um jogador obteve uma dupla vencedora de seis aos dados. Houve um grande alvoroço, e todos começaram a aplaudir e a gritar imediatamente. O barulho repentino assustou um pássaro que pairava em torno da varanda. Ele abriu o bico para grasnar e deixou cair um rato morto que carregava na rua abaixo. O rato atingiu o líder de um grupo de mercenários que iam a passar.

O soldado voltou-se para seus companheiros e disse: “Este tal de Yu, está a deixar-me nervoso. Ele é orgulhoso e pretensioso e pensa que o seu dinheiro pode conseguir tudo o que quer. Nunca o ofendemos, e ele atira-nos com este rato morto. Eu não posso mais aceitar esse tipo de tratamento. Se não vingar o insulto, serei alvo de chacota de todos os lutadores!”

Mais tarde naquela noite, o líder dos mercenários convocou uma reunião de todos os soldados profissionais da área e disse: “O nosso código de honra foi violado. Não seremos vingados até matarmos toda a família de Yu.”

Os soldados foram à casa dos ricos nas primeiras horas da manhã e mataram todos os presentes.

## **105 – Confundindo designação e realidade**

Havia homem das províncias orientais chamado Yüan Hsiang-Um. Ele estava a viajar por uma estrada raramente usada quando desmaiou. Aconteceu que um assaltante que estava de passagem e notou o homem caído no caminho.

Ao ver que o viajante ainda estava vivo, o ladrão começou a tentar que o homem retomasse os sentidos, oferecendo-lhe comida e água. Após um tempo, o homem abriu os olhos. Vendo um homem rude e feroz inclinado sobre ele, disse: “Quem é você?”

O ladrão disse: “Eu sou Ch’iu da região de Hu-fu.”

Alarmado, o viajante disse: "Você não é aquele ladrão infame que é procurado por toda a parte, é?"

“Sou.”

“Então, por que me deu comida? Ajudou-me por me ter associado ao seu tipo? Eu sou um homem de virtude e não como nada que venha de um criminoso.”

O viajante de seguida tentou vomitar a comida que o ladrão lhe havia dado. Tentando vomitar, o viajante acabou por sufocar-se e morrer.

Mesmo que Ch’iu fosse um criminoso, a intenção e ação de que usou nesta situação não foram criminosas. Embora ele tenha cometido crimes imperdoáveis, a comida e a água que lhe deu nada tinham de criminoso. Os hipócritas muitas vezes

seguem cegamente um princípio sem o compreenderem e, assim, confundem designação e realidade.

### **106 – Morrer por alguém que os valoriza é natural**

Chu Li-Shu era um servente do duque Ao de Ch'i. Sentindo que o duque não que apreciava as suas habilidades, acabou por renunciar ao cargo e foi viver como um eremita junto no litoral do mar, comendo frutos do mar e sementes de lótus no verão, bolotas e castanhas no inverno do que receber rações do seu senhor.

Não muito tempo depois, o duque Ao foi atacado por seus rivais. O Chu Li-Shun imediatamente foi em socorro do senhor. Alguns dos amigos do servente disseram-lhe: “Então, a princípio deixaste o teu mestre por ele não te valorizar. Como é que te sentes tão ansioso para lutar por ele agora? Nós ouvimos falar de pessoas que morreriam por um senhor que as apreciasse, mas nunca ouvimos falar de pessoas que dessem as suas vidas por alguém que não as valorizasse.”

O servente disse: “Eu o deixei por ele ter envergonhado me ao não reconhecer minhas capacidades. Agora terei a minha vingança. O envergonharei na frente de seus companheiros príncipes morrendo por ele.”

Morrer por alguém que nos valorize e recusar-se a morrer por alguém que não nos aprecia é natural. Fazer o oposto por despeito e vingança é violar a ordem natural das coisas.

Chiu Li-Shu foi um homem que carregou o ressentimento a ponto de desprezar sua própria vida.

Certa vez, Yang-Chu disse: “Se o que emana de você é a paz de espírito, somente bons frutos colherás. No entanto, ao emanar ressentimento, só dor e sofrimento lhe virá. O que vem de dentro e satisfeito somente com externalidade há de ser mera paixão. Assim, sábio é aquele que é cuidadoso e consciente do que emana.”

### **107 – Confuso com tantas alternativas**

O vizinho de Yang-Chu perdeu uma ovelha. Toda a família, junto com amigos, parentes e até mesmo servos de Yang-Chu, partiram à procura do animal.

Quando Yang-Chu viu a comoção, disse ao vizinho: “Por que mandar tanta gente à procura de uma ovelha?”

“Há muitas bifurcações na estrada, e não sabemos qual delas a ovelha poderá ter tomado.”

Um pouco mais tarde, o grupo de busca retornou. Yang-Chu perguntou ao vizinho: “Você encontrou a sua ovelha?”

“Não. Havia muitos caminhos, e não tivemos gente suficiente para os pesquisar.”

Depois de ouvir isso, Yang-Chu franziu a testa e não disse uma palavra o dia todo. Os seus alunos pensaram que o mestre estivesse a comportar-se de modo estranho, pelo que lhe perguntaram: “Ovelhas não são gado assim tão valioso. Além disso, não é uma ovelha sua. Por que está tão infeliz?”

Quando Yang-Chu não respondeu, um dos estudantes, Meng, foi até Hsin-Tu-Tzu, um dos amigos de Yang-Chu, a ver se ele poderia ter alguma pista sobre o porquê de seu mestre estar a comportar-se daquele modo.

Hsin-Tu-Tzu acompanhou Meng na intenção de visitar Yang-Chu. Quando viu Yang-Chu, disse: “Haviam três irmãos que foram aprender a virtude. Quando voltaram para casa depois de terminarem os seus estudos, o pai perguntou-lhes o que tinham aprendido. O filho mais velho disse: ‘Ser virtuoso é valorizar o meu corpo e nunca sacrificá-lo pela reputação.’ O segundo filho disse: ‘Ser virtuoso é sacrificar o meu corpo por causa da honra e da reputação.’ O terceiro filho disse: ‘Ser virtuoso é cuidar do meu corpo e preservar a minha reputação.’ Os três meninos foram aprender com os alunos de Confúcio e, no entanto, chegaram em casa com três entendimentos diferentes da virtude. Quem estaria correto?”

Yang-Chu disse então: “Havia um homem que morava junto a um rio e ganhava a vida transportando as pessoas de um lado para o outro. Ele também era um excelente nadador e muita vez resgatou pessoas que tinham tentado cruzar o rio a nado e tinham falhado. Em resultado, recebeu muitos presentes de pessoas gratas, cujas vidas ele salvara e logo se tornou num homem muito rico.”

“Houve muita gente que ouvira falar da experiência que ele tinha em natação e que quis aprender com ele. Todos acreditavam que viriam igualmente a ganhar muito dinheiro se aprendessem os segredos da natação, com o resgate de pessoas que caíam no

rio. No entanto, mais de metade das pessoas que vieram aprender a nadar afogaram-se. Todas aprenderam do mesmo homem, mas alguns conseguiram e alguns falharam.”

Hsin-Tu-Tzu assentiu e partiu sem dizer uma palavra. Meng foi no seu alcance e disse-lhe: "O que é que tudo isto significa? Vocês os dois não disseram coisa com coisa. Agora estou ainda mais confuso do que nunca.”

Hsin-Tu-Tzu disse aos estudantes de Yang-Chu: “Os nossos amigos não conseguiram encontrar a ovelha perdida por se encontrarem confusos com a diversidade de caminhos. Os instrutores de nadador afogaram-se por estarem ansiosos por tentar métodos diferentes. Existe apenas um princípio na aprendizagem do Tao. Não se deixar inundar por demasiadas escolhas. Quando se tenta todas as alternativas, fica-se completamente confuso e não se aprende nada. A única maneira de aprender é focar-se numa técnica, chegar à fonte e não a abandonar até completar a aprendizagem.”

“Estou surpreendido que você tenha estado com o seu mestre por tanto tempo e ainda não entenda tais coisas.”

### **108 – Yang-Pu e o cão**

Um dia Yang-Pu, o irmão mais novo de Yang-Chu, saiu de casa vestindo um casaco de seda branco. Ao chegar à porta da casa, notou que por causa da forte chuva o pátio estava molhado e lamacento. Yang-Pu rapidamente voltou para seu quarto e vestiu uma veste preta no intuito de evitar sujar a branca.

Quando saiu, o cachorro ladrou e grunhiu na direção dele. Yang-Pu pegou uma vara e estava prestes a bater no cachorro quando o seu irmão Yang-Chu o deteve e disse: “Não bata no cachorro! O comportamento dele foi absolutamente natural. Suponha que agora seu cão saísse branco e depois voltasse preto, também não ficarias chocado?”

### **109 – Conhecimento e ação**

Havia um homem que conhecia os segredos da imortalidade. O rei de Yen enviou um mensageiro para obter o segredo, mas o mensageiro atrasou-se, e o homem morreu antes que o pedido do rei chegasse. Quando o enviado voltou para o palácio, o rei ficou furioso e quis que o mensageiro fosse executado.

Um dos ministros favoritos do rei, que por acaso se encontrava por perto, aconselhou o rei: “Se o homem que afirmava conhecer os segredos da imortalidade não conseguiu manter-se vivo, como poderia ele ter qualquer coisa a oferecer-lhe?”

O rei assentiu e pensou que era uma boa observação. Em consequência, libertou o mensageiro.

Havia outro homem que também quis aprender as artes da imortalidade. Quando ele soube que um eremita que possuía esse segredo acabara de morrer, ele bateu no peito e lamentou a perda de uma ótima oportunidade.

Quando um filósofo ouviu falar desses incidentes, ele disse: “Essa gente queria aprender os segredos da imortalidade. Mas em cada um dos casos, os próprios mestres, como eram chamados, morreram. Isso mostra que esses mestres eram uma fraude. Por que arrepender-se do não se pode aprender com eles?”

O mestre de Lie-Tzu, Hu-Tzu, discordou disso e disse: "Há algumas pessoas que conhecem os princípios de uma aptidão e no entanto não conseguem aplicá-la. E há quem consiga aplicar os princípios sem saber o que sejam. Uma vez que houve um homem de Wei que foi um grande matemático. Quando ele estava próximo da morte, passou seus segredos ao filho. O jovem memorizou a teoria, mas não conseguiu aplicá-la. Outro homem questionou o filho do matemático que lhe disse o que recebeu do pai. O outro homem conseguiu aplicar o conhecimento com sucesso. Assim, não há nada incomum em alguém que possa transmitir uma teoria, mas não a aplicação. Portanto, não é irracional que os mortais possam possuir informações sobre imortalidade.”

O conhecimento é o precursor da ação, mas a ação não é necessariamente o precursor do conhecimento. É caso raro que alguém conheça a teoria e a saiba aplicar. Quanto à questão de saber se é mais fácil obter a ação do conhecimento ou induzir o conhecimento da ação, é difícil dizer.

### **110 – Capturar e liberar - um ato de compaixão ou de crueldade?**

O povo de Han-Tan sempre presenteava Chao Chien-Tzu com pombas na manhã do dia de Ano Novo. Chao Chien-Tzu os recompensava de acordo com o número de pombas que eles traziam.



Quando um hóspede perguntou por que ele fazia aquilo, o nobre disse: “O Dia de Ano Novo é um bom dia para fazer ações de compaixão. Eu liberto as pombas que me são trazidas para mostrar como valorizo a vida de todos os seres sencientes.”

Então, o convidado disse: "Os seus súditos sabem que são bem recompensados por trazer as aves, pelo que irão competir entre si e tentar capturar tantas pombas quanto conseguirem, em resultado do que algumas das pombas morrerão na contenda. Assim, por cada pomba que lhe é trazida, muitas morrerão. Se você for verdadeiramente compassivo, por que não emite uma ordem para proibir a captura de pombas em vez disso? Agora, o seu chamado ato de compaixão não pode sequer compensar a crueldade da morte e da captura.”

O nobre percebeu o seu erro e disse: “Você tem razão. Farei o que sugeres.”

### **111 – Quem foi criada para quem a comer?**

T'ien de Ch'i estava indo viajar e fez um sacrifício para o deus das estradas e deu um banquete que teve a presença de mais de mil convidados. Quando alguns gansos e peixes lhe foram presenteados, ele olhou para o céu, suspirou e disse: “O Céu é muito bondoso conosco, fornece-nos arroz e cria pássaros e peixes para comermos.”

Todos os convidados murmuraram e assentiram em concordância com o senhor. No entanto, um dos filhos de um convidado, uma criança de doze anos, levantou-se e disse: “Eu não concordo com isso. A miríade de coisas do Céu e da Terra diferem apenas de forma e contornos. Nenhum tipo é mais nobre do que outro, e nenhum grupo foi criado em benefício de outro. Todo ser vivo come o que pode conseguir. Nós, seres humanos, comemos peixe e pássaros, os mosquitos sugam-nos o sangue e os tigres comem a nossa carne. Se dissermos que aves e peixes foram criados para que os comamos, então teríamos que admitir que nós, seres humanos, fomos criados para que os mosquitos e os tigres se deleitassem conosco.”

### **112 – Está tudo na nossa mente**

Havia um homem em Ch'i que era tão pobre que sempre mendigava no mercado. Inicialmente, os frequentadores do mercado compadeceram-se dele e davam-lhe esmola.

Depois de um tempo, quando perceberam que o homem planeava viver da caridade dos outros, deixaram de o ajudar.

O mendigo caiu no desespero, mas por fim lá conseguiu um trabalho servil num estábulo a limpar o esterco de cavalo. Os homens que antes lhe davam esmolas riram dele e disseram: "Não tens vergonha? Se submetestes a tal nível tão baixo a ponto de se dispor a limpar estreme de cavalo?"

O pobre homem respondeu: "Todo o trabalho tem o seu lugar na sociedade. A mendicância é vergonhosa, e ainda assim eu mendiguei. Agora que eu tenho um trabalho honesto, por que eu deveria ter vergonha disso?"

Quer uma atividade seja vergonhosa ou não, dependes do que pensas de tal atividade.

Havia um homem de Sung que tinha o hábito de apanhar as coisas que as pessoas deixavam cair na rua. Ele juntava notas de dinheiro rasgadas e recibos esfarrapados de casas de penhores e de vez em quando contava os itens da coleção. Depois, ia aos vizinhos e dizia: "Um dia serei um homem muito rico."

Quer se sejas rico ou não, depende do que se pensas acerca disso.

Havia uma família que tinha uma árvore de plátano no pátio. Os vizinhos vieram e disseram: "Os plátanos dão fruto, mas não dão flor. Dá azar ter esta árvore no seu jardim. Devia cortá-la assim que puder."

A família cortou a árvore e despejou a madeira atrás da casa. De imediato, os vizinhos vieram e tiraram os troncos para lenha. A família desconfiou dos motivos dos vizinhos e disse entre si: "Os nossos vizinhos realmente são astutos. Eles disseram-nos que a árvore dava má sorte para que conseguissem lenha sem esforço."

As pessoas são astutas ou não? Está tudo na nossa mente.

Havia um homem que perdera um machado e que suspeitava que o menino da porta do lado tivesse o roubado. Nos dias seguintes, ele observou os movimentos do menino e decidiu que o comportamento e a aparência dele se assemelhavam aos de um culpado.

Mais tarde, o homem encontrou o machado numa área deserta na floresta. Quando chegou a casa, o menino do vizinho já não parecia um ladrão.

Quer alguém seja culpado ou não depende desde logo da opinião que tivermos da pessoa.

### **113 – Aqueles que se envolvem ficam confusos; aqueles que observam têm clareza**

O duque de Pai estava tão empenhado em vingar a morte do seu pai que não conseguia pensar em mais nada. Estava tão absorto em fazer planos para a sua vingança que se esqueceu de que segurava a sua bengala invertida. Ele inclinou-se sobre a sua bengala e a ponta afiada penetrou-lhe a bochecha. Um dos seus amigos disse: “Ele está tão mergulhado nos próprios pensamentos que tudo ao seu redor é um borrão.”

Havia outro homem em Ch’i que estava obcecado em ficar rico. Um dia ele entrou no banco e tentou sair com vários sacos de ouro. Os guardas o caçaram imediatamente. Um transeunte disse: “Apenas um tolo pensaria em roubar um banco na presença de guardas armados.”

O homem disse: “Minha a mente estava tão concentrada no ouro que nem vi os guardas.”

Muitas vezes, as pessoas se encontram tão absortas em seus pensamentos que se distraem totalmente do momento presente e do mundo ao seu redor, chegam ao ponto de se esbarrarem contra paredes, placas ou cair em buracos. Ao estarmos envolvidos em nossos pensamentos o que é naturalmente óbvio e claro tende a tornar-se como um borrão, incognoscível e complexo.

**FIM**